

A Voz de MELGAÇO

O Jornal mensal de todos os Melgacenses

2016

DIRECTOR: CARLOS NUNO VAZ • ANO LXXI - N.º 1398 • 1 de NOVEMBRO de 2016 • Preço Avulso Euros 1,50 • Assinatura Anual: Portugal 20 Euros - Estrangeiro 25 Euros

www.calvolima.com

IMOBILIÁRIA LIDER NO VALE DO MINHO

MELGAÇO MONÇÃO VALENÇA P. COURA

CERVEIRA CAMINHA MOLEDO ÁNCORA

Calvolima Imobiliária

VENDE ARRENDA TRESPASSA

T. 251 654 924

DEVESAS - 4400 V. N. GAIA
 Autorização para circular em invólucro de plástico fechado N.º DE02192004DCC

Desfolhada e feira à moda antiga da Santa Casa da Misericórdia atraíram a população

pág. 3



Excelência do turismo de natureza faz sonhar com um corredor verde entre Melgaço e Terras de Bouro

págs. 26 e 27



Vinhos de perfil robusto págs. 14 e 19



Apresentado o livro "História de uma Vida" de Carlos Pereira Lemos

págs. 14 e 31



Passeando por Riba de Mouro e Fiães

pág. 4

No Centenário do Nascimento do P.º Júlio Vaz, Cónego Manuel Faria e P.º Benjamim Salgado

pág. 5

As escolhas de Marta. Conto de Olinda Carvalho

pág. 6

Reunião do Curso do Seminário 1953-1965

pág. 8

Conselhia do PS ainda não designou candidato às autárquicas de 2017

pág. 13

Campanha de Promoção de Vinho Alvarinho da Sub-Região de Monção e Melgaço e seu 'Estatuto próprio'

pág. 17

As Cordilheiras do Cáucaso

págs. 24-25

Pelo São Martinho

pág. 30

Viagem à Noruega

pág. 32



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
 a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...
 Qual ressaltar eu não sei,
 Pois em qualquer atributo
 Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com
 Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
 Tel: 251 825 341 / 251 402 138

OZONOTERAPIA

TRATAMENTO FEITO PELA ADMINISTRAÇÃO DE OXIGÉNIO E OZONO

Efeitos benéficos para o organismo, sobretudo para tratamento das dores osteomusculares e úlceras originadas por má circulação e diabetes.

Tem efeito oxigenante, revitalizante, anti-oxidante, regenerador, anti-álgico e anti-inflamatório.

Experimente e verá que ultrapassa as melhores expectativas.

MÉDICO:
Doutor José António Marques Magalhães
 ESPECIALISTA EM MEDICINA INTERNA
 UNIVERSIDADE DE UCLA - LOS ANGELES - EUA



**CALLE POLICARPO SANZ - 9 - 1º ANDAR
 VIGO - ESPANHA - Tlm: 0034 652 469 433**

A caminho da auto-regulação emocional



Birras, desobediências, teste de limites, chamar 1,2,3x, dificuldade em aceitar o não, comportamento problemático à hora da refeição, interrupções constantes, irrequietudes, problemas de comportamento... uuffaaa... grande listagem de problemas, dirão... forma marcadamente negativa de iniciar a crónica ... acrescentarão. Ambos certos, mas, por certo também nalgum ponto, sobretudo para quem tem filhos na primeira e segunda infância, encontraram identificação e tópicos familiares.

São as temáticas infantis dos dias de hoje. Dos dias em que, por vezes, algumas prioridades estão invertidas; dos dias em que tende a escassear a disponibilidade mental e emocional para a comunicação (repare-se que, de modo propositado não foi aqui introduzida a palavra *tempo* porque aquilo que é necessário não é nenhum segundo turno de trabalho ou atividade extracurricular); dos dias em que urge encarar encarar as emoções como algo de útil à nossa adaptação funcional, que tentam sempre transmitir-nos qualquer coisa e não como algo que temos de per-

manentemente eliminar, sobretudo as negativas. Controlar sim, eliminar não. As emoções, como a ansiedade e o medo, permitiram-nos evoluir como espécie, porque nos trouxeram a necessidade de desenvolver esquemas de sobrevivência, de evolução, trouxeram-nos a capacidade de perceber que tínhamos de interagir com os outros e trabalhar em equipa, caçando em grupo, mamutes, por exemplo. A tristeza, pela perda de um ente querido, condiciona em nós o chamado estado de "cisma", que corresponde a um estado de pensamento constante acerca desse mesmo ente querido, que nos prepara e nos permite fazer o luto por essa pessoa.

As emoções são, assim, importantíssimos barómetros de funcionamento individual, e têm, cada uma delas, um papel fulcral no nosso perfil psicológico. Não devem ser evitadas, ou eliminadas: devem sim ser identificadas, compreendidas (percebendo, então, o seu papel) e controladas, afim de conseguirmos uma auto-regulação emocional. E esta competência (diria, competência para a vida) pode, e deve, ser de-

envolvida e promovida logo na primeira infância.

Voltando ao primeiro parágrafo da crónica, lemos, nas entrelinhas, emoções como a raiva, frustração, ansiedade. Como promover, então, a auto-regulação emocional na primeira e segunda infância? Neste âmbito, emerge, mais uma vez, como fundamental, o papel da parentalidade nesta competência educacional:

– Escuta ativa: no final do dia, ao chegar a casa, e em vez de ligar TV; enviar aquele e-mail que falta para o trabalho (e que em boa verdade pode ser enviado quando as crianças estiverem a dormir); consultar as redes sociais; ou ir logo, logo, preparar o jantar, dedicar 15 minutos (como foi dito, a expressão falta de tempo é aqui irrelevante) a escutar verdadeiramente a criança. Escutar, não ouvir enquanto se faz alguma coisa. Escutar significa perguntar, com interesse, o que a criança mais e menos gostou no seu dia; algo que fez no dia e que a tenha deixado particularmente satisfeita consigo própria; se há algo que a preocupe; qual foi o último filme que viu e que mais

gostou; se há algo que gostaria de perguntar também sobre nós próprios, sobre o nosso dia.

– Elogio verdadeiro e técnico: elogiar o comportamento adequado, a atitude bem conseguida, mas não só, não basta um "Muito bem!", ou um "Fixe!". É preciso justificar o elogio e incentivar a competência demonstrada. Algo como: "Parabéns, arrumaste as tuas coisas, por tua iniciativa. O teu espaço está muito bem organizado! Sei que vais continuar a ser capaz. Aposto!"

– Ensinar a criança a saber esperar pela vez, a adiar uma gratificação ou estímulo positivo pretendido (esperar pela vez na fila; esperar para poder escolher o que ver na TV, partilhando o tempo de TV com os irmãos/primos/amigos; adiar aquele brinquedo, ou o doce que se vê e se quer no imediato).

– Ajudar a criança a desenvolver competências como tolerar as diferenças, o gosto em ajudar, ser justo, rir de si próprio.

Sónia Vaz
Psicóloga Infantil
Revista SIM

Vindimas em S. Paio

No dia 24 de Setembro foram feitas as vindimas do Zé Manel da Carreira – S. Paio, onde participaram vários amigos e vizinhos.

Eram 30 pessoas, que depois de uma tarde de trabalho se sentaram à mesa para uma merenda cheia de bons petiscos e boa disposição.

A todos um muito obrigado.

Zé Manel

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:
redacao@vozemelgaco.pt
director@vozemelgaco.pt
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Site: www.vozmelgaco.pt
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director
Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção
Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes
João Martinho Silva – Melgaço
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:
Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença
Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
Ana Cristina Costa – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Armindo Vaz (Dr.) – Macau
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Gaspar Caldas – Melgaço
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção
Manuel Félix Igrejas – Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga
Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Brasil
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Chaviães
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Ramiro Lima Cerqueira – Melgaço

Membro da:
AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

FADO Solidário com os Bombeiros Voluntários



A Casa do Povo de Melgaço realizou, no dia 29 de Outubro, uma noite de Fado.

Naquela que foi um das primeiras iniciativas da associação, a casa encheu para uma noite de Fado Solidário, cuja verba, cinco euros pela entrada, reverteu para os Bombeiros Voluntários de Melgaço.

Foto: Carlos Almeida

ENTRADAS GRATUITAS NO MUSEU DE CINEMA Para assinalar Dia Mundial do Cinema



Melgaço comemora no próximo dia 5 de novembro o Dia Mundial do Cinema com entradas gratuitas no Museu de Cinema de Melgaço Jean Loup Passek, um interessante local de culto do cinema, caso único no país. Aqui encontram-se milhares de cartazes e fotografias, máquinas de cinema do tempo do mudo, equipamentos mais modernos e muitos filmes, um espólio doado por Jean Loup Passek que venerava a vila melgacense.

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;

4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Amigos de "A Voz de Melgaço"

IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda. – Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

Santa Casa da Misericórdia propôs-se reviver as colheitas junto da comunidade melgacense

Desfolhada e feira à moda antiga atraíram a população



A Santa Casa da Misericórdia de Melgaço realizou, nos dias 14, 15 e 16 de Outubro, um fim-de-semana de actividades onde as colheitas – com especial atenção ao milho, cultivo transversal a quase toda a população minhota que tinha actividade agrícola – foram o mote desta iniciativa revivalista.

O programa da temática "(Re)vivendo as Tradições e Colheitas", levado a efeito com o apoio da Câmara Municipal e o envolvimento de várias instituições e associações locais, começou no dia 14, sexta-feira, com uma "Feira à Moda

Antiga" na Praça da República. Aproveitando a movimentação da feira semanal, as crianças trajaram a rigor de outros tempos e foi de cesta ou saco à moda antiga que a exposição de produtos se realizou. "Venderam tudo, não se levou nada de volta", referiu Aprígio Costa, presidente da assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço e organizador da agenda de actividades culturais da instituição.

No Sábado, o parque de viaturas dos Bombeiros Voluntários de Melgaço transformou-se num improvisado soalco tipicamente minhoto devido ao milho que, pronto a desfolhar, ladeava o recinto. Prontamente desfolhado pelos participantes da festa, onde o Grupo de Brandeiros da Gave se inseriu, trajando conforme o preceito da época de trabalhos. A iniciativa contou com a participação de Zezé Fernandes e do Rancho Folclórico de Pinheiros (Monção), que brindou o público com as danças e sons característicos do Minho.

No dia 16, domingo, houve missa, na Igreja do Convento das Carvalhiças com bênção das colheitas, seguida de procissão e leilão de colheitas, este no Largo Hermenegildo Solheiro.

Na sua primeira acção programada para mais do que um dia e com adesão de público variável ao longo dos dias de actividades, Aprígio Costa considera que esta acção temática se insere entre as que "teve mais impacto junto da população" e definidas para continuar na programação a considerar para o próximo ano. "Neste ano tivemos um programa para o ano todo, criamos uma agenda para vermos qual conceito a população iria acarinhar. Para o ano de 2017 iremos substituir umas e apresentar outras novas, mas esta de reviver as colheitas queremos que se concretize e que perdure por muitos anos, queremos que seja um dos pilares das acções organizadas pela Santa Casa da Misericórdia", indicou.

*Texto: João Martinho
Fotos: Carlos Almeida*




ESTHETIC SMILE
HEALTH CARE

CARTÃO CONSULTA

**CUSTA MENOS
SORRIR MELHOR**



**INFORME-SE E ADQUIRA PARA
BENEFICIAR DE PREÇOS ESPECIAIS
E VANTAGENS EXCLUSIVAS
DURANTE TODO O ANO**

A ESTHETIC SMILE Melgaço participa da Campanha MELGAÇO A SORRIR. Utilize o seu CARTÃO CONSULTA ESTHETIC SMILE e procura a BOLINHA AMARELA



**MELGAÇO
A SORRIR**

ESTABELECIMENTO ADERENTE



SORRIA
Aqui o seu cartão



Dá descontos
Estabelecimento Aderente

MEDICINA DENTÁRIA

Implantes com Cirurgia Guiada
Sedação Consciente
Radiodiagnóstico em 3D (TAC, Tele e Ortopantomografia)
DSD (Dental Smile Design)
Estética Facial (Toxina Botulínica e Ac. Hialurónico)
Ozonoterapia
Plasma e Fatores de Crescimento
Banco de Ossos
Tratamentos Convencionais



+351 251 404 002
antoninohebe@sapo.pt

Custa menos Sorrir Melhor!!!!
Travessa de Santiago nº 67 4960-613, Melgaço

Visite-nos também no [Facebook](https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaco): <https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaco>

Passeando por Riba de Mouro e Fiães

Há alguns anos atrás, ao pesquisar o espólio do meu avô paterno, o monçanense Henrique José Nunes (1885-1951), encontrei algumas referências a um senhor de nome Jeremias Alves (1868-1944) e ao Café Jeremias, de que era proprietário, o qual, nos primórdios do século XX, tinha portas abertas numa das avenidas mais centrais do Rio de Janeiro, no Brasil, que então crescia e se modernizava.

Entretanto, nas minhas leituras sobre o período de tempo que liga os séculos XIX e XX, identifiquei textos e fotografias sobre o referido Café Jeremias, muitos das quais relacionavam o nome do seu proprietário com o do meu avô, a quem dera emprego ao balcão (caixeiro) da respectiva tabacaria a partir de 1907.

Coligidos todos esses elementos, tal o seu interesse e o facto de me ter apercebido que Jeremias Alves, um emigrante bem-sucedido, era natural da freguesia de Riba de Mouro, do concelho de Monção, cheguei à conclusão que se justificava escrever um texto que evocasse esse meu conterrâneo.

Previamente, achei oportuno dar uma saltada a Riba de Mou-

ro, onde já não ia há muitos anos, para ver se a memória daquele benemérito ainda perdurava na terra da sua naturalidade. Ora, de entre os meus amigos ou conhecidos ligados a Riba de Mouro, apenas me lembrei do Dr. António Alves Pereira, conceituado advogado na ex-comarca e actual instância de Monção, meu antigo colega de estudos no Liceu Sá de Miranda, em Braga, e na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Num recente encontro em Braga, comemorativo dos cinquenta anos da saída do Liceu, contactei-o, tendo-me informado que o nome de Jeremias Alves merecia algum destaque num dos edifícios da aldeia.

Desse modo, no último mês de Agosto, por ocasião da minha estadia em Vila Praia de Âncora, decidi dar uma saltada a Riba de Mouro, para melhor enquadrar o texto que tinha em mãos. E foi assim que, acompanhado de familiares, entre os quais o benjamim da família, o meu sobrinho-neto Luís Viriato, que, aos 20 meses de idade, foi respirar os bons ares do Alto-Minho, aproveitei uma deslocação a Fiães, no concelho de Melgaço, para, na passagem, visitar Riba

JEREMIAS ALVES é um lho nome que se repetirá de gera- amor



de Mouro, freguesia que até 1855 integrou o extinto concelho de Valadares.

Foi um passeio memorável, com prévia e óbvia passagem pelo centro cívico e social de Riba de Mouro, onde, mesmo ao lado da Igreja, na parede frontal do Centro Paroquial, pude ler a lápide que tanto ansiava encontrar, contendo os seguintes dizeres: "Ao grande benemérito JEREMIAS ALVES, homenagem da freguesia".

Concretizado o principal objectivo da visita, ainda perguntei a pessoas que por ali passavam se tinham ouvido falar de Jeremias Alves e se deixara descendentes na localidade, mas o insucesso foi total, o que mais me instigou a prosseguir neste meu desígnio de colaborar na recuperação da sua memória.

Seguiu-se a viagem, Serra da Peneda acima, até Santo António de Vale de Poldros, com o estômago a bater horas. Aí pudemos saciar a fome e a sede num restaurante tão improvável quanto regional, que tinha sido recomendado pelo meu amigo e colaborador deste jornal, o Sr. Júlio Domingues. Fomos muito bem recebidos pelo proprietário, Sr. Fernando, e seus colaboradores. Tinham para atender um grupo de motards espanhóis e um outro em festa de confraternização. Apesar de todo esse trabalho, serviram-nos uma vitela bem confeccionada, regada com bom vinho verde da nossa terra, num misto qualidade/preço imbatível. É para repetir e faço publicidade, porque não lhe vi concorrência nas proximidades.

Aproveitámos para visitar a branda e as suas cardenhas de pastores, ficando-nos uma perspectiva histórica do modo tão isolado e primitivo, provavelmente bem mais sadio e ecológico do que o actual, como ainda viviam recentemente povos tão próximos de nós.

Aliás, num dos últimos núme-



ros do quinzenário de Monção, *A Terra Minhota*, vem noticiada a publicação de uma obra sobre a história de Santo António de Vale de Poldros, da autoria do arquitecto Manuel Teixeira, que, por acaso e com muito interesse, pude folhear no restaurante atrás referido, antes mesmo de estar à venda.

Seguimos depois para Fiães para assistir à inesquecível apresentação da obra *Cartulário do Mosteiro de Fiães*, da autoria do Cónego Professor Doutor José Marques, ilustre vulto da Igreja e do saber, por quem tenho o maior respeito e admiração.

Desse modo, no que me toca, revisei o quase milenar Mosteiro cisterciense, onde se respira história e passado, a frondosa alameda que o antecede e até o mais velhinho dos carvalhos, que continua bem de pé. O Professor Doutor Armando Malheiro da Silva aproveitou para me mostrar e ao meu irmão Henrique, numa casa das cercanias, dois arcos do demolido (!!!) claustro do Convento. Ali, na alameda de carvalhos, fui muito bem acolhido pelo meu bom amigo Padre Doutor Carlos Vaz, digno director de *A Voz de Melgaço*.

Pude então rever, conhecer ou estar perto de alguns dos grandes vultos da Academia portuguesa que presenciaram e glorificaram aquele momento histórico e deram nova vida ao Mosteiro. De entre eles cumpre-me destacar o antigo Reitor da Universidade do Porto, Professor Doutor Luís António de Oliveira Ramos, que conheço há quase sessenta anos, já que um dos meus maiores e mais antigos amigos, infelizmente já desaparecido, era o seu irmão mais novo Dr. José Feliciano.

Foram momentos inesquecíveis, os que passei em Fiães.

Voltando a Jeremias Alves, cumpre-me acrescentar que foi um daqueles emigrantes do Alto-Minho que jamais esqueceu as suas origens alto-minhotas, no-

meadamente a da sua terra natal, que foi Riba de Mouro.

Por outro lado, acolheu no seu Café Jeremias, no Rio de Janeiro, o meu avô Henrique José Nunes, a quem deu emprego na respectiva tabacaria de 1907 a finais de 1919, quando aquele estabelecimento encerrou. No ano de 1900, o meu avô tinha ido de Monção para Lisboa trabalhar para a Tabacaria do Hotel Francfort, na Praça do Rossio e ali se tornou um caixeiro e balconista atento e competente, até que, em 1907, resolveu emigrar para o Brasil, onde, de imediato, o seu conterrâneo Jeremias Alves, a quem tinha sido recomendado, lhe ofereceu emprego.

Foi então e ali, no Rio de Janeiro, que esse meu avô conheceu e casou com a minha avó Lucinda de Campos Amaral, depois Nunes, senhora prendada, natural de Oliveira do Hospital, que vivia na então capital do Brasil com os pais. Daí uma das razões de ser deste escrito, já que, se não tivesse sido o emprego que Jeremias Alves deu ao meu avô, talvez a vida deste ramo da família Nunes tivesse sido diferente.

No ano de 1919, o meu avô regressou a Monção, onde veio a ser sócio-gerente da Pensão Restaurante Vaticano e da sua Taberna Buraco, nos baixos do prédio, a primeira para os mais abastados, a segunda para os remediados, de 1926 a 1951, situada em frente à Estação dos Caminhos de Ferro, que muitos leitores deste jornal devem ter frequentado, antes de prosseguirem viagem, em carro próprio ou nas camionetas do Cura, até Melgaço.

Oportunamente, continuarei a escrever sobre este tema, para contar tudo quanto pude recolher e ficar a saber sobre a vida desse benemérito de "Lá de Riba", como dizem os riba(de)mourenses.

Escrevo como aprendi.

Braga, 7 de Setembro de 2016
José António Barreto Nunes

Chegámos a Melgaço!

Farmácia Vale do Mouro
— Melgaço —

Conheça as vantagens do nosso cartão de cliente
Adesão Gratuita!

Rastreios GRATUITOS em Novembro
Glicémia: 1 a 15 de Nov.
Peso + Altura + IMC : 16 a 30 de Nov.

Contactos:
[+351] 251 403 312
melgaco@farmaciavaledomouro.pt
www.farmaciavaledomouro.pt
Rua Dr. Augusto César Esteves, 213
4960-402 Melgaço
Antiga Farmácia Dias Ferreira

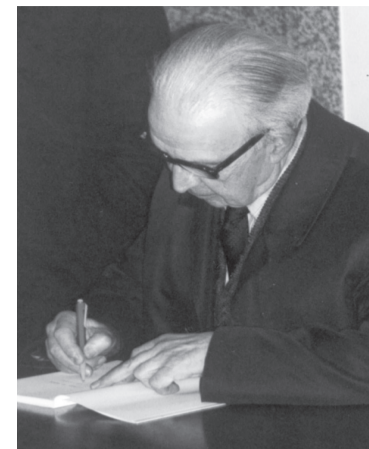
De 2 a 6 feira
das 8:00h às 20:00h

Sábado Domingos
e Feriados das
9:00h às 12:30h e
das 14:30h às 19:00h

A produção escrita de António Luís Vaz

CIVILIZAÇÃO EM PERIGO – Capítulo VI

A Conquista do Saber... (1ª parte)



Em que muito pese aos detractores da Escolástica Portuguesa, a verdade é que o estudo da Filosofia em Portugal soube elevar-se a patamares superiores ao de qualquer outra ciência menos a Teologia. A suposta negação dos portugueses para esse género de estudos não passa de hipótese, como tantas outras que a preguiça intelectual deixou passar em julgado...

Quanto mais se estudam os manuscritos e a História da Filosofia entre nós, mais se arreiga a convicção de que no século XVI batemos qualquer das nações estrangeiras, se exceptuarmos a vizinha Espanha, num campo em que temos valores que se chamam Pedro Hispano, Francisco Sanches, Leão Hebreu, António de Gouveia, D. Jerónimo Osório, D. Frei Gaspar do Casal, Frei João de S. Tomás e os Conimbricenses.

Se ao depois escasseiam valores com a forte preparação intelectual destes, o facto deve-se à reforma pombalina, ao ódio crescente que foi limitando o estudo da Filosofia a irrisórias proporções.

Não imputemos à inteligência portuguesa uma falta de que está isenta. Expliquemo-la, antes, com razões bem mais profundas e lógicas.

Se ela pôde oferecer à Europa o livro de texto por onde aprenderam dezenas de milhares de alunos, durante o espaço de mais de três séculos, a Escolástica Tradicional; se com Francisco Sanches e Leão Hebreu influenciou poderosamente no espírito do continente; se pensadores como Descartes, Gassendi e tantos outros se deixaram trabalhar pelas obras dos Conimbricenses, não vejo motivos para atribuir a suposta ausência de gosto nacional pelos estudos filosóficos, a sua decadência, a partir do século XVII.

Não: a verdade é muito outra e disso temos prova durante o Renascimento. Aliás, - para citar apenas o filósofo cuja ciência nos preocupa - a quem deve Frei João de S. Tomás, glória da Universidade de Alcalá, o esplendor, a clara visão dos problemas, que se notam no seu «*Cursus Philosophicus*»?

A quem deve a preparação filosófica, sabendo-se que em Lovaina apenas estudou as ciências teológicas? A quem, senão a Coimbra?

O Colégio das Artes, como a própria universidade, estava em plano igual - para não dizer superior - ao de qualquer universidade europeia. Os lentes gozavam de renome internacional. Os livros publicados tiveram diversas edições no estrangeiro, alguns em editores que trabalhavam para homens como Erasmo e os renascentistas da França ou da Itália. A própria inteligência anti-escolástica não pôde conservar-se alheia à renovação filosófica de Coimbra.

Mas então a que vem o desprezo nacional por uma das nossas maiores glórias? Precisamente do facto de serem nacionais homens homens que a Europa ainda hoje admira pela sagacidade, pelo engenho, pela forte bafeira mental. A sorte não bafejou os nossos pensadores. Pedro Hispano, Luiz de Lemos, Luiz de Sotomaior, Pedro da Fonseca, D. Jerónimo Osório, D. Frei Gaspar Casal deviam ter nascido em qualquer parte, menos em Portugal. Os livros estrangeiros exultariam com o achado e nós, portugueses, render-lhes-íamos então o preito que por justiça lhes devemos...

Mas há outros motivos, quicá mais fortes: eram jesuítas, religiosos, padres... Escreviam em Latim, rebatiam os desvairados intelectuais da época, ainda hoje tão do agrado de certos elementos nacionais...

Ninguém ousou fustigá-los, quando vivos. Protestantismo e humanismo pagão conservaram-se a distância. Hoje dormem o sono dos justos nos túmulos seculares. Mais que um tufão mordeu as cinzas venerandas dos heroicos pioneiros. A poalha da Revolução Francesa ainda hoje tolda os olhos de muita gente. Cavaleiro de Oliveira e Teófilo são os ídolos de sectores nem tão libertos de preconceitos que osem folhear as obras dos mestres nem tão escravos da verdade que tenham a coragem moral de confessar o «*me poenitet...*»

De resto alguns só não vêm à razão, porque ainda não vin-

garam pôr-se em contacto com o pensamento robusto dos nossos Escolásticos. Nem lhes será fácil aproximar-se, enquanto eles se esconderem por detrás da muralha inacessível do Latim ciceroniano em que redigiram os tratados.

O estudo filosófico e o das humanidades estão muito por baixo, em Portugal. O resultado é este: tesouros inefáveis, dormem, sepultos, debaixo do pó irreverente dos séculos...

Alguns dos nossos melhores pensadores, poetas e sábios, continuam ignorados, esquecidos, e unicamente postos em relevo por algum estrangeiro que adregue de se deixar prender pelo feitiço das suas ideias e estilo.

O liberalismo sacudiu a grelha revolta, espostejou a herança multissecular dos mosteiros, universidades e seminários, correu com os padres, tornou quase impossível a vida intelectual séria, metódica, contínua dos sacerdotes, acabando com as colegiadas, perseguindo os religiosos, fechando os seminários... Quem podia dar-nos a conhecer o filão precioso dos nossos velhos mes-

tres, ainda não teve tempo de sacudir o pó da viagem do regresso. Algumas obras vão aparecendo e venhamos em que, a dispormos da monção que nos bafeja, a continuar o livre gozo dos direitos civis por parte dos sacerdotes e religiosos, em breve teremos cá fora ensaios, livros, estudos acerca da época mais brilhante da história portuguesa.

Até lá, não caiamos no logro de sermos estupidamente enganados por escritores menos bem formados ou com intuítos nem sempre honestos, quando escrevem.

É bom que passe o ódio ao Latim e à Escolástica só pelo crime de neles se conservar o testemunho mais fidedigno, mais humano e mais universal das glórias da Igreja.

O episódio a que me venho referindo é um dos mais vergonhosos da história do pensamento nacional, pelo que representa de injustiça, de falta de amor ao que é nosso por parte dos responsáveis que puseram a correr a atoarda...

Não! Tenhamos coragem de afirmar o contrário do que por aí vai. Os Escolásticos Portugueses

não têm responsabilidade nenhuma na decadência dos estudos filosóficos entre nós. Longe de ocupar uma posição subalterna, eles revelaram-se gigantes do pensamento nacional, ombreado perfeitamente com os europeus.

Europeus!... Quem fala aí em europeus?... A Europa, nessa altura, atravessava uma das maiores crises da história: o materialismo, o protestantismo, o humanismo pagão aninhavam-se nas universidades mais famosas. Noutras, incubava o cartesianismo, o jansenismo, o febronianismo, o galicanismo, a maçonaria, a Enciclopédia, a Revolução Francesa...

Defensores do catolicismo, pelo espaço de dois séculos, quase só foi a Península. Aqui, sim, fulguraram talentos dos mais ousados e, entre eles, Portugal merece bem a honra de ser lembrado...

É de resto um simples acto de justiça...

Aliquis

Homenagem dos Antigos Alunos do Seminário no Centenário do Nascimento de: Cónego Manuel Faria, P.º Júlio Vaz e P.º Benjamim Salgado



1 DE DEZEMBRO – SEMINÁRIO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO – BRAGA
11.00 horas – Missa Solene com o coro do Seminário, presidida pelo Arcebispo D. Jorge Ortiga.
14.30 horas – Sessão Solene.

NOTA: Por questões de logística, quem quiser almoçar no Seminário deverá fazer a devida inscrição para o Telemóvel: **919 304 195**

As Escolhas de Marta

A Marta é uma menina-mulher que escolheu seguir os ditames do seu coração e dizer não aos da família, que a queria a casar de véu e grinalda na Sé do Porto, onde se casaram os seus pais e antes deles os avós e os avós dos avós. Não bastou aos pais proporcionar-lhe a melhor educação num dos melhores colégios do norte. Quando a adolescente quis acompanhar o irmão no seu desporto preferido, o surf, apoiaram-na, apesar de o abandono do piano não ser do seu agrado. Não viria daí mal nenhum, era melhor estar perto do Rodrigo do que entre amigos que eles não conheciam. Devia ser passageiro, as meninas não têm queda para atividades tão pouco elegantes, era uma fase. Por outro lado, ela merecia ser recompensada, pois entrar em medicina não é fácil e lá estava ela a seguir a carreira para que os pais a tinham orientado, sobretudo depois de o filho ter mostrado que não tinha pernas para lá chegar.

Enquanto o Rodrigo ia saltitando de desporto em desporto, muito por influência de novos amigos, e sobretudo amigas, a Marta entregou-se ao surf com tanto empenho como se dedicava às aulas, a tudo em que se metia. Desde que tirou a carta de condução e sempre que o tempo lho permitia, lá ia ela para a praia, lutar com as ondas, retribuir ao mar parte da energia que ele lhe dava em multiplicado. Saía da água cansada e revigorada, capaz de enfrentar qualquer desafio, consciente, antes dos vinte anos, que uma paixão assim é para sempre. A mãe torcia o nariz, mais por sentir a sua impotência perante a vontade da filha do que propriamente pela atividade em si, que, apesar de lhe ocupar muito tempo, nunca a afastara dos seus objetivos. O pai deixava-a em paz, apaziguando os queixumes da mulher, algum distanciamento só seria benéfico nas relações com a sua princesa.

O curso acabou, mas não a vontade da Marta de se emancipar, de deixar a tutela protetora dos pais, sobretudo da mãe, de voar com as suas próprias asas. Partiu para umas merecidas férias no sul, descobrindo em simultâneo uma nova paixão, o mergulho, e uma luz sem paralelo com a das praias adjacentes da sua cidade natal. O passo seguinte seria concorrer para hospitais que ficassem próximos do mar e onde houvesse mais sol, menos frio. A batalha foi quase tão renhida como a travada pela recusa da missa dominical. A mãe não reconhecia a filha educada com esmero, desfazendo de um futuro seguro, afrontando-a na recusa do que mais lhe convinha. Não fazia sentido recusar um posto certo, à porta de casa, por outro onde teria

de se esforçar muito mais, onde a competição seria feroz, a mãe sabia do que falava, já tinha passado pelo mesmo. Era o que os filhos deviam fazer, ela não queria o caminho facilitado pelos pais, só tinham de respeitar e aceitar as suas escolhas, afinal saía-se bem até aí e a vida era sua.

Na Nazaré teve a primeira casa só sua, que quis espartana, à medida das suas necessidades apenas, a dois passos do mar. Aí iniciava a sua jornada, bem cedinho, na companhia de outros amantes das boas ondas, muito antes de estas estarem na moda. Seguiu-se o trabalho, que quase sempre se prolongava para lá do horário administrativo, nunca se habituaria a cumprir à risca o que a lei e os costumes estipulam. Sempre com tempo para ouvir quem no médico busca consolo, sempre atenta a carências que não do seu foro, nunca recusava atender quem a procurava, muitas vezes para desconforto e impaciência de outros profissionais mais eficientes e menos prestimosos, fossem seus pares ou acólitos.

A mãe persistia em não querer compreender o que tomava por teimosia, confronto com os progenitores, nunca deixando cair a ideia de que o seu lugar era junto da família, no norte, onde pertencia, onde a vida tinha outra qualidade, onde nada lhe faltaria. Nada conseguindo com palavras, tentou encher-lhe a casa com bens *essenciais* que o seu vencimento não poderia comprar. O afastamento dessa vida de facilidade e proteção só saía reforçado, mãe e filha não conseguiam encontrar um espaço de entendimento: a mãe a queixar-se que não havia o mínimo retorno daquilo que dava, a filha a atirar à cara da mãe que não estava à venda e que não pedia nada. As amizades da infância, porque pouco presentes, foram dando lugar a outras, mais simples, menos exigentes, mais descontraídas sobretudo, quase sempre ligadas ao mar, ao surf, ao mergulho.

Num fim de semana prolongado, o outono à porta, para usufruir das ondas da costa vicentina, conheceu o Diogo e o seu filho Romeu. Foi amor à primeira vista? Alguém que esteve, está, ao lado da mãe mas não partilha a sua postura, diz que foi algo superior, não foi o acaso que juntou aqueles dois. A Marta apaixonou-se pelo Diogo ou pelo Diogo e pelo Romeu? O Diogo encontrou na Marta a alma gémea, serena, pronta a partilhar alegrias e tristezas ou a herdeira rica capaz de pagar as contas e de assumir como suas as dificuldades inerentes a uma doença grave? A luta que travam para preservar este amor dura há anos, tantos quantos

os da assunção da sua relação. É claro que a Marta não encara o seu futuro sem o Diogo e sem o Romeu e se o destino for tão cruel que deixe a criança sem pai, depois de ter sido abandonada pela mãe, caber-lhe-á a ela ser mãe e velar pela memória do pai.

Juntou-os a paixão pelo mar, reforçaram os laços nas consultas no centro de saúde do Pinhal Novo, por onde a médica esteve de passagem e donde teve de partir, porque o mar fica longe, as ondas são-lhe tão ou mais necessárias do que o pão para a boca. Quando a paixão se tornou imperativa, e porque o tempo de um doente grave não atende a esperas convencionais, escolheram viver juntos. A decisão foi dela e mudou-se para a cidade sadina. As visitas de fim de semana já lhe tinham dado a conhecer uma terra calorosa, pessoas simples e sem preconceitos valorizando atividades manuais, garante da sobrevivência, e muito tempo para tirar proveito da água e da luz sem igual da cidade, da baía, da serra. Tinha encontrado o seu porto de abrigo, era ali o seu lugar. Depois de se deixar acariciar pelas brisas sempre suaves do Sado e da Arrábida dispensa abafos caros e pesados, persiste na simplicidade, não precisa de parecer, basta-lhe ser.

O Romeu não deixa ninguém indiferente. Pelo ar pálido, seis anos franzinos, espevitados, algo desconfiados à partida, olhos grandes, cinzentos e inquisitivos, assertivos. A Marta já lhe queria bem, não demorou nada a render-se-lhe. Foi ele que lhe contou a sua história, depois de lhe perguntar se queria ser a sua segunda mãe. A primeira não sabia como tomar conta dele, estava cansada e triste e um dia foi-se embora, deixando-o com o pai e a avó Miqueta. Desde que o pai estava doente, a tia Débora ia buscá-lo e levá-lo à escola, e quando o pai ficava muitos dias sozinho para se tratar era em casa dela que morava. Não gostava muito de ficar em casa da tia, as primas eram um bocadinho complicadas. Por isso, se ela quisesse ser sua mãe, já não tinha de fazer o que a Inês e a Vanessa mandavam, não precisava de ir para casa delas. Com esta simplicidade toda, estava feito o enamoramento. Como se fora seu filho, foi assim que a Marta abraçou o menino, incapaz de pôr em palavras a resposta ao seu pedido, comovida até às lágrimas. Teve de engolir, afinar a voz para lhe dizer que sim.

A verdadeira história chegou mais tarde: a mãe do Romeu era toxicod dependente quando engravidou e não queria ter a criança. O Diogo quis acompanhá-la para a interrupção mas ela recusou,



era algo de que queria tratar sem ele, eram coisas de mulheres, uma amiga estaria com ela. Ele não a conhecia tão bem como pensava, cria até que ela não estava muito agarrada, deu-lhe o dinheiro que ela pediu, descansou depois de ela lhe confirmar por telefone que estava tudo bem, que ficava em casa da mãe. Seguiram-se dias, semanas e um dia encontraram-se na Comporta. Ela estava nitidamente grávida. Foi uma cena para esquecer, ele obrigou-a a explicar-se e mais tarde a acompanhá-lo. Até ao fim da gravidez nunca mais a abandonou e não a deixou drogar-se, disse-lhe que podia partir depois de ter a criança, mas que até lá esta não correria mais riscos.

O Romeu nasceu ao fim de quatro meses de pesadelo, muito pequenino mas saudável, e começou a vida dele como pai, a mãe deixou-os poucos dias depois de sair da maternidade. Nunca mais deu sinal e o Diogo não a procurou. Não queria dizer que tinha feito de pai e mãe, apenas o seu papel. Estava consciente de que tinha agido para que o filho tivesse um desenvolvimento normal, mas enquanto pai. Sabia que se não fosse um pai solteiro, talvez não tivesse posto o Romeu em cima numa prancha aos três anos nem o teria levado numa alcofa para as aulas na praia, talvez o tivesse posto a aprender a nadar numa piscina e não no mar, teria comido menos barras de cereais e mais sopa, teria um quarto mais arrumado e combinaria melhor a roupa que vestia. Mas eram grandes compinchas, o miúdo desenrascava-se muito melhor do que outros bem mais velhos, nunca fazia birras, ultimamente é que sentia alguma tristeza no seu olhar quando os tratamentos exigiam que ficasse isolado e ele tinha de ir para casa da tia. Podia ter sido pouco responsável quando dormiu com a mãe dele sem se proteger, mas sentia-se muito orgulhoso como pai e tinha muito orgulho no seu filho. Não queria pensar no futuro, gostaria de acreditar em Deus para lhe pedir proteção para o Romeu,

não gostaria de o deixar antes de ser homem e poder defender-se.

Isto tudo é uma pequena amostra do que foi relatado aos pais da Marta, para que tomassem consciência de que aquela criança lhe estava destinada, o encontro deles não tinha sido accidental, ela estava pronta para ser mãe, o Romeu precisava de uma que lhe desse segurança face à incerteza causada pela doença do pai. O seu gosto pelo mar, pela luz e pelo sol, pela tranquilidade da vida naquelas paragens de clima ameno fazem-na pensar que Setúbal tem todos os requisitos para ser a sua terra. Isto exaspera a mãe, que se recusa a entender como é possível ter tudo e escolher viver com tão pouco, apaixonar-se por gatinha de pé no chinelo, olhar por uma criança sem graça nenhuma, sacrificar-se por um homem diminuído, que só está com ela por interesse, alguma vez parou para pensar que o mais certo é ele não lhe poder dar um filho? Comunas e mouros à mistura, interesseiros e arrivistas, escolha fatal para uma *menina-bem*, que se deixou iludir por um amor romântico. Enquanto não puser ordem na cabeça, persistindo em se apresentar com aquela família, terá a porta da casa que a viu crescer fechada.

Menos radical, o pai vai contemporalizando com os excessos da mulher, até sente orgulho por a filha querer seguir o seu caminho sem muletas de qualquer espécie. Custa-lhe mais tê-la longe do que sabê-la junta com um homem com um filho, de se assumir como mãe. Está sempre pronto a ajudar e ajuda mais do que a mulher pensa, mas também o facto de não o poder fazer às claras, de se sentir controlado, o entristece. Como pode a mulher passar o tempo a bater com a mão no peito e acusar a sua própria filha de não saber retribuir o que lhe dão? Ela é incapaz de dar sem condições, de respeitar o ser, preocupando-se apenas com o parecer. Exatamente o oposto da Marta, mãe e mulher e médica por inteiro.

Olinda Cravalho

Iniciativas da campanha "Melgaço a Sorrir" continuam a envolver a comunidade em ações solidárias e de sensibilização

Sempre ativa e envolvente, no mês de Outubro, a campanha foi marcada pelas acções de solidariedade e sensibilização para grandes causas.

No dia 04 de Outubro, em nome dos comerciantes de Melgaço que integram a rede Esthetic Smile & Grupo Façanha foi feita a entrega dos cartões de consulta Esthetic Smile aos Bombeiros Voluntários. Esta foi uma forma de todo o comércio da rede agradecer e homenagear os bombeiros locais. Toda a corporação, cerca de 90 operacionais, poderão, ao activar o cartão consulta, usufruir dos benefícios inerentes ao mesmo, comprar com descontos nas lojas aderentes e usufruir de cuidados de saúde a preços reduzidos.

No dia 19 de Outubro foi realizada a entrega de escovas dentárias aos Médicos do Mundo, uma organização não governamental (ONG) de ajuda humanitária e de cooperação para o desenvolvimento que tem como pilar de acção a prestação de cuidados globais de saúde, na qual a Dra Hebe Zamagna colabora como voluntária.

De 15 a 31 de Outubro, a campanha "Melgaço a Sorrir" esteve envolvida nas ações do Outubro Rosa, promovendo junto ao público divulgação da necessidade de prevenção do cancro de mama através da distribuição de camisolas na clínica Esthetic Smile Melgaço.

João Martinho



Esqueço Papel

Parceria com: **VIAGENS 360**
R.NAVT: 2802

Site: www.esquecopapel.com
E-mail: turismo_viagens360@esquecopapel.com

Reunião de Curso

Mais uma reunião do nosso curso académico. De um percurso iniciado já lá tão longe: Em Outubro de 1953. Éramos, só nós então, cento e quarenta candidatos. Num casarão enorme (!), com mais cerca de trezentos e cinquenta! Casarão onde foi o nosso repasto. No que resta do refeitório que foi nesse tempo. Agora separado por módulos. Enquanto uns iam recordando os pontapés e bofetões pelo mau comportamento nos comboios de filas aos pares por onde silenciosamente passávamos e na descida e subida das escadas, outros iam recordando o jogo do "beto" lá fora no recreio. Outros ainda recordavam as aulas de ginástica do Dr. Leitão e os comprimidos pretos de carvão que ele receitava para os que sofriam dos "gases" para não dizer peidos, por vezes bem ruidosos. Outros iam recordando os "trinchantes" a privilegiar os "amigos" nos melhores bocados das refeições nas mesas grandes, compridas, na sua vez do repartir da refeição pelos pratos dos demais. Outros recordavam alguns dos prefeitos: o "cavaco"; o "bombeiro"; o "cuercus"; o "bentas d' aço"; o "radar"; o "passarinho". Deste e do "radar", a minha pessoa e o Matias temos recordações comuns imorredoiras. Outros, de outras memórias iam partilhando também. Por exemplo, o muro cujo salto para alguns foi a liberdade da "prisão" para a rua... Que isto de memórias de tempos vividos nesta Casa (seminário da Tamanca) é como o folhear de álbum de fotos antigas... "Olha a cabra ali!.. Dlan-dlan! Dlan-dlan!". Olha as escadas para os dormitórios!... Ali, era a sala do barbeiro!... Quem se lembra do "Penetra", ali na portaria?... Um nunca mais acabar de recordações de um tempo onde ainda fomos criança...

Enquanto uns disto e de outras memórias iam falando e comentando, nós (a minha pessoa) íamos procurando com os olhos e a memória, mas já no seminário de Santiago, o sítio do púlpito de onde, de lá de cima, um de nós à vez ia fazer a leitura de passagens de pedagogia espiritual enquanto, cá em baixo as refeições se iam engolindo em silêncio... Neste casarão enorme, onde foi o nosso repasto (como também nos outros), muito de nós lá continua, por mais descaracterizações que dele façam. O nosso passado de adolescente está ali. Desde o recreio até lá acima ao sótão onde estavam as malas dos nossos "enxovais". Com as aventuras das fugas e da "gazeta da coelheira". E já que estamos na "gazeta da coelheira" a alguns de nós vieram as saudades dos que já "se foram da lei da morte libertando": os insubstituíveis e carismáticos Vale Ferreira e Manuel Baptista "frei papinha".

E nós (a minha pessoa) e isto mesmo tendo sentido logo na igreja da Senhora-a-Branca no momento em que o Carlos Vaz, na Eucaristia, um a um foi recordando os já falecidos (vinte e três). Mais os que a nós se juntaram na viagem a Roma, pelos vinte e cinco anos de sacerdócio e de curso. Aí uma saudade mais sentida e mais premente nos invadiu, com a ausência de todos esses. Com um sentido de perda de algo de nós que com esses se foi também.

Dantes de cada reunião de curso e onde isso era possível, fazia parte integrante a visita à sepultura dos já falecidos. Como aconteceu a quando da penúltima reunião de curso em Subportela – Viana do Castelo. Por que não, mesmo que de forma aleatória, uma visita colectiva à sepultura dos que já nos "antecederam na Fé?".

No interior da magnífica e deslumbrante igreja da Senhora-a-Branca e do nosso íntimo, nos breves minutos antes da celebração da Eucaristia, individualmente fizemos ligeira meditação e foi nos ausentes que se fixou o nosso pensamento. Afinal todo o nosso curso "formou um só corpo" e do qual nos vamos sentindo amputados à medida que os nossos colegas vão desaparecendo. Como de uma família que se vai desmembrando... E depois, continuei pensando no



da) é possível, nas igrejas da periferia, ou mesmo já nas do interior, isso é (quase) impossível por se encontrarem fechadas por sistema. Este episódio fez-nos recuar, em pensamento, ao nosso tempo de um quarto-de-hora de meditação em frente ao sacrário, pelas nossas férias na aldeia. Num tempo de piedade intensa e profunda. Temos saudades desse tempo.

Ainda na ágape da Eucaristia, presidida pelo Carlos Vaz coadjuvado pelos Ribeiro Alves e o Palma; e Alcino Xavier e Barbosa, tivemos a refeição do pão e vinho consagrados. Na homilia, o celebrante dissertou um pouco sobre o

naquilo que se pensa e se diz! Mas "docement" - sem necessidade da afronta agressiva!

Têm, sempre, estas reuniões de curso um mérito, pelo menos: o de nos reencontrarmos ano após ano, no declinar, leve e saudoso do pôr-do-sol no outono das nossas vidas. Mesmo constatando que vamos sendo cada vez menos. Mas seremos sempre uma luz que jamais se apagará num percurso de vida que nos foi comum. Mercê, também, das memórias que vamos transmitindo ao papel.

Nesta nossa reunião, teve sabor especial o vídeo preparado pelo Severino, o qual nos recordou



conhecimento na próxima reunião de curso, como nesta aconteceu também através da leitura feita pelo Matias. Reunião de curso essa que, para nós será (quase) "em casa" pois ficou a cargo do Ribeiro Alves, ali por Azurém onde ainda se respira o hálito da Colina Sagrada, berço da nossa nacionalidade.

É nossa opinião que, em termos de futuro, se poderia pensar numa intervenção de reflexão, por um de nós e à vez, sobre assuntos de interesse candente. De questionamento de nós perante a FÉ que professamos e vivemos nas agora areias movediças dos valores em que fomos educados. Ou de outros valores que se tenham como oportunos. Ou mesmo de um testemunho pessoal. Num pequeno intervalo de tempo antes do café. Ou de cada um recordar, desse tempo que foi nosso, episódios que nos terão marcado, pela positiva ou pela negativa, para a nossa vida inteira. A nossa educação religiosa comunitária e social e até académica, mesmo tendo sido a melhor para a época, ouvida hoje por outros, deverá parecer "do outro mundo". Foi uma educação que imprimiu carácter na nossa personalidade. Mais que o do sacramento do Crisma. E seria um espaço muito rico de partilha com todos e para todos. Bem diferente, porque mais abrangente e envolvente, das partilhas verificadas em cada mesa, que terão funcionado como "ilhas" isoladas umas das outras. Neste contexto, não nos esqueçamos de que foi a educação forjada e moldada nos valores desse tempo que nos tornaram pessoas de ténpera, válidas na sociedade: no sacerdócio e na vida civil: professores, bancários, magistrados, médicos, juristas... Até na política enquanto serviço ético à comunidade.

E agora, só nos resta seguir a exortação cantada "*Ide por todo o mundo(...) e ensinai todos os povos (os próximos) (...) E anunciai a boa nova ...* com nosso testemunho de vida!

Um abraço amigo para todos!



que será feito dos ausentes que era habitual estarem (quase) sempre nestes nossos encontros e que desta vez foram tão escassos.

A dado passo, o Carlos Vaz disse para todos que o "Zé Pedro" sonha alto e acordado, quando teve de ser posto de lado o projecto cuidadosamente e com tempo elaborado para a nossa Eucaristia. Onde se pudesse cantar "com fé e com ardor" e se acabou por cantar o possível. Conosco ao órgão. Muito bom, por sinal, para o nosso gosto. Mas temos o "troco" a dar neste universo dos sonhos: é que o Carlos Vaz, quando questionou se não seria possível, a cada um de nós na já "aposentação" dispor ao menos de meia hora para uma visita ao Santíssimo, ele também sonhou alto e acordado. Se em Braga ou noutra cidade isso (ain-

"Pai Nosso" numa análise à tradução mais recente do Novo Testamento. Todavia, para nós, mais que a forma, é importante a sua substância, que é um constante desafio para nós na autenticidade (parresia -!!!- do testemunho) do nosso quotidiano. Para nós, talvez a oração mais sublime e mais desafiante na sua provocação do perdoar e do pedir e do agradecer.

Na ágape do convívio, não podemos deixar de fazer uma referência elogiosa ao vinho alvarinho do Carlos Vaz que, no sabor nele desfrutado, nos vieram "vapores" e "aromas" do "Cântico dos Cânticos" - "dar-te-ia de beber vinho perfumado...". "In vino, veritas!" Para nós, foi a parte saborosa da segunda ágape do nosso convívio. Para alguma coisa serve o tal vocábulo "parresia" - frontal e directo

o que foi a nossa reunião do ano passado. De modo especial a Eucaristia celebrada na renovada capela. Sem esquecer a anterior e preciosa lição sobre a história do actual e primitivo templo da Senhora-a-Branca e do tesouro do seu recheio.

Nesta nossa reflexão agora partilhada consigo, estimado leitor, sobre o que foi mais esta reunião de curso dos seminários diocesanos de 1953/1965, o nosso esforço foi no sentido de tentarmos uma "reportagem" mais colectiva e não pessoalizada. Todavia, não podemos fugir à condição de sermos nós a escrever estas linhas, onde a pessoalização é inevitável.

Para uma vivência mais alargada, penso que a perspicácia e atenção apurada do responsável pela acta, disto mesmo nos irá dar

Festa do Espumante abre-se aos produtores de Monção e aumenta número de expositores

Evento realiza-se no mesmo espaço de 25 a 27 de Novembro



Festa do Espumante de Melgaço volta para preencher o Largo Hermenegildo Solheiro com os tons de glamour com que pintou uma das principais praças do concelho em 2015, ano da sua estreia.

Em 2016, de 25 a 27 de Novembro, o evento promotor dos espumantes da sub-região de Monção e Melgaço traz de novo para a rua o melhor momento de prova de um dos produtos que mais tem surpreendido os consumidores e até os próprios produtores, pela aceitação que tem tido junto do mercado.

O espumante da casta Alvarinho (e até Rosé, em menos quantidade), era uma aposta moderada e fruto de ponderação ponderada de alguns produtores mais arrojados, mas acabaria por descobrir-se uma das novas bandeiras da excelência da sub-região. O sucesso nas vendas não se fez esperar e a época festiva que se avizinha pede que se guarneça a

garrafeira com os melhores vinhos para cada ocasião.

O município de Melgaço renovou a parceria com a Essência do Vinho, a empresa que concebeu a imagem e a estratégia de promoção do evento, mas irá equipar o espaço com mais balcões para novos expositores. O autarca de Melgaço, Manoel Batista referiu a este jornal que o redesenho do espaço permitirá receber mais expositores, na sequência do alargamento à inscrição dos produtores de Monção que queiram candidatar-se. "Motivo de grandes críticas na primeira edição, este ano achamos por bem arrancar com o alargamento da festa aos produtores de Monção", indicou o edil.

Para o efeito, a autarquia equaciona aumentar até mais oito balcões expositores, totalizando cerca de duas dezenas de produtores de vinhos espumantes nesta segunda edição.

Ainda sem atribuições con-

cretas para os espaços disponibilizados, o autarca revelou que há novos produtores de Melgaço que apresentarão pela primeira vez o seu produto e serão ainda reservadas áreas necessárias à laboração de dois espaços de restauração, sob a carpa a montar naquela praça.

Aos produtores de espumantes e aos restaurantes presentes somam-se ainda algumas bancas de outros produtos locais, desde o fumeiro aos queijos, passando pela doçaria, que em alguns casos já adiciona o Alvarinho à sua confecção, ganhando por isso um sabor característico e indissociável da temática da festa.

Ainda sem programa definitivo anunciado até ao fecho desta edição, a festa contará naturalmente com alguns momentos de apresentação de provas, harmonizações e novas formas de associar o vinho espumante à gastronomia local.

João Martinho

Tirar anos ao aspeto físico da face

A melhoria das condições de vida da sociedade atual leva as pessoas a tomarem medidas para retardar a instalação de sinais de idade. Muitos são os pequenos 'truques' com os quais já não passamos. São exemplo disso a utilização crescente de maquilhagens faciais, coloração dos cabelos, depilações, tratamento de unhas, mas também de protetores solares, cremes hidratantes, ginásios, SPA's, etc.



'Fazer botox' na face começa a ser um recurso muito frequente e generalizado, mas que encerra, por desconhecimento, ainda muitos receios. É comum ouvir-se dizer que determinada pessoa pública 'fez botox' porque agora apresenta os lábios mais proeminentes, o rosto mais preenchido ou a pele mais esticada. É completamente falso que o BOTOX tenha esses efeitos. **Esses são, geralmente, tratamentos com Acido Hialurónico ou seus similares ou mesmo cirúrgicos. O BOTOX apenas provoca relaxamento temporário nos músculos, por ação do seu princípio ativo que é a Toxina Botulínica tipo A em quantidades rigorosamente controladas.**

Como sabemos os músculos da mímica da face, depois de muitas contrações ao longo da vida provocam o aparecimento das chamadas rugas de expressão. São exemplo disso o 'onze' entre as sobrancelhas, as linhas horizontais e paralelas da testa e os conhecidos 'pés de galinha' ao redor dos olhos. Estas rugas tornam-se mais evidentes com a idade porque há uma redução do conteúdo de elastina e colagénio na pele.

Um dos problemas da utilização do Botox prende-se com a possibilidade de criar uma paralelização dos músculos da expressão e assim a pessoa ficar, temporariamente, impedida de revelar através da sua expressão mímica o seu estado de espírito. Ou seja, por exemplo, quando se ri apenas se ouve a sonorização da voz e não se vê a expressão peculiar escrita na face.

Por isso somos da opinião que uma boa aplicação de BOTOX não deve ficar apenas pela preocupação de inativar músculos de expressão para que as rugas desapareçam **mas, principalmente, que permita a utilização desses músculos, de forma menos intensa. A esta técnica chama-se mesobotox que começa a ter muitos adeptos no mundo da estética clínica.** Com o recurso ao mesobotox a pessoa vê-se livre das indesejadas rugas relacionadas com o trabalho muscular mas mantém as suas características de identificação facial.

Em conclusão diremos que numa correta aplicação de BOTOX apenas desaparecem as rugas do avançar da idade mas ficam as expressões próprios do indivíduo.

Enfermeiro Fernando Moreno,
Farmácia Gonçalves, Melgaço

Farmácia Gonçalves

f/FarmaciaGoncalves.Melgaço
farmagoncalves@sapo.pt
Rua de Galvão, s/n | 4960-549 Melgaço

VENDE-SE TERRENO

ALVAREDO · MELGAÇO

Terreno agrícola de 1.000 m², em Corredoura – Alvaredo, junto à antiga estrada nacional, com plantação de vinho alvarinho, vinha legalizada.

Contactos: 967 979 649; 966 253 748; 966 446 515.

VENDE-SE QUINTA EM FOLGA ALVAREDO · MELGAÇO

Quinta agrícola de 8.700 m², com produção de vinho alvarinho: vinha legalizada; nascente de água e reservatório, adequado para rega gota a gota; pomar; casa de apoio.



Contactos: 967 979 649 | 966 253 748 | 966 446 515

Bodas de Ouro de José e Delfina Gonçalves



No dia 2 de Outubro de 2016, Justino José Gonçalves e Delfina Gomes de Sousa Gonçalves, naturais de Prado (Melgaço) celebraram as bodas de ouro. A residir há mais de 50 anos no concelho de Almada, assinalaram a efeméride na missa dominical da igreja de Nossa Senhora de Fátima, da paróquia da Cova da Piedade.

Presidiu à Eucaristia o Padre José Pinheiro, na qual renovaram votos matrimoniais, tendo como testemunhas a família presente, entre filhas, genros, netos e mais familiares e amigos. Seguiu-se um almoço no restaurante Museu dos Sabores, localizado no Museu da Cidade de Almada, abrilhantado pela fadista Ana Pacheco e seus músicos.

João Martinho

Melgaço e Terras de Bouro integram projecto transfronteiriço de valorização do termalismo

O seminário "Raia Termal: Um destino em dois países – O termalismo como elemento dinamizador do território transfronteiriço" lançou a primeira pedra e apresentou as particularidades do projecto transfronteiriço "A Raia Termal", que visa promover a rede termal dos concelhos transfronteiriços.



A discussão, levada a cabo em 7 de outubro em acção realizada na fonte principal das Termas de Melgaço, procurou discutir as perspetivas do turismo termal a nível internacional e o novo quadro de financiamento comunitário 2014-2020.

O projecto "A Raia Termal" foi criado no âmbito do Programa Operacional de Cooperação Transfronteiriça Espanha-Portugal (POCTEP), envolve os municípios de Melgaço e Terras de

Bouro, a Confederação Hidrográfica do Minho-Sil juntamente com a Deputação Provincial de Ourense, e os municípios galegos de Cortegada, Lobios, Bande e Muiños.

Com o propósito de proteger e conservar os espaços naturais fluviais fronteiriços do Minho e do Lima, o projecto pretende criar uma rede que fomente a estruturação dos recursos termais transfronteiriços da Deputação de Ourense e do Norte de Por-

tugal, tendo como objetivo a sua valorização turística.

Manoel Batista, presidente da Câmara Municipal de Melgaço; José Maria Costa, presidente da Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho), Rosendo Luis Fernández Fernández, vice-presidente da Deputação de Ourense e Francisco Marín Muñoz, presidente da Confederação Hidrográfica do Minho-Sil abriram este seminário que concentrou em Melgaço especialistas de ambos os países.

Esta reunião de valores e estratégia conjunta promete "relançar a economia termal como sector importante" para os municípios agora reunidos, discutindo-se ligações que aproximem os utilizadores dos balneários locais. Manoel Batista assegura que "é possível criar sinergias, economia, numa lógica de rede" entre os municípios do lado galego e os do lado português, nomeadamente Melgaço e Terras de Bouro.

Parte deste projecto compreende a potencialização da ecovia entre São Gregório e o concelho de Monção – cujo projecto, dividido em três, compreende a rota São Gregório-Louridal; Louridal-Peso (Termas) e Peso-Peroso – tendo já a parte São Gregório-Louridal candidata a fundos no âmbito do projecto "A Raia Termal".

Ainda que faseado, o projecto da ecovia será validado até ao final deste ano e o autarca prevê que parte deste investimento de possa fazer "já no início de 2017".

João Martinho

RESTAURANTE "O Adérito"

Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampréia na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oaderito.com

HB
HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Peso
Paderne
Melgaço

Alojamento e Restauração

Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

O embuste orçamental

A esquerda e a extrema-esquerda em bloco vão aprovar um Orçamento que se traduz num substancial aumento de uma pequena minoria de pensões muito elevadas em prejuízo das pensões mínimas.

Alguns dias passados sobre a apresentação da proposta de Orçamento do Estado para 2017, é agora possível fazer uma análise mais ponderada do documento apresentado e das principais medidas nele previstas. Infelizmente, quanto mais a fundo se analisam as medidas mais emblemáticas deste Orçamento, mais claro fica que estamos perante um cuidadosamente planeado embuste. Vale a pena elencar alguns dos principais exemplos.

Na alegada "reversão" da austeridade, a promessa firme e inequívoca de acabar com a sobretaxa aplicada ao IRS em 2017 deu afinal lugar a uma redução diferenciada da mesma em função dos escalões de rendimento. Pior: essa redução da sobretaxa foi erroneamente apresentada como uma eliminação gradual quando se trata apenas de uma manipulação das retenções na fonte para concentrar os efeitos da redução da sobretaxa na segunda metade de 2017.

Com óbvios fins eleitoralistas, para os escalões com maior número de contribuintes a retenção na fonte associada à sobretaxa cessará antes das eleições ainda que, como não podia deixar de ser, a sobretaxa se aplique à totalidade dos rendimentos de 2017. Uma forma enviesada de aplicação que terá também como efeito agravar os problemas das contas públicas para o final de 2017 em troca de uma folga nos primeiros meses do ano.

Também a propalada actualização dos escalões do IRS assume claros contornos de embuste. Ao mesmo tempo que se anuncia que os portugueses pagarão menos IRS em função da actualização dos escalões em 0,8%, o mesmo Orçamento prevê uma inflação de... 1,5%. Ou seja: todos os trabalhadores que vejam a sua remuneração manter-se em termos reais em 2017 irão – de acordo com as próprias previsões governamentais – ver o seu IRS agravado.

E por falar em previsões orçamentais, o que dizer da opção governamental de tomar como ponto de comparação para sua proposta de Orçamento para 2017 o Orçamento inicial de 2016 em vez da previsão de execução do Orçamento de 2016? Mais uma vez, embora haja razões técnicas que a possam justificar, o padrão geral aponta, uma vez mais, para motivações de natureza manipulativa.

Mas porventura o maior embuste associado à proposta de Orçamento do Estado para 2017 é o do propalado aumento mínimo de 10 euros para todas as pensões. Depois de estrategicamente divulgado na comunicação social como elemento diferenciador das políticas sociais da "geringonça", rapidamente se constatou que afinal não seria bem assim e, nomeadamente, que ficavam excluídas as pensões mínimas. Mais extraordinário ainda é que se adiante como razão para a exclusão das pensões mínimas os aumentos anteriores decididos por Pedro Passos Coelho, que assim passou na narrativa da "geringonça" de perigoso austeritário a perigoso esbanjador com os idosos beneficiários de pensões mínimas.

A discussão sobre a possível aplicação de condições de recursos é uma que vale a pena ter mas o mais saliente na actual conjuntura é que o mesmo governo que penaliza pensões mínimas aumenta com este Orçamento substancialmente os rendimentos auferidos por uma pequena (mas influente) minoria de pensionistas, em linha aliás com a decisão de eliminar os tectos salariais aplicados pelo anterior governo aos gestores da CGD.

O embuste orçamental junta-se assim ao embuste político quando nos deparamos com a esquerda e a extrema-esquerda em bloco a propiciar remunerações milionárias para os novos gestores da CGD e a, previsivelmente, aprovar um Orçamento que se traduz num substancial aumento de uma pequena minoria de pensões muito elevadas em prejuízo das pensões mínimas.

André Azevedo Alves

*Professor do Instituto de Estudos Políticos
da Universidade Católica Portuguesa
in Observador, 22 Outubro*

Portugal amordaçado?

Se alguém pode converter uma notícia numa não-notícia, é porque há censura em Portugal. Se algum poder tem o poder de o fazer, a liberdade de expressão está em risco no nosso país.

Como explicar que um recente acórdão do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem (TEDH), que contraria a legislação portuguesa sobre uma causa fracturante, não tenha sido notícia?! Não é preciso ser Sherlock Holmes para suspeitar que, se no nosso país essa notícia não foi notícia, é porque alguém a censurou. E, se algum poder tem o poder de converter uma notícia numa não-notícia, é de temer que a liberdade de expressão esteja em risco em Portugal.

Mas, antes de mais, eis a dita notícia, que quase toda a imprensa silenciou: o TEDH, com sede em Estrasburgo, declarou, por unanimidade, a 6 de Junho de 2016, que a Convenção Europeia dos Direitos do Homem não reconhece um suposto direito a contrair matrimónio com uma pessoa do mesmo sexo (Chapin e Charpentier contra França, nº 40183/07, sobre a anulação, pela justiça francesa, de um casamento celebrado, em 2004, por dois homens, violando a lei francesa). Segundo o TEDH, o artigo 12º da referida Convenção "consagra o conceito tradicional de matrimónio, como união de um homem e uma mulher" e não exige a nenhum governo "que permita o casamento de um casal homossexual (§36, com referência a Gas e Dubois contra França, nº 25951/07, § 66)". Por sua vez, o Centro Europeu para a Lei e a Justiça, dirigido por Gregor Puppink, aplaudiu a decisão do TEDH, que considerou conforme à interpretação autêntica da Convenção Europeia dos Direitos do Homem.

Que um tal veredicto proceda de um órgão como o TEDH é particularmente relevante, porque havia quem pretendesse que o acesso ao impropriamente chamado 'casamento homossexual' fosse um direito humano, inviabilizando desta forma um eventual referendo, com o pretexto de que os direitos humanos não se discutem, nem se referendam. Ora acontece que, como agora esclareceu o TEDH, o alegado direito ao casamento com uma pessoa do mesmo sexo não é nenhum direito humano. E, não o sendo, a sua consagração no ordenamento jurídico é discutível e, obviamente, referendável.

Talvez alguém entenda que esta surpreendente decisão do TEDH não é significativa, na medida em que apenas expressa o parecer de pessoas que só se representam a si próprias. É verdade que o veredicto deste tribunal não goza de legitimidade democrática, como aliás nenhuma sentença judicial, tese científica ou prémio Nobel. Mas esta decisão é particularmen-

te significativa, na medida em que foi aprovada pelos 47 juizes dos 47 países que integram o TEDH.

Não é provável que esses 47 magistrados sejam todos extremistas homofóbicos, até porque os juizes desse tribunal são escolhidos entre os mais capazes e competentes juristas europeus. Pelo contrário, muito provavelmente alguns dos juizes que tomaram, por unanimidade, esta decisão, são próximos de pessoas homossexuais, se é que alguns deles o não são também. Seria portanto absurdo supor que decidiram contra o bem dos seus familiares e amigos, ou contra o seu próprio interesse pessoal.

Esta decisão judicial não expressa, portanto, uma discutível opção ideológica, em cujo caso poderia ser homofóbica, mas um consenso científico sobre a natureza jurídica do matrimónio, com o devido respeito por todas as pessoas, quaisquer que sejam as suas opções de vida. Aliás, o mesmo tribunal fez questão em afirmar que esta sua posição não infringe o princípio da não-discriminação, porque "os Estados são livres de reservar o casamento apenas para os casais heterossexuais."

É importante esta consideração porque, em geral, os defensores destas causas fracturantes, à míngua de razões de natureza científica ou racional, arrastam a polémica para o terreno emocional e da ofensa pessoal: ser contra o casamento homossexual é – dizem – sinónimo de ser racista, inimigo da liberdade humana e, obviamente, homofobo. Uma tal posição não explica, contudo, um facto comprovado: a de que muitos dos que defendem a improcedência de um casamento entre pessoas do mesmo sexo, por razões de exclusiva ordem ética e jurídica, são também – como é o

meu caso – acérrimos defensores do total respeito pela liberdade e dignidade pessoal. Aliás, também entre as pessoas homossexuais não faltam as que são contrárias à equiparação das uniões de pessoas do mesmo sexo ao casamento civil.

Como sempre acontece nestes casos, esta sentença baseia-se num conjunto de considerações filosóficas e antropológicas, relatórios científicos e precedentes legais. Entre estes, recorde-se não só o já citado artigo 12º da Convenção Europeia dos Direitos do Homem, relativo ao direito ao casamento; mas também o artigo 14º, que proíbe qualquer discriminação; o artigo 17º da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, relativo à protecção da família; e, ainda, o artigo 23º do Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos. Nada de novo, portanto.

Há já vários anos, o Dr. Pedro Vaz Pato e eu procurámos contribuir serenamente para este debate, em obra conjunta patrocinada por uma corajosa editora (Porque não, Aletheia Editores, 2009). Apesar de ser uma publicação tão moderna que tinha dois pais e nenhuma mãe, foi premiada, no acto da sua apresentação, com uma manifestação de protesto e, depois, com um mal disfarçado boicote à sua distribuição. Não em vão se arremete contra a democracia totalitária...

Na ditadura do politicamente correcto, há sempre vozes incómodas a silenciar. Pena é que certa comunicação social, seguramente por medo de alguns poderosos lóbis, alinhe na conspiração do silêncio, até ao ponto de omitir, como foi agora o caso, uma sentença aprovada, por unanimidade, pelo Tribunal Europeu dos Direitos do Homem.

P. Gonçalo Portocarrero de Almada
in Observador, 22 Outubro

Crónicas do Delfim

Pediste um tempo, dei-te espaço.

O tempo não se dá, vive-se.

O espaço não se dá, está inerente a cada ser.

Sempre foste dono do teu tempo mesmo quando me querias no teu tempo.

Sempre tivemos visões diferentes do tempo e do espaço.

Matas o tempo na luta de seres o espaço de alguém.

Já eu nasço no meu tempo e dou o meu espaço.

Não sei porque teimas em vários momentos tirar-me da tua vida, do teu tempo.

Logo em seguida vens implorar para que volte no tempo ao teu espaço.

No meu espaço não tenho tempo para as tuas paragens cerebrais.

Acontece que o meu tempo diz para eu dar espaço á tua pessoa, um espaço na minha mente.

O problema é que a tua pessoa insiste em ser um espaço na minha vida sem tempo.

Ana Borges

GAZETILHA

Vamos lá trabalhar

As janelas avarandadas
Mora aqui algum político
Ai, eu venho me aconselhar
Onde mora o mafarrico

*São rapazes, são rapazitos
São lusos, são lusitos
São lusitos, são lusos
São rapazitos, são rapazes*

Ai, um dia eu fui a Lisboa
Comi lá com os rapazes
Natas feitas em Belém
Que escaparam aos milhafres

As janelas avarandadas
Mora aqui o engenheiro
Ai, eu venho me aconselhar
Onde mora o tesoureiro

*São políticas, são politiquices
São mentiras, são mentirices
São mentirices, são mentiras
São politiquices, são políticas*

Ai, um dia fui à Assembleia
Comi lá com deputados
Um buffet na hora da ceia
Com sabor a mal amados

As janelas avarandadas
Mora aqui o professor
Ai, eu venho me aconselhar
Onde mora o senhor doutor

*São alunos, são alunitos
São estudantes, são estudantitos
São estudantitos, são estudantes
São alunitos, são alunos*

Ai, um dia fui ao castelo
Comi lá com estudantes
Bebi vinho a martelo
Na companhia de meliantes

As janelas avarandadas
Mora aqui algum grevista
Ai, eu venho me aconselhar
Onde mora o arrivista

*São operários, são metalúrgicos
São comerciantes, são trabalhadores
São trabalhadores, são comerciantes
São metalúrgicos, são operários*

Ai, um dia eu fui à cidade
Porque queria trabalhar
No campo tinha liberdade
e não queria mandriar

Álvaro Carvalho

Crise na União Europeia

Há uma evidente crise na União Europeia. As exigências com grande rigor aos seus países mais vulneráveis (*Portugal é um deles*) deixam depauperadas as populações, mais em risco, ou seja os mais pobres. O equilíbrio é instável, obrigando esses governos a contorcimentos económicos assustadores. A direita tem dirigido a situação a bel prazer, delegando nos países mais ricos o destino de todos. Os actuais vinte e sete têm obedecido, muitas vezes, com desagrado, às indicações dadas pela União. Mas esta tem somente servido interesses que não se coadunam com a maioria. A subserviência da Alemanha tem sido uma característica da mansidão dos vinte e sete. Porém, as coisas não são assim como aparentam. A imprensa ao não divulgar a surda inquietação que vai pelos restantes países europeus está a causar um prejuízo maior à organização, podendo originar

o seu desmantelamento ou o seu fim. A Hungria, contrariando princípios da União, manifestou o seu desacordo, erguendo fronteiras de arame farpado, impedindo a entrada a milhões de pessoas que querem sair da tragédia dos seus países. Na era moderna, em que estamos, este êxodo é o mais trágico desde sempre. A indiferença, o sem pudor e a desumanidade com que se tratam estes infelizes traem os princípios da justiça e da compreensão, fundadores da União Europeia, que parecem estar dizimados. Os grandes interesses económicos sobrepõem-se ao humanismo mais elementar, criado após a segunda guerra mundial. A decisão dos dirigentes húngaros de erguer linhas de arame farpado ao longo de toda a sua fronteira



é um escândalo vergonhoso, humilhante e de grande baixaza da condição humana.

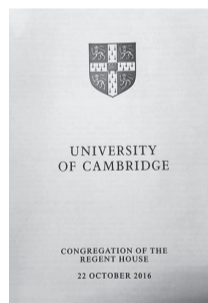
P.S.: O mundo está cada vez pior. As relações entre as pessoas deterioraram-se a tal ponto que por vezes dessem a afrontosas relações familiares e sociais. Todos os dias chegam ao nosso conhecimento notícias de desespero humano. Tem de se procurar soluções para estes inomináveis crimes, o mais rápido possível.

Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Outubro 2016

Abílio Francisco Conde

Mérito a quem merece



As boas novas são aquelas que nos fazem sentir orgulho e respeito por quem, fruto de seu trabalho e empenho, consegue concretizar suas justas aspirações.

Este fim de Outubro foi muito especial para o Joel António Martins Alves, para seus pais e para todos aqueles que o estimam, a começar pela família e amigos.

Em Terras de Sua Majestade, mais concretamente na Universidade de Cambridge, recebeu, em

ambiente académico festivo, o seu grau de doutor e teve a testemunhar o acto a presença da família.

Parece que foi ontem que o Joel deixou a Universidade do Porto e partiu para a Universidade de Cambridge cheio de sonhos a realizar.

O Lema da Universidade do Porto, "Virtus Unita Fortius Agit" (do Latim – "A virtude unida age com mais força") deu

lugar ao Lema da Universidade de Cambridge, "Hinc Lucem et Pocula Sacra" (do Latim – "Por o tanto a luz e as taças sagradas") atingindo o culminar de um ciclo e a abertura para novos e promissores patamares profissionais.

É verdade que "a união faz a força"!...

Parabéns Joel e Felicidades para os novos desafios que te propões enfrentar e conquistar.

Helena Matos

VENDE-SE Em Monção

QUINTINHA:
Casa para restaurar,
Eira e Canastro
Terreno de cultivo/
/alvarinho (± 7000 m²)
Água e mina corrente,
junto à ex-EN304

Contacto: 251 652 146

ARTES Centro de Artesanato

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais
ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM
CONFECÇÃO E BORDADOS
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril

PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro
Cerdedo – Prado
4960-320 Melgaço
Tel.: 251 402 133
artes_rosamaria@hotmail.com



Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País
e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

Chá de cabecinhas de marcela



A Marcela, *Matricária aurea*, é uma planta medicinal também conhecida por "marcela" nome por que é chamada em Melgaço. Planta anual da família das compostas, que cresce em forma de pequenas hastes de 20 a 50 centímetros com folhas finas e pontiagudas e flores amarelas. Morfologicamente é muito parecida com a camomila, com quem é aparentada, quer nas folhas quer nas flores, e da qual difere por apenas apresentar só a parte amarela da flor.

As flores da marcela são amarelas de sabor amargo e muito aromáticas, medindo menos de um centímetro de diâmetro. Cresce bem em terrenos secos, mas com um clima fresco e bom sol, florescendo nos meses de maio a julho.

A minha mãe costumava colher as cabecinhas da marcela, como chamava às flores, secava-as e guardava-as para as utilizar durante o ano. Elas podem e devem ser usadas frescas, pois perdem menos princípios ativos, mas como são plantas anuais que florescem num pequeno período de tempo, quem as quiser utilizar fora desta época, deve-as secar. Ela utilizava o chá para problemas de fígado, mas sabe-se que o chá, desta planta, é usado também para problemas de estômago, rins, bexiga, sinusite e faringite. Nestas duas últimas infeções o chá serve apenas para gargarejos na sinusite, enquanto nos de sinusite pode ser inalado ainda quente.

É um chá não muito agradável no sabor, mas dizia a minha mãe que era por isso que fazia bem quando o fígado não funcionava bem.

O **fígado** é um órgão que está vulnerável a várias doenças, sendo muitas dessas doenças desenvolvidas devido ao excesso de gorduras no fígado e ingestão de álcool. Este é um órgão muito importante e requer cuidados preventivos visto que muitas das várias doenças que se podem desenvolver dão origem a certos tipos de tumor e cirrose (caso mais grave cujo e único tratamento só é resolvido com transplante). Existem muitos chás Feitos na forma de infusões (deitar a planta em água a ferver, tapar e aguardar 15 minutos antes de o beber) que podem ajudar a restabelecer o equilíbrio vital do fígado como a marcela, como já foi referido e outras plantas às quais já me referi em artigos anteriores: borragem, dente-de-leão, funcho, entre outras.

Teresa Tábuas

MOVEIS DO CASTELO

Ramiro de Lima A. Cerqueira

FACILIDADE DE PAGAMENTO
ATÉ 12 MESES

ESTOFOS
LINHAS DIREITAS - CLÁSSICOS
MACIÇOS - E AVULSO



Rua da Escola, n.º 20 | Rua da Calçada, n.º 92
Tels. 251 402 965 - 251 404 791 | VILA - MELGAÇO

Concelhia do PS Melgaço ainda não designou candidato às autárquicas de 2017

Manoel Batista espera que o partido se pronuncie para avançar e "falar do que quer que seja"

Apesar do apoio já manifestado pela maioria dos autarcas de Freguesia, formalizado através de comunicado devidamente assinado (conforme noticiamos na edição de Outubro), onde defendem a recondução de Manoel Batista enquanto candidato pelo Partido Socialista nas autárquicas de 2017, o autarca no cumprimento do seu primeiro mandato parece não colher o mesmo afecto da Comissão Política Concelhia (CPC) local.

Oficialmente, a concelhia socialista ainda não designou o seu candidato, o que adensou os rumores de que o "dinossauro" do poder local, Rui Solheiro, poderia voltar à corrida pela autarquia após o interregno 'obrigatório' de quatro anos.

Sem acusar o 'toque' da missiva construída pelo movimento de autarcas locais, que aponta Manoel Batista como "o melhor candidato porque desenvolveu um trabalho de excelência que merece ter continuidade", o PS Melgaço reagiu através das redes sociais ao tema das autárquicas, já em meados de Outubro, chamando a si os direitos que os estatutos lhe conferem na escolha do candidato.

"Conforme preceituam os Estatutos do Partido Socialista, no n.º 1 do art.º 79º, cabe às Comissões Políticas Concelhias a designação, para os cargos políticos de âmbito Concelhio", pode ler-se na publicação da página do PS Melgaço na rede social Facebook, esclarecendo que a CPC Melgaço "reunirá, a seu tempo, para deliberar sobre o assunto".

No entanto, o assunto, que se adivinha continuar a ser discuti-



do no círculo restrito de decisão do PS Melgaço, não voltou a ser motivo de notícia até ao final de Outubro, fecho desta edição, continuando por isso a incógnita acerca do candidato que a concelhia socialista irá apoiar.

Em declarações a este jornal, dias após o comunicado enviado pelo movimento de autarcas e confrontado com a posição ambígua da CPC, o actual líder do executivo autárquico melgacense deixou "nas mãos do partido" a decisão final, um processo de ponderação que poderá ser aquilatado nos vários órgãos, desde a CPC ao Secretariado Nacional, passando pela Federação Distrital.

"Relativamente ao futuro e àquele que será o próximo candidato do Partido Socialista para o município de Melgaço, está nas mãos do partido. O partido tem regras próprias, estabelecidas em estatutos e nas orientações dadas no congresso, portanto está nas mãos nos seus vários órgãos. Estou de coração aberto e consciência tranquila de que fiz um trabalho de forma exigente, rigorosa e de forma a criar condições para que o município possa ter perspectivas de futuro", observou.

Sem valorizar os rumores relativamente a potenciais candidatos, aguarda que o partido se pronuncie sobre o candidato a apoiar para reagir convenientemente. Até lá, garante o autarca,

que sucedeu a Rui Solheiro em 2013, "estou absolutamente tranquilo. Espero pela pronúncia do partido para depois falar do que quer que seja".

"Em 2013 recebi da população de Melgaço o mandato expresso para trabalhar em prol da população. Perante esse voto, eu e o executivo fizemos a gestão humana, financeira e organizacional. Foi esse trabalho que nos preocupou ao longo destes três anos. Fizemos o caminho que tinha de ser feito e estamos convencidos de que fizemos o melhor, cumprimos os objectivos a que nos propusemos e hoje podemos olhar para a frente com projectos e com estratégia. Temos a casa relativamente arrumada e estamos convencidos que temos futuro para Melgaço", defendeu Manoel Batista.

Miguel Alves, presidente da Federação Distrital do PS, poderá ser peça determinante na decisão final do partido, a manter-se o alegado impasse da CPC na escolha do candidato. Recorde-se que Manoel Batista foi um dos primeiros apoiantes da candidatura de Miguel Alves à presidência da Federação Distrital do partido, uma corrida que o então candidato ganharia por franca margem, com mais de 70 por cento dos votos, frente a José Emílio Viana, em sufrágio realizado em Março deste ano.

João Martinho

Cônsul Carlos Pereira de Lemos Uma Vida Cheia de Coragem e Repleta de Peripécias

“Já não se encontram homens assim.”

Para quem saiu de Melgaço ainda menino, e regressa às suas origens, cheio de honrarias, para apresentar o seu livro “História de Uma Vida”, onde relata uma vida de tenacidade, vontade de vencer, percorrendo um rol de países, desde a Europa, passando por África, Oriente, acabando na Austrália, é um feito digno de figurar na nossa história, pelo trabalho que desenvolveu em prol do país onde nasceu: Portugal.

Já muito se escreveu neste jornal, sobre a vida e o trajecto do cônsul Carlos Pereira de Lemos, em prol do nosso país, onde trabalhou quer na área da engenharia, quer na actividade diplomática que abraçou com grande entusiasmo e dedicação.

Estivemos em Melgaço, no lançamento do seu fabuloso livro de memórias. Foram momentos felizes, os breves momentos em que descontraidamente podemos conversar e falar de amigos comuns: o Pedro Feytor Pinto e o Manuel Novaes Cabral. O primeiro sabendo que estava no continente, pediu-me para lhe endereçar cumprimentos; o segundo fez a apresentação do seu livro no Instituto dos Vinhos do Porto e Douro, o qual teve um grande sucesso. Pediu-me depois para lhe relatar como tinha decorrido a apresentação do livro em Melgaço.

Dei por bem empregue a minha deslocação a Melgaço, na companhia do Carlos Nuno Vaz. Gostaria de recordar que num artigo já publicado aqui no jornal, eu disse que apesar da distância existente entre a Austrália e o nosso país, ainda nos iríamos encontrar. Felizmente, o encontro realizou-se e fiquei extremamente contente.



Recordo também que noutra artigo, ao falar da minha actividade de jornalista no jornal “O Primeiro de Janeiro”, do Porto, me referi ao director Pedro Feytor Pinto, e também a Manuel Novaes Cabral, que mais tarde por lá passou como director-adjunto, sendo director José Manuel Barroso.

Os termos em que me referi a ambos salientando o trabalho realizado, nesse artigo, teve eco no senhor cônsul Carlos Pereira de Lemos, vindo este a revelar em posterior artigo as circunstâncias e momentos desses encontros, aquando da sua passagem pela cidade do Porto, na altura.

Encontro-me a ler o seu livro, e são inúmeras as situações que gostaria de revelar aqui do seu fabuloso trajecto de vida, desde os seus tempos de jovem galanteador na Póvoa de Varzim, com o Rui Amorim Alves que ainda conheci e reencontrei alguns anos depois na praia da Luz, em Lagos, cidade que curiosamente fez um acordo de cooperação organizado por si com a australiana Warrnambool, acordo esse de grande significado para os dois países, conforme relata.

Não posso deixar de referir que em Melgaço, frisei também que atrás de um grande homem, está

também uma grande mulher, referindo-me a Marion Molly que o tem acompanhado ao longo da sua vida com dedicação e amor.

Quando o Carlos Vaz, na sessão da Câmara de Melgaço, me pediu para dizer umas breves palavras, enganei-me, e em vez de dizer cônsul, chamei-lhe embaixador. Refiro este facto, pois no livro, também o engenheiro Carlos Abecassis, referindo-se a si quando era topógrafo, disse que: “não é, mas devia ser” engenheiro.

Não podia escolher melhor fotografia para ilustrar o meu artigo, do que aquela que tirei na porta da Câmara de Melgaço, onde se delicia a fumar o seu cachimbo. É que, no seu livro são inúmeras as fotografias em que aparece a fumar cachimbo, desde as pirâmides do Egipto, no deserto, em Camberra, no Terreiro do Paço, e muitos outros sítios.

Acaba no fundo por contrariar os malefícios do tabaco, pois ao longo dos seus noventa anos, anda de boa saúde. É isso que lhe desejo para si e para todos os seus. Abraço e até um dia destes.

António Jorge Tavares
Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

Vindimas e descontração em fim-de-semana pelo património enoturístico e cultural de Melgaço



“Vindimar e Relaxar em Melgaço” foi mote da visita turística do grupo ‘Turismo PNPg’ ao concelho raiano.

O evento realizado nos dias 1 e 2 de Outubro e com actividades programadas entre os vinhedos e a serra castreja, foi organizado por Sónia Nogueira, fundadora e administradora da página Facebook Turismo PNPg e investigadora na área do marketing de turismo.

Na última das diversas visitas turísticas que a mentora realizou ao concelho, acompanhada por um grupo que quer conhecer o turismo e a gastronomia minhota, o programa incluía a experiência prática numa das realidades de trabalho rural mais comuns em época de colheitas: As vindimas.

A dinâmica do trabalho, uma prova de vinhos, o relaxamento no circuito termal das Termas de Melgaço e a gastronomia tradicional completaram algumas das melhores sensações da oferta turística melgacense.

No segundo dia de actividades, e já em Castro Laboreiro desde a noite da véspera, o grupo visitou a Feira Típica Castreja, visitou trilhos e linhas de água que inspiram a tranquilidade da vida na serra.

João Martinho



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756

MIRACASTRO ALBERGARIA
CASTRO LABOREIRO
Tel. 251 460 020
Fax 251 460 029

Albergaria
14 Quartos c/ casa de banho privativa, telefone, ar condicionado e TV.

Restaurante
Sala com capacidade para 250 pessoas. Casamentos, Baptizados, e outros eventos.

Especialidades:
Cabrito assado no forno, bacalhau com broa; Vitela dos nossos pastos; Sobremesa típica.

D. Tamar Rocha 1911-2008

CANTORA E PIANISTA



Já passaram cerca de oito anos que a D. Tamar Rocha das Termas do Peso faleceu, deixando em todos nós e a quem a conheceu uma grande saudade, pesar e consternação. O Peso e a vila de Melgaço ficaram mais pobres. Visitamo-la poucos dias antes de falecer e ela disse-nos sorridente esperar chegar aos cem anos e muito lúcida falou-nos do Peso, a sua terra amada: "Você sabe Abílio, no hotel havia uma fonte que os hóspedes baptizaram como a fonte dos amores e diziam que quem bebesse da sua água nunca mais sairia daqui e eu bebi e o resultado foi ficar e estou muito feliz e contente porque esta gente de Peso é muito boa e minha amiga". A D. Tamar nasceu no Brasil. Os seus pais eram naturais de Viseu, da Beira Alta e foram muito novos para o Rio de Janeiro, onde tinham grandes negócios. Regressaram nos anos 50 e vieram tomar as águas e descansar para o Peso e hospedaram-se no melhor hotel que era o Rocha. Foi então que a D. Tamar e o Manuel Rocha, gerente e proprietário do hotel, se conheceram e não tardou que gostassem um do outro e casassem. O Manuel Rocha era natural da Ponte de Mouro, Monção. Era uma pessoa fina, impecável, muito educado e

de, comparava o seu canto ao do "sabiá" e ficava maravilhado com a sua linda voz, muito melodiosa e bem timbrada. O P. e Prof. Dr. Silva Rego, igualmente seu hóspede, interrompia as suas orações para a escutar e dizia que ela era um anjo celestial. A escritora e poetisa Matilde Rosa Araújo, outra sua grande admiradora e também sua hóspede, dedicou-lhe muitas poesias e outros escritores que por ali passaram referiram-se a ela como grande artista e actriz de reconhecido valor e mérito, muito prestigiando a estância termal do Peso e o Hotel Rocha. Não admira que no Inverno fosse convidada pelos seus hóspedes: Comendador Alberto Pimenta Machado, de Guimarães, Ramos Munhã, dono da Seringueira, em Lisboa, Félix Barbosa, grande armazenista no Porto, Conselheiro Pinto de Freitas e outras figuras de relevo nacional, para fazer récitas e saraus nas suas casas em dias de aniversário a que ela acedia com muita satisfação e deixava em to-



tocava harmónica, viola e bombo ao mesmo tempo. Com a chegada da D. Tamar, o Hotel Rocha e o Peso ganharam uma maior projecção. Ela era uma senhora de muita cultura, diplomada pela Conservatória de Música do Rio de Janeiro. Cantava divinamente e tocava piano e acordeão com muita arte e sabedoria. Interpretava magistralmente qualquer ópera, qualquer obra clássica ou qualquer música popular, sendo de destacar a Aida, a Traviata, o Rigoletto de Verdi e o Barbeiro de Sevilha, de Rossini, a que dava um cunho pessoal de beleza inconfundível. As filhas do Joaquim brasileiro, a Leia, a Deia e a Cleia, vinham do Rio só para a ouvir. O mesmo sucedia com o milionário de Segude e com dois irmãos de Braga, da família Pachancho, muito ricos, que ao terem conhecimento de uma festa em que a D. Tamar participasse não faltavam. O Prof. Dr. Hernâni Cidade, seu hóspede,

de, comparava o seu canto ao do "sabiá" e ficava maravilhado com a sua linda voz, muito melodiosa e bem timbrada. O P. e Prof. Dr. Silva Rego, igualmente seu hóspede, interrompia as suas orações para a escutar e dizia que ela era um anjo celestial. A escritora e poetisa Matilde Rosa Araújo, outra sua grande admiradora e também sua hóspede, dedicou-lhe muitas poesias e outros escritores que por ali passaram referiram-se a ela como grande artista e actriz de reconhecido valor e mérito, muito prestigiando a estância termal do Peso e o Hotel Rocha. Não admira que no Inverno fosse convidada pelos seus hóspedes: Comendador Alberto Pimenta Machado, de Guimarães, Ramos Munhã, dono da Seringueira, em Lisboa, Félix Barbosa, grande armazenista no Porto, Conselheiro Pinto de Freitas e outras figuras de relevo nacional, para fazer récitas e saraus nas suas casas em dias de aniversário a que ela acedia com muita satisfação e deixava em to-

dos saudades da sua bela voz, da sua música e dos seus dotes de boa conversadora que em amenas cavaqueiras repassadas de muita nostalgia descodificava histórias do passado que contadas por si ganhavam mais realce. A D. Tamar era muito amiga dos pobres e estava sempre disponível para obras de beneficência, organizando espectáculos e distribuindo os lucros pelos mais necessitados. Foi professora de canto e música no ensino oficial durante vários anos em Melgaço. Ensinou os jovens da nossa terra a tocarem concertina, não deixando acabar uma tradição muito antiga e que constituiu uma variante muito rica do nosso folclore nacional. No seu funeral, estiveram presentes a sua sobrinha, Prof. Purificação Lourenço, sobrinho, Dr. Agostinho Seguro, médico do hospital de Coimbra e muitos outros familiares e personalidades do Peso, Melgaço e do resto do país. O corpo foi a sepultar em jazigo de família, em Ceivães, Monção, onde está o marido, com dezenas de carros a acompanhar.

Que descanse em paz!

E de Fernando Pessoa que ela tanto gostava da sua obra vou transcrever em sua memória uma das suas melhores poesias, de uma tristeza suave e calma: "Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços/ E chama-me teu filho... eu sou um rei/ que voluntariamente abandonei/ O meu trono de sonhos e cansaços./ Minha espada, pesada a braços lassos, / Em mãos viris e calmas entreguei; / E meu ceptro e coroa - eu os deixei/ Na antecâmara, feitos em pedaços/ Minha cota de malha, tão inútil, / Minhas esporas de um tinir tão fútil, / Deixei-as pela fria escadaria./ Despi a realce, corpo e alma, / E regressei à noite antiga e calma/ Como a paisagem ao morrer do dia".

Aqui deixo esta humilde homenagem a mais uma grande amiga que perdi e que me deixa grandes saudades dos grandes momentos... inolvidáveis, vividos no Hotel Rocha.

Outubro 2016

Abílio Francisco Conde

37.º ARTIGO

Biodiversidade agrícola e as nossas sementes

Nos últimos 30 anos, a agricultura intensiva cresceu muito com os melhoramentos tecnológicos, a uniformização das variedades, o uso de fatores de produção químicos sintéticos e com a maximização do uso de recursos biológicos. Este crescimento conduziu a uma perda da biodiversidade agrícola em todo o mundo, na ordem dos 75% (estudo da FAO em 1984).

A homogeneização genética das variedades aumenta a vulnerabilidade a pragas e a doenças, o que pode destruir uma cultura, especialmente em grandes plantações. A história tem demonstrado que há grandes perdas económicas quando se conta apenas com uma variedade uniforme. Exemplos disso foram a devastação das vinhas, no séc. XIX, pela filoxera, e a fome da batata na Irlanda do séc. XIX, provocado pela doença do míldio.

Também se demonstrou um sério declínio dos organismos benéficos do solo, que têm sofrido com os fertilizantes químicos e a uniformização das espécies, tornando as culturas mais suscetíveis a problemas fitossanitários. Estas perdas, juntamente com uma diminuição da biodiversidade agrícola, aumentam os riscos de segurança alimentar e tornam o sistema agrícola mais frágil, sem respostas sustentáveis face às alterações climáticas.

As respostas sustentáveis podem passar pelo seguinte:

- Adoção de práticas de agricultura biológica (AB), que promovem a conservação e o aumento da biodiversidade, com uso sustentável dos recursos. A base da AB é o solo, a sua fertilidade e o ecossistema envolvente. Alimenta-se o solo, que alimentará a planta com técnicas como a compostagem, os adubos verdes, as consociações e rotações das culturas e o uso complementar de fatores de produção de origem natural. Privilegia as variedades regionais e raças autóctones e a proteção fitossanitária é encarada numa forma preventiva, mais do que curativa, não sendo autorizados produtos de síntese química. Incrementa-se a limitação natural através da valorização da atividade dos insetos auxiliares com auxílio de medidas culturais preventivas (variedades mais resistentes, solarização, armadilhas, sebes vivas).

- Proteção dos direitos dos agricultores e dos povos locais. Em março deste ano o Parlamento Europeu chumbou a proposta da nova lei de sementes (proposta que iria anular por completo a livre produção, troca e venda de sementes entre agricultores). Esta foi a proposta de lei que gerou mais contestação, pois é contra todos os princípios da biodiversidade agrícola. Para travar o desaparecimento das variedades genéticas agrícolas foi lançada a campanha intitulada "Pelas Sementes Livres".

- Criação de uma política ambiental de suporte justa, que inclua a diminuição dos incentivos para as variedades uniformizadas a par da implementação de políticas que preservem os recursos genéticos;

- Incorporação dos conhecimentos, práticas e experiências dos agricultores locais que são vantajosas para a biodiversidade agrícola e para uma agricultura sustentável. Nestes esforços, a participação das mulheres tem trazido benefícios significativos, pois como responsáveis da biodiversidade nos sistemas de agricultura familiar e de subsistência em muitas áreas no mundo, estas têm um importante papel na pesquisa, desenvolvimento e conservação da biodiversidade agrícola.

As variedades que empreenderam uma longa viagem ao longo de inúmeras gerações até chegarem até nós, foram cuidadosamente criadas e acompanhadas, por vezes com grandes sacrifícios, pelos nossos antepassados. São a nossa herança mais preciosa, elas são a vida em forma de semente. Cabe-nos dar continuidade a essa herança, semeando estas variedades, podendo assim ser vistos com orgulho por aqueles que nos antecederam, e também pelas gerações vindouras.

No Ano Internacional da Agricultura Familiar (AIAF), tem de se chamar a atenção para as sementes regionais e o seu papel essencial na manutenção da agricultura familiar e dos pequenos agricultores, que estão na base da erradicação da fome e pobreza, na provisão de segurança alimentar e nutricional contribuindo para o desenvolvimento sustentável, particularmente nas áreas rurais.

Ana Cristina Costa

Em co-autoria com Natália Costa

Sem perder há cinco Jornadas

SC Melgacense lidera 2ª Divisão da AFVC



Com 16 pontos (até à 6ª Jornada), cinco vitórias e apenas um empate a zero frente ao Perre no primeiro jogo da época 2016/2017, o Sport clube Melgacense soma e segue na liderança da tabela (ainda que por margem escassa) da 2ª Divisão distrital da Associação de Futebol de Viana do Castelo (AFVC).

A vitória confortável, por duas bolas sem resposta sobre o Âncora Praia, no Centro de Estádios de Melgaço, vem credibilizando as declarações do técnico

Gil Silva, que dizia, por altura da primeira partida da época em casa, ter manifestado aos seus atletas que queria ser campeão no final deste campeonato.

Apesar de resposta ambígua no final da época transacta em relação à continuidade na orientação do treino do escalão Sénior do SC Melgacense – onde pedia algumas mudanças – Gil Silva voltou com naturalidade ao trabalho que vinha desenvolvendo no clube, depois da paragem das férias.

Entretanto, muitas caras do plantel mudaram, mas isso parece não ter sido necessariamente mau ou desmotivador para o téc-

nico, que se manifesta agrado com as escolhas que fez para esta época desportiva. “Fui convidado atempadamente para continuar, reunimos e as coisas foram delineadas. Não poso esconder que quero ser campeão e estes jogadores foram convidados por mim porque também tem esse espírito”, notou.

“Quando começou a época, falei no balneário que queria ser campeão. Os campeões tem de jogar na terra, na neve, ao frio e à chuva e lutar sempre”, concretizou, observando sobre os campos difíceis que se adivinham.

E se há factores que a sua estratégia de jogo ou a perícia dos atletas não pode controlar, Gil Silva promete não se resignar. “Sabemos que o campeonato é longo, muitas coisas se vão passar, mas vamos lutar”. Sobre os jogos de “campo inclinado” e os momentos de jogo em que parece que o onze melgacense “parece que ficou no balneário”, Gil Silva tem assegurado a solidez do plantel e um espectáculo mais equilibrado.

Depois do empate em Perre na estreia da época, o SC Melgacense venceu o Darquense por 4-3, no reduto do Centro de Estádios; venceu a AD Fachense por 0-3 na Facha (Ponte de Lima); de volta ao relvado de Melgaço, venceu o jogo da 4ª Jornada frente ao Anais FC por 2-0; voltou a vencer fora de casa frente ao Raianos (Monção) por três bolas sem resposta (0-3) da equipa de Messegães e voltou a arrecadar três pontos em Melgaço frente ao Âncora Praia, vencendo por 2-0 o jogo da 6ª Jornada, no final de Outubro.

Uma estreia fulgurante para a equipa de Melgaço, depois dos percalços da época 2015/16, com entradas e saídas a meio da época que limitaram as escolhas do técnico. Uma estreia que se espera repercutir também na bancada, que apesar já ir contando com mais assistência, são ainda poucos neste espectáculo desportivo que a cada domingo atrai centenas de adeptos ao futebol regional um pouco por todo o distrito.

João Martinho



Moradia em fase final de construção composta de rés-do-chão, 1º andar e águas furtadas com uma área de 170m2, anexos e terreno de cultivo de 2500m2. Localizada junto ao centro de estágios de Melgaço
Prado, Melgaço.

[Sob Consulta] M029/2016



Excelente moradia em pedra para restauração. Lugar sossegado a beira rio e com ótimas paisagens.
Castro Laboreiro, Melgaço

isenção
[45.000€] M031/2016



Moradia V4 de r/c e andar mobilada e equipada, possui terraço, garagem com capacidade para 4 carros, compartimentos amplos. Excelente localização.
Moradia com três frentes.
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M023/2016



Lotes de terreno para construção em plena vila de Melgaço, em zona calma e fácil acesso.
Lote 1 = 441 m2
Lote 2 = 468 m2
Lote 3 = 441 m2
Lote 4 = 468 m2
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M030/2016



Excelente terreno para construção com 4000m2 de área, com possibilidade de construção de 4 lotes, com bom acesso. Boa localização e boa exposição solar. Bom investimento.
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M022/2016



Apartamento T3 no centro da Vila de Melgaço, com boas áreas e com garagem fechada.
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M040/2016



Moradia V2, para recuperação com área coberta de 153 m2. Localizada num local calmo, bom investimento.
Área total de terreno 226m2.
Castro Laboreiro, Melgaço

[80.000€] M031/2016



Excelente moradia T4, mobilada e equipada, possui divisões amplas, aquecimento central, garagem e rossios. Detém 4 frentes, é uma propriedade fechada, a área útil é de 150m2, a área total é de 500m2.
Cristóval, Melgaço

[Sob Consulta] M033/2016



Contabilidade

Informática

Administração de Condomínios

Imobiliária



Apresentada oficialmente a primeira campanha de promoção do vinho Alvarinho de Monção e Melgaço

Estratégia prevê acções a nível nacional e internacional

A Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (CVRVV) apresentou, a 21 de Outubro, no Convento dos Capuchos (Monção), a nova campanha de promoção da sub-região de Monção e Melgaço.

Nesta sessão, onde foi oficialmente apresentada pela primeira vez no território minhoto a campanha e estratégia de promoção dos vinhos da sub-região – “a primeira sub-região portuguesa a ascender a um estatuto próprio”, destacou Miguel Queimado, presidente da APA – foram também dadas a conhecer aquelas que serão as linhas (e palavras) de força da acção.

A assinatura “A Origem do Alvarinho” irá explorar os temas “Origem e Destino”, “Origem e Carácter” e “Origem e Descoberta” e a campanha de promoção destaca o carácter próprio do Vinho Verde Alvarinho e sublinha a origem de colheitas de excepção produzidas a partir daquela casta num território repleto de História e de Tradição.

O Plano de Promoção da sub-Região de Monção e Melgaço vai ser liderado pela Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (CVRVV) e conta com três milhões de euros para um período de seis anos, durante os quais “a origem do Alvarinho” será sublinhada com um selo de garantia exclusivo, entre outras acções.

Fruto do “Acordo Alvarinho”, o Plano de Promoção efectiva a certificação da autenticidade, origem e qualidade dos vinhos de Monção e Melgaço através da aposição de um selo de garantia novo e exclusivo atribuído pela CVRVV, sublinhando um segmento de maior valorização dentro do universo “Vinho Verde”.

Paralelamente, um projecto específico de promoção vai desde a certificação até campanhas publicitárias, programas de formação, apresentações à comunicação social e ao trade ou provas técnicas que potenciem as características diferenciadoras dos produtos vînicos de Monção e Melgaço.

Em declarações aos jornalistas, Manuel Pinheiro, presidente da CVRVV, assinalou o momento como “o começo de uma nova era para Monção e Melgaço” e diz que até as discussões em torno do acordo do Alvarinho (ou o alargamento ou não da D.O. Alvarinho) foram francamente positivas para o volume de vendas registado no mesmo período. “O fenómeno mais incrível para todos nós é que ao longo dos dois anos em que fizemos o debate, as vendas de Alvarinho subiram sempre, e portanto essa polémica teve um bom efeito comercial”, congratulou.

“Portugal tem mais de vinte regiões demarcadas e a partir de hoje passa a ter uma região mais pequena, mas com vinhos de maior qualidade e é precisamente disso que se trata”, observou ainda o representante.

Com os cerca de 3 milhões de euros orçamentados, a aplicar em acções de promoção em Portugal e nos principais mercados de exportação, Manuel Pinheiro assegura que a aplicação dessa verba será discutida periodicamente com os produtores.

“Trata-se de valorizar uma sub-região como produtora de vinhos de excelência. Já não o paradigma anterior, que era promover o Alvarinho, mas promover Monção e Melgaço enquanto produtores de vinhos excepcionais” indicou.

Sobre a resistência da empresa Quintas de Melgaço na aceitação das condições negociadas pelos representantes do território, em 2015, Manuel Pinheiro desvaloriza o impacto deste ‘braço-de-ferro’ e apela à participação da empresa neste momento da campanha. “A região tem 62 engarrafadores e há um que não está de acordo. Temos vindo a trabalhar com a Quintas de Melgaço no sentido de podermos encontrar uma situação que a conforte para estar de acordo. Deixamos o desafio para que não só concordem e, mais do que isso, participem activamente”.

Em 2017, a campanha começará a firmar-se nos mercados



nacionais. Os grandes centros de afluência como o Porto, Lisboa ou Algarve, serão numa primeira fase o alvo da campanha, mas já se pensa no mercado externo, nomeadamente na Alemanha e nos Estados Unidos da América, para citar os principais mercados de exportação onde o volume é mais significativo.

Monção e Melgaço: a sub-região continuará a ter “um estatuto próprio” na qualidade dos vinhos

Lançada que está a primeira pedra para o “futuro” que a entidade gestora da campanha quer ver implementada, Manuel Pinheiro refere que as eventuais pretensões em anular o processo em curso é uma causa que já não surtirá efeito. “Esta legislação foi publicada há mais de um ano, o acordo foi feito em Janeiro de 2015, portanto já não nos preocupa isso para trás, a nossa preocupação é construir (a marca) Monção e Melgaço no cliente português como noção de produto de valor e de excelência”.

“Pela primeira vez em Portugal, uma sub-Região é destacada como sendo válida só por si. É necessário reconhecer a exclusividade dos vinhos de Monção e Melgaço e reforçar aquela sub-região como território de origem da casta

Alvarinho no universo dos Vinhos Verdes. Já acontece noutros países como França há largos anos e, olhando para a nossa Região, urge que se distinga aquele território como único”, salientou Manuel Pinheiro.

Armando Fontainhas, presidente da Adega Cooperativa Regional de Monção, realçou as mudanças operadas na paisagem ao longo dos últimos 25 anos, “abandonando as vinhas de bordadura nos campos de agricultura” para dar lugar aos mais recentes campos de produção de Alvarinho de monocultura.

“É a primeira vez em Portugal que se promove um pequeno território”, ressaltou ainda o presidente da Adega Cooperativa, entidade que se perfila para ser uma das primeiras empresas a utilizar o selo de qualidade que constará das garrafas já em 2017.

Miguel Queimado, presidente da APA, enaltece pela mesma particularidade a campanha promocional montada em torno dos vinhos de Monção e Melgaço, sendo assim “a primeira sub-região portuguesa a ascender a um estatuto próprio. Isto é inédito e podemos orgulhar-nos de ser essa primeira região”.

“Quando nós vamos promover o território e a região é porque queremos ir mais longe do que ser apenas um produtor de casta. Se formos um produtor de casta, daqui a pouco estamos frente a frente com o país inteiro, que está a plantar a casta, e vamos estar a discutir apenas preços. E nos não queremos discutir só preços, queremos discutir valor e gerar valor para a sub-região”, considerou ainda Manuel Pinheiro, nesta apresentação, perante um auditório essencialmente composto por produtores de Monção e Melgaço e representantes de entidades locais.

João Martinho



Farmácia Vale do Mouro

A cuidar de si todos os dias!

— Melgaço —

251 403 312 / 961 197 872
melgaco@farmaciavaleomouro.pt
Rua Dr. Augusto César Esteves,
Nº 213 / 4960-402 Melgaço

— Monção —

251 565 821 / 969 993 870
moncao@farmaciavaleomouro.pt
Urbanização Quinta das Andorinhas,
Loja 9 / 4950-850 Monção

www.farmaciavaleomouro.pt

CÓN. DR. MANUEL FERREIRA DE FARIA

No centenário do seu nascimento

Imão mais velho de uma família com onze filhos, nasceu a 16 de novembro de 1916 em S. Miguel de Seide, Famalicão.

Desde muito novo manifestou vontade de estudar e apetência para o mundo dos sons. Quando pastoreava os animais nos campos trazia sempre consigo um livro que ia folheando. Deleitava-se, também, a ouvir seu pai a tocar viola e concertina. A sua mãe tinha jeito para dançar e cantar, paixão que transmitiu às filhas que, alegremente, animavam as festas da aldeia.

Em 1927 ingressou no Seminário Menor de Braga onde conheceu um professor que o havia de marcar profundamente na "vocação" musical: o P. Alberto Brás. Este já havia passado por Seide, quando tinha seis/sete anos, para ensaiar as cantoras.

Tinha Manuel Faria 15 anos quando a sua família sofreu um rude golpe: o seu pai morria de pneumonia. Como irmão mais velho pensou seriamente em voltar para casa a fim de ajudar a mãe a criar os irmãos. Foi com a ajuda de um tio padre que pôde prosseguir os estudos no Seminário. A mãe, com a ajuda de outros amigos, teve de repensar a sua vida a fim de poder alimentar e educar os seus irmãos mais novos.

No tempo de férias Manuel Faria aproveitava todas as oportunidades para colaborar com os párocos vizinhos na preparação das festas religiosas ganhando, assim, algum dinheiro que entregava à mãe.

Datam de 1936 as suas primeiras composições musicais não tendo, ainda, qualquer lição de harmonia. Em 1938 compôs a Missa mais conhecida de várias gerações de sacerdotes: a Missa em honra de Nossa Senhora do Sameiro, a 2 e 3 vozes iguais que, já depois da sua morte, foi revista pelo discípulo Joaquim dos Santos passando a ser executada a 4 vozes mistas e órgão. Também, pelo mesmo compositor, tem a versão para orquestra de cordas e para instrumentos de sopro.

Com uma enorme vontade de saber sempre mais, foi enviado, após a ordenação sacerdotal, para Roma a fim de aprofundar os estudos em harmonia e Canto Gre-

goriano. Era o seu grande desejo. Estávamos em 1939.

Fez o primeiro ano e, devido à guerra em que a Europa estava mergulhada, foi chamado para Braga. Em 1942 regressou a Roma para terminar o curso de composição tendo terminado em 1944 com a classificação "*summa cum laude probatus*". Em concerto de apresentação das suas obras obteve da imprensa italiana as melhores referências.

Ao regressar de Roma passou por Paris onde contactou com os maiores vultos da composição contemporânea que muita influência tiveram nas posteriores composições: Poulenc, Milhaud, Honneger e Olivier Messiaen.

Quando Manuel Faria passou a exercer o seu ministério na Diocese de Braga a sua grande preocupação foi contribuir para o aperfeiçoamento da música sacra na diocese. Era, então, o único português detentor de um mestrado pelo Pontifício Instituto de Música Sacra.

Como professor ocupou a cadeira de Canto Gregoriano no Seminário Conciliar auferindo um pequeno salário. Teve, então, de percorrer o Minho pregando, ensaiando e colaborando com os párocos a fim de prover ao seu sustento. Nesta fase da sua vida deixou rasto em muitas paróquias onde deixou óptima impressão junto de muitas cantoras a quem, não vai muito tempo, ainda se ouvia falar do seu empenho e exigência perfeccionista no modo de cantar e na qualidade do repertório litúrgico.

Neste aspecto, mesmo já depois de docente no seminário, Manuel Faria haveria de sofrer muito com o despeito de seus colegas e superiores. Mesmo assim continuou a percorrer o caminho em que acreditava e, com o tempo, veio a razão e a consideração para com o Mestre incontestado.

MANUEL FARIA, PEDAGOGO

Apesar das incompreensões sofridas anos a fio, M. Faria foi conquistando o seu espaço e o respeito dos seus colegas. Como professor não conheço aluno que não gostasse dele. Para ele todos os alunos, mesmo os que já haviam sido "rejeitados", tinham

capacidades para explorar. Com a bondade e competência que todos reconheciam nele, conseguia captar o interesse e o gosto de qualquer aluno, individual e colectivamente. Para ele todo o aluno tinha algo para dar, tinha alguma capacidade musical a explorar. Não era de feito "laxista" mas exigente, aliando a esta exigência a complacência e o respeito pelas limitações de cada um. Sendo o Canto Gregoriano, por vezes, de muito difícil execução, a sua explicação e exemplificação tornava-o acessível. E isso via-se e ouvia-se nos pontificais na Sé Primacial. Também na polifonia, sobretudo nos responsórios da Semana Santa, tínhamos de colocar toda a atenção e concentração não só nas expressivas linhas melódicas mas, sobretudo, ao confronto harmónico existente entre as mesmas que facilmente desviavam o cantor menos atento. Mas o efeito final era exuberante, sentido e maravilhoso quando contextualizado com a mensagem transmitida.

MANUEL FARIA E A MÚSICA SACRA

Muitos anos antes do Concílio Vaticano II que veio trazer uma profunda renovação à Sagrada Liturgia, já M. Faria colocava todo o empenho no modo digno como preparava cada acto litúrgico. Assim escrevia em 1938, ainda antes de ser ordenado:

"Como ensaiar o povo a cantar?

1. Pregar-lhe o desejo da Igreja e mostrar-lhe o interesse espiritual da participação dos fiéis nos ofícios divinos;
2. Ensinar, de início, aquilo de que o povo mais gosta;
3. Renovar lentamente o repertório e não lhe cortar de súbito os hábitos;
4. Paciência de Job".

(In M. Faria, *vida e obra, Câmara de Famalicão, 1998, pág. 30*)

Em 1971 surge a Nova Revista de Música Sacra como resposta às necessidades pós-conciliares. Escreveu assim, M. Faria: "É evidente por toda a parte a procura afanosa de "nova música" para a "nova liturgia". Pululam por todo o lado colecções de fichas policopiadas à mão com

melodias para os novos textos litúrgicos em vernáculo. Como a qualidade raras vezes condiz com a quantidade, não admira que muitos pastores, sobretudo se dotados de alguma educação musical, comessem a duvidar e a hesitar no emprego e admissão desses cânticos no Templo. (...) Eis a razão porque se considerou urgente a fundação de uma revista mais ou menos periódica (...).

A fim de evitar polémicas inúteis (...) procuraremos seguir a Instrução Musicam Sacram que diz no nº 4:

a) Entende-se por música sacra aquela que, criada para o culto divino, possui as qualidades de santidade e perfeição de forma;

b) Com o nome de Música Sacra designam-se aqui: o Canto Gregoriano, a polifonia antiga e moderna nos seus vários géneros, a música sagrada para órgão e outros instrumentos admitidos, e o canto popular, litúrgico e religioso, (...) "

(In Manuel Faria, *vida e obra, Câmara Municipal de Famalicão, 1998, pág. 37*)

Manuel Faria, como compositor de música pensada para as assembleias e pequenos grupos corais, procurou a simplicidade e a essência da alma do povo. Esta, a alma do povo, era a fé em Jesus Cristo e na sua Igreja e o amor à sua terra. Melodias simples bem ao gosto popular, mas com acompanhamentos de refinada estética e plena contemporaneidade.

A NRMS teve uma série inicial de 12 números tendo sido interrompida por motivos económicos. Recomeçou em 1977. Nela tiveram oportunidade publicar um elevado número de cânticos os seus discípulos: Fernandes da Silva, Mendes de Carvalho, J. dos Santos, Azevedo Oliveira, Sousa Marques, Miguel Carneiro e outros mais de várias proveniências e escolas.

A publicação da NRMS teve o condão de "fornecer" aos coros paroquiais um elevado número de obras para todos os gostos e possibilidades. Em cada encontro de coros, normalmente em grupos de quatro, havia uma palavra de estímulo de M. Faria. Mesmo o coral que, talvez por falta de preparação do director artístico, se apresentasse menos bem, era incentivado a prosseguir no ca-



minho da perfeição. Para cada encontro escolhia-se uma obra para ser executada em conjunto que era dirigida por M. Faria. Dava gosto apreciar a alegria com que o Mestre dirigia tantas vozes.

Em Maio deste ano saiu a colectânea "20 Obras Corais", coordenada pelo Dr. Azevedo Oliveira e editada pelo Cabido da Sé Bracarense. Algumas das obras já eram conhecidas e executadas por alguns coros. Outras, mais complexas, exigem coros muito bem preparados para a sua execução. Peças como "Amaros" com palavras de Paulo VI ou "Melodia" com poema de José Régio, mostram a pujança das sonoridades de M. Faria e a contemporaneidade da sua obra.

Sempre um especial cuidado com os textos propostos para musicar, sobretudo para uso litúrgico. A Comissão de Música Sacra, então existente, tinha elementos preparados para "examinar" o rigor doutrinário e literário dos textos a fim de não se incorrer em erros doutrinários irreparáveis.

Um século após o seu nascimento continuamos a usufruir da dádiva da sua existência, do seu incansável desejo de perfeccionismo, da sua dedicação e preocupação pela música sacra, do talento que lhe foi concedido e bem aproveitado, da personalidade forte e vertical no que respeita à doutrina sobre os normativos da música litúrgica e do impulso que deu na formação de alunos dedicados, respeitadores e continuadores da sua obra.

Outro dos seus grandes méritos foi o impulso no restauro dos órgãos de tubos existentes em muitas igrejas mas calados há décadas. Os primeiros a serem restaurados foram os da Sé Primaz. Daí para cá foram restaurados mais de uma dezena, só na cidade de Braga.

Vindimas 2016 · Primeiras provas: Vinhos de perfil robusto num ano de quantidades variáveis



Um ano de quantidades variáveis mas de qualidade ao nível dos melhores anos foi a apreciação geral dos produtores de uva no concelho. Os meses de Setembro e Outubro não surpreenderam a vindima com chuva, e o sol foi piedoso com alguns dos vindimadores da região, na maior parte dos casos.

No Terras de Real, em S. Paio, as uvas fizeram jus à percepção que delas se tinha no momento da vindima. A meteorologia de um Verão com sol (e alguns picos de calor) mas temperado originaram vinhos de “uva madura e bom grau”, asseguravam os produtores.

No copo, em avaliação algum tempo depois, revelou-se um vinho frutado e com os paladares plenos, típicos da sua juventude. No grau, mantém o perfil de um Alvarinho de boa estrutura, mas que pede cautela e moderação, já que ronda os 13, 13,5 g/l.

Não muito longe dali, os terrenos da Quinta do Regueiro fo-

ram mais generosos na quantidade, mas muito idênticos no grau alcoólico, também na ordem dos 13 g/l.

O frutado “não tão intenso como o ano passado”, mas de acidez “agradável” não fogem à regra da imagem e do padrão gustativo que o produtor, Paulo Cerdeira Rodrigues, tem conseguido com os seus vinhos.

Um momento bom para os vinhos Alvarinho em dois factores

Representatividade: Os vinhos da Quinta do Regueiro, de

que são conhecidos sobretudo as experiências de sucesso, desde o Barricas ao Blend, o arrojo do produtor e a vontade de expandir tem gerado interesse e relativo sucesso nas garrafeiras um pouco pelo mundo. Em 2016 duplicou o volume de facturação nos Estados Unidos da América, estabeleceu um projecto sólido de representatividade na ilha da Madeira e asseguram ter “reforçado a posição” nos locais onde tem stock.

Um gráfico em crescendo para a marca de vinhos alvarinho de Melgaço.

Expansão e enoturismo:

E se toda a discussão em torno do alargamento da Denominação de Origem do Alvarinho permitiu que o consumidor comum quisesse saber mais sobre o que se falava, já valeu a pena.

Anabela Sousa garante que actualmente já ninguém lhe pergunta se tem Alvarinho tinto e já é notória a associação de Monção

e Melgaço ao Alvarinho. “Já há mais informação e as pessoas, mesmo sem estarem especialmente atentas, já começam a associar Melgaço e Monção ao Alvarinho. Cada vez mais, se optarmos pela informação, faremos melhor. Manter a qualidade e informar o cliente”, nota.

Atenta à campanha e ao selo diferenciador do alvarinho “da origem”, a produtora manifesta a vontade de adoptar desde o primeiro ano este garante que valoriza o produto. “É uma boa altura para os alvarinhos em geral. Está a conquistar muito território, mas também temos que nos lembrar que muitas famílias dependem do Alvarinho. O produto tem potencial, as pessoas têm interesse em continuar a produzir, por isso acho que continua a ser uma boa forma de as pessoas criarem mais postos de trabalho ligados ao sector”.

Trabalhar mais a vertente do enoturismo ou as produções mais expressivas para fazer face à crescente procura de Alvarinhos

de qualidade são algumas das soluções que os produtores sugerem para o concelho que está cada vez mais entregue à economia que possa criar em torno do vinho e do turismo de natureza.

Neste contexto, a produtora da Terras de Real diz que devem ser criadas condições aos investidores que aproveitem para expandir e criar, a médio ou longo prazo, postos de trabalho no concelho e na região. “Entendo que devem ser criadas condições favoráveis a quem queira renovar. Para as produções que possam ter interesse em comprar uvas a pequenos produtores e não o podem fazer por falta de licenciamento industrial”.

“A nossa produção já não nos permite muito, mas uma das ideias que temos, senão a curto, a longo prazo, é podermos ter licenciamento industrial para podermos até comprar uvas a pequenos produtores que demonstram esse interesse”, conclui Anabela Sousa.

João Martinho

Espumante

Quinta do Regueiro

Medalha de Ouro em
LONDRES

A G R A D E C I M E N T O S

CENTRO FUNERÁRIO DO ALTO MINHO

Bento Gomes

Vila Roussas | 99 Anos

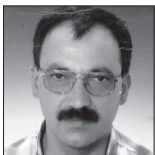
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António Joaquim C. Palhares

Cimo Vila - U.F. Prado/Remoães | 56 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Laurinda de Carvalho

Prado | 75 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Álvaro Alberto Alves

Cavaleiros - U.F. Vila/Roussas | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Esperança Prazeres R. Gonçalves

Eiriz - Gave | 63 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



José Joaquim de Sousa "Zé Luta"

Carpinteira - S. Paio | 67 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel Pereira

Cortegada - U.F. P.Monte/Cubalhão | 65 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Salvador José Domingues

Lameiro - Gave | 64 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Laudelina de Jesus Rodrigues

Estivadas - Paderne | 97 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António Alves

Chãos - Gave | 68 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Palmira Afonso

Queimadelo - C.Laboreiro | 95 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel de Jesus Domingues

Orjaz - Cubalhão | 75 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Albina Rosa de Barros

Porta - Cristóval | 84 Anos

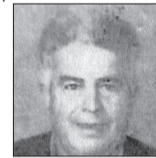
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Laurindo Domingues

Ribeiro de Baixo - C.Laboreiro | 93 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Rosa Marques

Cela - U.F. Vila/Roussas | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



|| CFAM

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Isaura Rodrigues Vaz

Paços | 70 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Aida do Rosário Cerqueira

S. Paio | 96 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Adelino Gonçalves

Penso | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Alzira Gonçalves

Roussas | 54 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria de Lurdes Afonso

S. Paio | 66 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Diamantino Domingues de Sousa

Soutomendo de Baixo - Fiães | 63 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Conceição Adelaide Lourenço

Prado | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Amélia Gonçalves

Prado - Melgaço | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



José António da Costa (Zé das Carvalhiças)

Vila - Melgaço

Faleceu em França em 3-1-1988



AGRADECIMENTOS

José. Voltaste para Melgaço, para a tua terra natal, essa terra tão querida nos nossos corações, para o teu eterno descanso. Estou feliz e orgulhosa por conseguir concretizar este teu último desejo.

Venho, por este meio, agradecer aos nossos amigos, vizinhos e a todas as pessoas que eu hoje conheço, e que terias tido a felicidade de conhecer, a tua família, por me ter acompanhado e apoiado ao longo desta nova etapa difícil das nossas vidas.

Martine, tua esposa

AGÊNCIA Funerária Mira

DISTINGUIMO-NOS PELA LONGA EXPERIÊNCIA, COMPETÊNCIA E ACOMPANHAMENTO

TODOS OS SERVIÇOS FUNERÁRIOS E DE ARRANJOS PARA OS CEMITÉRIOS, BEM COMO DESLOCAÇÃO NOS CASOS DE CREMAÇÃO

RUA DR. AFONSO COSTA, 42 · MELGAÇO
Tels: 963 095 087 · 251 404 014 · 251 416 237

CARTÓRIO NOTARIAL DE VIANA DO CASTELO

Lic. Maria Isaura Abrantes Martins, Notária
«A Voz de Melgaço» 01/11/2016

EXTRATO DE JUSTIFICAÇÃO

Licenciada Maria Isaura Abrantes Martins, Notária com Cartório Notarial, sito na Rua Manuel Espregueira, número 14, na cidade de Viana do Castelo, certifica, para efeitos de publicação, que no dia catorze de outubro de dois mil e dezasseis, foi outorgada uma escritura de **Justificação**, exarada a folhas seis e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas Número Duzentos e Cinquenta e Seis - B, deste Cartório Notarial, na qual interveio: VALDEMAR FERREIRA DA CUNHA, NIF 148 923 828, casado, natural da extinta freguesia de Viana do Castelo (Santa Maria Maior), concelho de Viana do Castelo, com domicílio na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, número 206, na freguesia União das Freguesias de Viana do Castelo (Santa Maria Maior e Monserrate) e Meadela, concelho de Viana do Castelo, portador do Bilhete de Identidade número 996328, emitido em trinta e um de outubro de dois mil e três, pelos S.I.C. de Viana do Castelo, na qualidade de sócio e gerente, em representação da sociedade comercial por quotas com a firma "AUTO VIAÇÃO MELGAÇO, LDA.", com sede na Rua da Calçada, número 21, na freguesia União das Freguesias de Vila e Roussas, concelho de Melgaço, com o capital social de **cento e sessenta mil euros**, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Melgaço sob o número único da matrícula e pessoa colectiva **quinhentos milhões trinta e oito mil quinhentos e quarenta e seis**, qualidade e suficiência de poderes para este ato que verifiquei por consulta à **certidão permanente** da indicada sociedade, com o código de acesso número **4571-2644-1353**, nos termos do art. 75º, n.º 5, do Código do Registo Comercial e pela deliberação da Assembleia Geral, de vinte e sete de setembro de dois mil e dezasseis, constante da ata número cinquenta e dois, o qual declarou: Que a sociedade sua representada é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

Prédio urbano, sito no Lugar de Vila, Castro Laboreiro, na freguesia União das freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, concelho de Melgaço, composto de edifício de rés do chão e logradouro, destinado a estacionamento coberto e fechado, com a superfície coberta de setenta e seis metros quadrados e a área descoberta de duzentos e trinta e sete metros quadrados, a confrontar do norte com Fernando de Jesus Pires, do sul com José Carlos Pires, do nascente com estrada municipal e do poente com caminho público, **omisso** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz predial respetiva, em nome da sociedade sua representada, sob o artigo **12919**, o qual teve origem no artigo urbano 1029, da extinta freguesia de Castro Laboreiro, desconhecendo o artigo da anterior matriz, apesar das buscas efetuadas aos vários arquivos, o que declara sob a sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial de **4.260,00 euros**, ao qual atribui o valor de **QUATRO MIL E TREZENTOS EUROS**;

Que o referido prédio foi adquirido pela sociedade, sua representada, "Auto Viação Melgaço, Lda.", anteriormente denominada "Ranhada & Teixeira, Lda.", por volta do ano de mil novecentos e

trinta e oito, em dia e mês que não pode precisar, por compra não formalizada, a Artur de Passos Teixeira e mulher Laura da Conceição Esteves Teixeira, mas que a sua representada não dispõe de qualquer título formal que lhe permita o respetivo registo na Conservatória do Registo Predial; mas, desde logo entrou na posse e fruição do referido prédio, em nome próprio, posse que assim detém há mais de vinte anos, sem interrupção ou ocultação de quem quer que seja.

Que a posse foi adquirida e mantida sem violência e sem oposição, ostensivamente, com conhecimento de toda a gente e com aproveitamento de todas as utilidades do prédio, ocupando-o, como garagem e estacionamento, procedendo à sua conservação e obras de salvaguarda, pagando os seus encargos, agindo sempre de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, quer usufruindo como tal o imóvel, quer suportando os respetivos encargos agindo sempre de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade.

Que esta posse em nome próprio, pacífica, contínua e pública, há mais de vinte anos, conduziu à aquisição do imóvel, por usucapião, que invoca, justificando o seu direito de propriedade para o efeito de registo, dado que esta forma de aquisição não pode ser comprovada por qualquer outro título formal extrajudicial.

Que está conforme o original na parte transcrita.

Viana do Castelo, catorze de outubro de dois mil e dezasseis.

A Notária, Lic. Maria Isaura Abrantes Martins

Registada sob o número: **2794/2016**

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/11/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 11 de outubro de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 69 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **ILÍDIO DA SILVA**, NIF 175 867 720, e mulher **MARIA DAS DORES DA COSTA SILVA**, NIF 175 867 712, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais, ele da freguesia de Ceivães, concelho de Monção; ela da freguesia de Prado, concelho de Melgaço, residentes no lugar de Costa de Sontra, freguesia de Paderne,

deste mesmo concelho, titulares, respectivamente, do bilhete de identidade número 1937042 de 02/11/2007, emitido pelos S.I.C. em Viana do Castelo e do cartão de cidadão número 03436724 1ZZ0, válido até 25/05/2019, fizeram as seguintes declarações:

Que são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

Prédio urbano, sito no lugar de Reirigo, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto por casa de um pavimento, com a superfície coberta de trinta e cinco metros quadrados e rossios com a área de oitenta metros quadrados, a confrontar a norte e poente com Mário Bento Ranhada, sul monte baldio e nascente João Ferreira, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **760**, com o **valor patrimonial tributário sete mil e setenta euros**.

Que, o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome da herança de Júlia Rodrigues de Moraes.

Que o referido prédio, veio à posse dos justificantes em data que não podem já precisar, mas que situa por volta do ano de mil novecentos e setenta e sete, quando, os avós maternos da justificante, Júlia Rodrigues de Moraes e António Pereira, já falecidos, residentes que foram no lugar de Costa de Sontra, da referida freguesia de Paderne, lho ajustaram doar, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, habitando-o e fazendo-lhe regularmente obras de conservação e limpeza, suportando as respetivas despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio uma posse pacífica, contínua e pública, que, dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invocam, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, 11 de outubro de 2016.
A Escriutária Superior,
Maria Duarte Alves Dantas



MCA- Mediação de Seguros Lda

Isp n.º 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Consulte-nos sempre – Com certeza ficará satisfeito

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 966747834

Protocolos de Seguros
Forças Militares (GNR, PSP, etc)
Professores, Função Pública
Médicos, Dentistas, Veterinários

Legalizações automóveis
Regime Geral
Regime de emigrante
Pergunte sobre o seu caso em especial



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE ELGAÇO

Fundada em 1505
N.I.F. 500 852 464

Largo da Loja Nova

4960 – 558 Melgaço

CONVOCATÓRIA

Aprígio Manuel da Costa, Presidente da Assembleia-Geral da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, convoca, nos termos do n.º 1 do art. 30º, dos Estatutos, a Assembleia-Geral de Irmãos para uma reunião ordinária que terá lugar no edifício do Lar da Santa Casa da Misericórdia, sito no largo da Loja Nova, pelas 14 H 00 do dia 19 de Novembro de 2016, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1º. Leitura e aprovação da ata da reunião anterior.
- 2º. Discussão e votação do orçamento e plano de atividades para 2017.
- 3º. - Discussão e votação das condições para atualização das listagens de Irmãos.
- 4º. Discussão e votação das condições para a criação de uma conta corrente de apoio à tesouraria.
- 5º. Discussão e votação da autorização para alienação de bens imóveis e quinhão hereditário doados à Instituição
- 6º. Outros Assuntos

Se no dia e hora indicados não comparecerem número suficiente de irmãos, a reunião terá lugar meia hora depois, em segunda convocação, com qualquer número de irmãos presentes.
Melgaço, 28 de Outubro 2016.

Presidente da Assembleia – Geral

Aprígio Manuel da Costa

Telefones: Lar 251402646 / 251402649. Jardim Infantil 251 403101. Fax 251 402648



Associação Social e Cultural "Dona Paterna" | Sede em Lugar da Além | 4960-204 Paderne MLG
NIPC: 506 139 727 | Matriculada no Cartório Notarial de Melgaço sob o nº 64-E | IPSS matriz nº 35/2003

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 1, alínea c), do artigo 27º, dos estatutos convoco a Assembleia Geral da Associação Social e Cultural "Dona Paterna", a reunir em 1ª convocação, em sessão ordinária, no próximo dia 26 de Novembro de 2016, pelas 20:00h, na sede desta Associação, no Edifício Escola Primária, Lugar de Além, Paderne MLG, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1. Informações da Direção sobre a atividade da instituição nos últimos meses;
2. Apreciação e votação do Programa de Ação e do Orçamento para o ano 2017;
3. Processo de regularização das cotas dos associados.

Não se verificando quórum, a Assembleia reunirá trinta minutos mais tarde, com qualquer número de associados.

Paderne, 30 de Outubro de 2016

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Para José Gomes Fernandes

FLASHS DO CICLO Do Peso à Aveleira

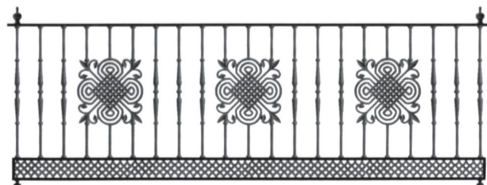
Há muitos anos, não me lembro há quantos, que não ouvia falar em quaisquer eventos nas Termas do Peso. Assim, fiquei surpreendido este ano, por ver que se haviam ali realizado dois eventos. Nenhum pelos autarcas, quer da Câmara quer da Junta de freguesia. Efectivamente, o primeiro foi pela Santa Casa da Misericórdia, que ali organizou um festival de concertinas. Parabéns aos novos órgãos da Santa Casa da Misericórdia. O Peso aliás bem precisa de Misericórdia. Não conheço o Senhor Provedor, nem quaisquer dos seus membros, porém, por aquilo que me tem chegado ao conhecimento, leva-me a crer que a instituição está em boas mãos. Não tenho dúvidas de que, promover o Peso é promover Melgaço. Mas não foi só o Peso desprezado. Num dos programas do professor Hermano Saraiva, mostrou o monumento evocativo da Restauração de 1640, existente em Abrantes, declarando, que era o único fora de Lisboa. O que é errado. Melgaço também possui um monumento, inaugurado em 1940, ou seja no terceiro centenário, mas que muitos melgacenses desconhecem, quicá até os autarcas quer da câmara, quer da junta. Aliás, há tempos perguntei a um ex-autarca, da junta da Vila, se conhecia o monumento e a resposta foi negativa. Mas conhecia o monumento, o que desconhecia era o significado. No dia um de Dezembro é feriado nacional, gostam do feriado, mas Senhor Provedor, façam uma visita ao monumento, que se encontra em frente à capela da Senhora da Orada, num terreno a poente da Estrada, terreno esse que me informaram pertencer à junta e verá como o seu estado precisa de misericórdia. O Peso e a Branda da Aveleira, não só pelas suas belezas, mas também pelas suas situações geográficas, mereciam melhor tratamento pela Câmara.

O CRIME DE AGUIAR DA BEIRA

No dia em que estou a escrever estes flashs, já passaram 15 dias, mas o homicida continua a monte. É certo que numa situação daquelas, de montes e fragas, localizar um indivíduo, naquelas circunstâncias, é muito difícil. Porém, parece-me que há espectáculo e televisão a mais. Também há denúncia de fraca colaboração entre as encarregadas para o efeito. Assim, como há pouco tempo vi um articulista dizer que Marcelo Caetano só havia mudado o nome da PIDE, de resto deixou tudo na mesma, como tenho ouvido a vários essa versão, devo dizer que só por ignorância ou má fé, ou seja quando querem dizer mal mas não tem que dizer, inventam. Efectivamente, Marcelo Caetano criou a Direcção Geral de Segurança, a qual era composta por um director geral, que respondia directamente perante um Secretário de Estado, junto do Presidente do Conselho e que agregava todas as forças de Segurança - PSP- GNR- PJ- PIDE e Serviço de informações. No entanto, como já havia tirado alguns poderes à PIDE, correu o boato de que era para tirar o poder que a PIDE tinha. Assim, como o ministro do interior que era o Dr. Rapazote, perdia todo o seu poderio, pois só não tinha a PJ, sob o seu domínio, diziam que, com a colaboração de amigos do Américo Tomás, o Decreto-Lei não entrou em vigor tendo, segundo se dizia, por ordem de Rapazote, a PIDE começou ela a usar aquele nome, mas nunca deixou de ser PIDE. Agora, é só para lembrar aos que querem denegrir, com mentiras, como tem acontecido, muitas vezes, automaticamente, estão a louvar, porque mostram, como o articulista que cito, que mostra no meu entender má fé. Se não estou enganado, foi Sócrates, quem criou o actual Secretariado de Segurança, sendo nomeado o Procurador Mendes, secretário e agora é Secretária a Procuradora, Fazenda. E é curioso que a Ministra da Justiça é Mulher, na Administração interna, esta uma mulher Secretária-Geral da Segurança uma mulher, o pior é que perante o dito de que corria mal a colaboração, a ministra da Justiça confirmou; a Secretária de Segurança negou. E, assim, vai indo geringonça da segurança.

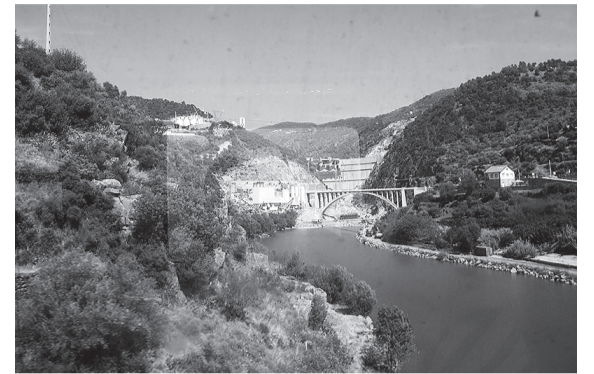
Arménio Melo

SERRALHARIA BOAVISTA DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista - Rouças | Telefone 251 403 567
4960 MELGAÇO

“Habemus vinum” X (IIIª série) O “Monstro” da EDP no Tua



Como prometi no anterior artigo, não quero deixar de falar do “monstro” da barragem da EDP, no Tua.

Vem tudo isto a propósito de não falar neste artigo sobre vinhos, mas falar da região demarcada mais antiga do mundo, onde se produz, um dos melhores vinhos deste planeta.

Esta barragem qualquer dia vai entrar em funcionamento, e para os interesses dos administradores desta empresa eléctrica, não importa que destrua irremediavelmente a paisagem duriense na região, acabando com uma linha de comboio de grande interesse económico e turístico, ter também inundado hectares de vinha, numa região que – pasme-se –, é considerada património mundial!

É possível uma situação destas num país que se diz europeu, onde os responsáveis pela economia e pelas energias, um dia fazem a apologia das energias alternativas e no dia seguinte esquecem tudo aquilo de que falaram.

Para que servem os inúmeros parques eólicos?

Como é que uma situação destas aberrantes acontece. Só por uma razão: sacrifica-se a paisagem, não se respeita todos aqueles que ali vivem, nem os seus antepassados, porque existe uma razão muito mais forte: o dinheiro!

É triste como os nossos governantes, dispõem de um bem que pertence a todos nós, e mais ainda a todos aqueles que habitam a região e a sentem como sua, num claro desrespeito a essa comunidade

de e mais ainda, aviltando a própria natureza.

Mas, vamos por partes.

Antes, era a barragem do Côa que estava projectada, mas com o aparecimento das gravuras rupestres, e os gritos de aqui d’el rei, acabou por não sair do papel, e não foi para a frente, com a bênção da visita do então presidente da República, Mário Soares e do Rei de Espanha, Juan Carlos, os quais estiveram no local para defender as ditas gravuras, impedindo desse modo que a barragem se construísse.

A alternativa passou depois para o aproveitamento do Tua, e o descarrilamento da automotora do “metro-de-superfície” de Mirandela ao Tua, caindo ao rio, veio mesmo a calhar, para se avançar com a ideia da barragem, noutra local.

Levantaram-se muitas vozes contra, na altura, incluindo a do presidente da Câmara de Mirandela, José Silvano, pois a construção da barragem iria liquidar uma linha de comboio de grande interesse turístico para a região, e isso era inadmissível.

Contudo, a barragem está quase pronta, conforme pude verificar numa recente viagem de comboio que fiz na belíssima linha do Douro, e chegado ao Tua, “o monstro” lá está bem visível, conforme se pode ver pela foto, tendo em primeiro plano a ponte de Abreiro. Devo referir que a má qualidade da fotografia, é devido às janelas sujas da composição da CP!

Segundo parece, o senhor presidente da Câmara de Mirandela,

deixou de discordar da construção da barragem, já que lhe ofereceram um lugar na administração da referida exploração da barragem.

Também, por incrível que pareça, todas as altas entidades de uma instituição chamada UNESCO, que classificou a região do Douro, como património mundial, e que por diversas vezes foram ao local e emitiram relatórios contra a construção da referida barragem, não conseguindo travar a referida obra, dá para perguntar: para que serve?

Já agora não quero deixar de referir também, o desprezo que a CP, tem com a linha do Douro, a qual tem um potencial enorme para o turismo, pois continua, salvo raras excepções onde existe outros interesses (comboios especiais para as agências de turismo, em parceria com operadores fluviais), a servir mal os utentes normais, com máquinas cansadas e carruagens pichadas de “grafittis”, não poupando estes artistas do spray, até os vidros, impossibilitando de se usufruir da paisagem. É, uma autêntica vergonha!

Num excelente artigo do jornalista Rui Cardoso, publicado no “Expresso/Revista”(15.10.16), a propósito dos 160 anos da aventura dos comboios em Portugal, uma simples fotografia, tem esta legenda: “automotora na Linha do Tua, sacrificada em nome de uma barragem supérflua”. É de destacar que não é do texto, mas sim, a legenda da foto que ilustra o artigo.

Trata-se de um artigo extremamente interessante, onde é referida a supressão de imensas linhas de comboio que existiram no nosso país, e que foram aniquiladas pura e simplesmente em prol de interesses obscuros na área dos transportes.

Prometo voltar ao assunto em próximo artigo, e em local apropriado, dada a importância que este meio de transporte tem no seu regresso ao futuro.

António Jorge Tavares

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia).



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

**PROCURA COLABORADOR(A)
A TEMPO INTEIRO**
Tempo indeterminado
URGENTE
Contactar: **965 584 853**

PIZZARIA
Du Michelys
RESTAURANTE

INOVAÇÃO É O QUE NOS DISTINGUE!!

T. 251 403 058 Av. Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

Clínica OSTEO+

CONSULTAS DE OSTEOPATIA
estrutural, craneal, visceral, pediátrica e obstetrícia
Dra Cátia Afonso (directora técnica)

CONSULTAS de ORTOPEDIA
Dr José Ratola Teixeira (director clínico)

PSICOLOGIA CLÍNICA | FISIOTERAPIA | ENFERMAGEM
TERAPIA DA FALA | CINESIOTERAPIA RESPIRATÓRIA
ESTÉTICA AVANÇADA | MASSAGEM TERAPÉUTICA
NATUROPATIA | HIPNOTERAPIA | REIKI

VENDA de MATERIAL ORTOPÉDICO

Clínica Osteo+ Melgaço
Av. Cap. Salgueiro Maia nº540
4960-570 Melgaço

telefone:
251 401 078

TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA

TRANSPORTES SEMANAIS ENTRE
 PORTUGAL
 FRANÇA

CONTACTOS: e-mail: t.s.carpinteiro@gmail.com

FRANÇA	PORTUGAL	MORADA:
Tlm: 06 08 07 18 61	Tlf: 251 418 046 Tlm: 967 559 270 Tlm: 914 827 484	Lugar da Igreja Roussas 4960 MELGAÇO

ARMAZEM EM MELGAÇO E PARIS

As Cordilheiras do Cáucaso: ENTRE A EUROPA E A ÁSIA (III)

Nos percursos de vivências caucasianas desta viagem, em que entramos pelo lado da Europa, e apesar das constantes cordilheiras perto dos 2000m, percorremos essencialmente a Arménia e Geórgia, afinal apenas o Pequeno Cáucaso.

No limite norte dos trajectos realizados a nossa vista já detectou picos a ultrapassar os 4000m a anunciar a Transcaucásia e depois o Grande Cáucaso, abrangendo parte da Rússia e Azerbaijão, aí sim, com altitudes em muitas cordilheiras bem acima dos 5000m.

Como num vitral de memórias seguem apontamentos de registos inesquecíveis.



Vardzia- Aspecto do percurso exterior da enorme cidade inteiramente escavada nas vertentes rochosas .



Uma das mais belas "khachkar" ou cruz arménia, rendilhada na pedra de um mosteiro.



Mosteiro de Gergueti, onde subimos, com uma das montanhas do Grande Cáucaso ao fundo (mais de 5000m)



Conjunto de Khachkars no cemitério de Noratus, na Arménia.

A MARAVILHA DAS "KHACHKARS" OU CRUZES ARMÉNIAS

Por toda a Arménia nos deparamos ao ar livre, junto a igrejas ou à beira da estrada, sobre estelas verticais em pedra, cruzes gravadas ou esculpidas, muito peculiares, lindíssimas. Talhadas em relevo na pedra como uma renda, com a face trabalhada virada a Oeste. Uma fascinante tradição milenar.

Designadas por *khachkars*, com motivos ornamentais geométricos ou vegetais, tornaram-se um dos símbolos mais característicos da identidade arménia. Encontramo-las também esculpidas em relevo na superfície

de madeira das portas das igrejas, lindíssimas.

No nosso percurso para Norte, a caminho da Geórgia, visitamos ao cemitério de Norank, onde existe o maior conjunto de *khachkars* da Arménia neste caso incorporando o simbolismo de estelas funerárias, em que as mais antigas aqui datam do século X . Estende-se por sete hectares e contem cerca de um milhar destas cruzes arménias, com relevos e estados de conservação muito diversos.

Espalhadas pelo cemitério, mulheres locais encontram-se ali sentadas, a fazer malha: gorros e meias de cano alto , bem coloridas e trabalhadas, para tentar os turistas. E as

ovelhas indiferentes pastam dispersas, limpando as ervas...

A ROTA DA SEDA

O Cáucaso teve de ser transposto para a seda e as especiarias alcançassem a Europa por terra. Um dos locais hoje mais bem conservados é o Caravanserai¹ de Selim, na Arménia. Erguido no século XIV, a 2300m de altitude, construído com blocos de basalto exhibe uma placa com a data de construção- 1332.

Um grande edifício em pedra, onde ainda encontramos as zonas

¹ Em português a tradução aparece como caravajarái.



Ponte de Tbilisi

para descanso dos viajantes, dos mercadores e dos animais, estes com manjedouras em pedra.

Várias cidades da Arménia eram importantes pontos de passagem da Grande Rota da Seda, a maior rede comercial do mundo antigo, nomeadamente a actual capital, Yerevan.

GEÓRGIA

A passagem da fronteira não altera a paisagem. Cordilheiras à direita e a esquerda, um rio por vezes no fundo dos vales.

VARDZIA, A CIDADE SUBTERRÂNEA

Pouco depois de entrarmos na Geórgia, aparece o espanto de Vardzia, onde a carrinha pára no meio de um vale profundo e largo , onde corria discretamente um rio, sem se perceber bem porquê. Viam-se apenas numa das altíssimas encostas laterais de rocha calcária muito clara, quase vertical, uns orifícios grandes e irregulares.

Explicação para a nossa perplexidade: estamos perante um mosteiro escavado na rocha fundado pela rainha Tamar em 1185. Na encosta foram escavadas grutas na pedra calcária, de início monásticas, mas depois, como modo de proteção contra as investidas dos mongóis, foram escavadas centenas. Chegaram a somar seis mil apartamentos, distribuídos por mais de 13 andares. Igrejas subterrâneas conservam pinturas com mais de 900 anos. O surpreendente e complexo sistema de distribuição de água e irrigação foi destruído por um terramoto violento no séc. XIII e a dimensão ficou drasticamente mais reduzida e mais monacal.

A visita é surpreendente . Conserva ainda capelas no interior, por exemplo uma interessante Igreja da Assunção com belos frescos. Impressionante o que percorremos de lanterna na mão, a subir e a descer uma espécie de degraus muito mal talhados, de vez em quando com umas passagens pelo exterior da encosta como as que conseguimos apanhar na foto e que talvez deem uma ideia...

Hoje alberga alguns monges que nos dão indicações sobre o percurso visitável que, embora longo, é muito parcial.

Um conjunto que se encontra na lista das candidaturas a Património Mundial da Unesco .

GRUTAS KUTAIISI

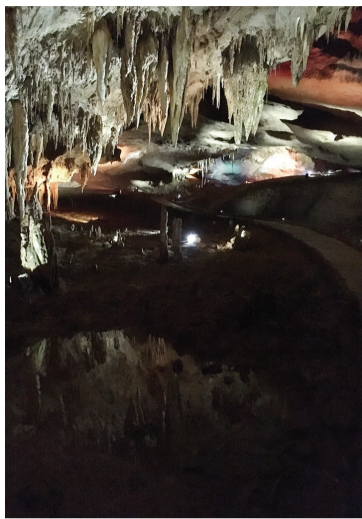
Continuamos a descobrir o que não está à superfície...O que se encontra debaixo do solo!

Agora a percorrer maravilhosas, enormes grutas naturais!

Descobertas apenas em 1984, constituem actualmente uma das mais surpreendentes atracções naturais da Geórgia. Penetramos nas entranhas destas montanhas descendo para as Grutas agora designadas por "Prometheus" verdadeiramente fabulosas : num percurso ao longo de mais de um km e em sucessão contínua, sucedem-se 16 enormes grutas subterrâneas. Lindíssimas , indescritíveis, com parte do percurso de barco, pelos rios escondidos cá por baixo, nas margens laterais com cascatas petrificadas de estalactites e estalagmites enormes, inesquecíveis.

Na internet pode-se obter mais documentação fotográfica.

Continua na pág. seguinte



Dentro das enormes grutas Prometheus, na Geórgia

Continuação da pág. anterior

O OBSERVATÓRIO ASTROFÍSICO DE ABASTUMANI

Surpreendente atravessar a noite escura para visitar um dos mais importantes centros astrofísicos do mundo no tempo da URSS. Estávamos em noite de lua cheia, o que atraiu muitos interessados locais, adultos e crianças às visitas nocturnas que o observatório regularmente promove.

Vinham observar os anéis de Saturno... Também chegou a nossa vez de os espreitar, lindos e grandes! Saturno parecia ao alcance da mão.

Os curiosos à nossa frente eram muitos. Então a visita guiada ao Observatório e Museu anexo que nos estava reservada começou de imediato: uma astrónoma, cientista com trinta anos de observações, mostrou como de há muito este observatório, com uma série de telescópios na zona em diferentes edifícios, dispõe de uma notável folha de serviços científicos.

Ao saber que éramos portugueses informou-nos que havia uma recente e importante descoberta astronómica feita por uma equipa chefiada por um português² que, pelo sucesso alcançado, pôde ter o privilégio de sugerir o nome para a nova galáxia descoberta... O nome foi engenhoso de modo que a sua abreviatura, pela qual sempre é designado ficou CR7 em homenagem ao Ronaldo!

Fica escrito nas estrelas... E esta, hem?

² David Sobral, verificado depois na internet

KAZBEGI E O MOSTEIRO DE GERGETI

A caminho da capital, Tbilisi, aproximamo-nos já da espectacular zona do Grande Cáucaso a caminho do Mosteiro da Santíssima Trindade, um ícone da Geórgia cuja imagem e silhueta se tornou emblemática para evocar a Geórgia em guias e desdobráveis turísticos.

Paramos na cidade de Kazbegi, a mais de 1700m, como ponto de partida para o Mosteiro ali próximo, mas acima dos 2000m. Nesse dia era invisível cá de baixo: uma cortina espessa de nevoeiro e chuva miudinha, persistente, impediu a subida a pé. Só conseguimos enxergar a sua silhueta emblemática apenas a poucos metros de distância.

Local de grande devoção de onde se costumam avistar parecendo bem perto, em dias claros, os fascinantes cumes brancos e gelados do Monte Kazbek, já com as altitudes superiores a 5000m características do Grande Cáucaso.

TIBLISI, A CAPITAL DA ARTE NOVA

Depois de visitar Gorki, terra natal de Staline, onde um Museu lhe é dedicado, entramos em Tbilisi.

Atravessada pelo rio Mtkvari, fascina-nos a moderna arquitectura da principal ponte que o atravessa. A sua forma ondulada com os jogos de luzes, à noite, em ondas de cor depois do escurecer, fazem parar qualquer um...

Com mais de 1500 anos de história, Tbilisi deixou-me fascinada acima de tudo pela colecção de **casas em estilo "Arte Nova"** tanto em quantidade, como em variedade e requinte da decoração das casas, jane-

las e varandas em ferro forjado. Um museu de criatividade a céu aberto.

A enorme **Fortaleza Narikala**, toda muralhada e impecavelmente restaurada, domina lá de cima todo o burgo. Inclui um enorme castelo, um espaço militar e uma zona residencial, com construções diversificadas manifestando influências de diversas épocas históricas e origens geográficas. Possui mesmo hoje em dia um hotel instalado dentro das muralhas e, ainda, um interessante museu.

Os famosos **banhos sulfurosos** no centro de Tbilisi, de enorme dimensão, devem ser muito eficazes, pelo menos o cheiro característico do enxofre que nos vem cumprimentar cá fora mostra a sua intensidade!

No **Museu Nacional da Geórgia** a colecção de peças de ouro antiquíssimas é imperdível.

E AFINAL NA GEÓRGIA SE DESCOBRIU O VINHO!

Uma nota final interessante para um país produtor de vinho como o nosso: a região ocupada pela Geórgia foi o berço da vinificação!

Existem evidências arqueológicas de 7000 anos A.C. onde foram encontradas as vinhas mais antigas cultivadas no mundo. Cientistas acreditam que esses são os primeiros indícios de viticultura (plântio de uvas organizadas pelo homem).

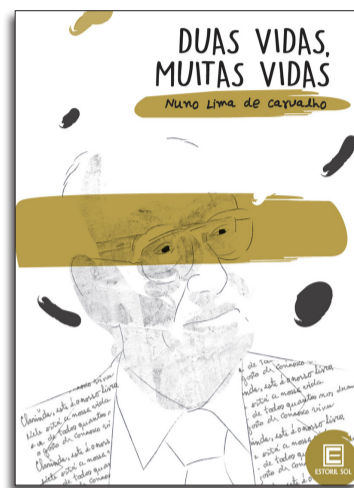
Nunca mais vamos esquecer esta importante contribuição dos povos que se inspiraram, nesta região do Cáucaso, para descobrir como fazer vinho! Somos herdeiros dessa descoberta!

Um brinde à Geórgia mesmo com vinho verde....

M. J. Lobo, Outubro 2016

Lima de Carvalho lança "Duas Vidas, Muitas Vidas", na Galeria de Arte do Casino Estoril

"Duas Vidas, Muitas Vidas". Este é o nome do livro que Nuno Lima de Carvalho irá lançar no dia 26 de Novembro, Sábado, às 17 horas, na Galeria de Arte do Casino Estoril. A apresentação será feita por Licínio Cunha, Carlos Magno, Joaquim Lima Carvalho e Ramon Font.



No projecto inicial o livro chamava-se "Uma Vida, Muitas Vidas", por uma razão bem mais que justificada o nome foi alterado para "**Duas Vidas, Muitas Vidas**". As Muitas Vidas são os seus amigos e as pessoas – dezenas de milhares com quem conviveu, na qualidade de Secretário-Geral da Estoril-Sol e de Director da Galeria de Arte do Casino Estoril, durante mais de 40 anos. Duas Vidas, pois o autor pretendeu homenagear o nome de sua mulher, Maria Clarinda, falecida em 2015, que partilhou com o seu marido a Direcção da Galeria.

Lima de Carvalho nasceu em Vila Franca do Lima, Viana do Castelo. É licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa e Filosofia e Letras pela Universidade de Salamanca. Foi Secretário-Geral da Estoril Sol durante cerca de duas dezenas de anos e Director de Relações Exteriores da mesma empresa. É Director da Galeria de Arte do Casino Estoril há quarenta anos. A ocupação destes cargos, proporcionaram-lhe, igualmente, a intervenção em outras áreas, como a gastronomia, tendo sido um dos fundadores da Confraria dos Gastrónomos do Minho e seu Mordomo-Mor durante 22 anos, levando a cabo e promovendo importantes iniciativas, juntamente com Francisco Sampaio, designadamente a organização dos congressos anuais de gastronomia. Lima de Carvalho promoveu no Casino Estoril um ciclo de grandes eventos gastronómicos abrangendo todas as regiões do País, com o apoio das Câmaras Municipais, dos órgãos locais de turismo e dos restaurantes de qualidade das respectivas regiões. Organizou, também, semanas culturais e gastronómicas dos seguintes países: Espanha, Suécia, Áustria, Itália, China, Macau, Angola e Brasil (Bahia), esta, com o apoio de Jorge Amado, através de uma exposição de todos os seus livros publicados e de uma mostra de Pintura com trabalhos dos seus ilustradores.

Na Galeria de Arte do Casino Estoril, Lima de Carvalho organiza, desde a década de 80, três grandes exposições colectivas anuais: o Salão de Primavera, exposição de finalistas das faculdades de Belas Artes de Lisboa e Porto, o Salão de Outono, mostra de Pintura e Escultura de artistas consagrados e o Salão Internacional de Pintura Naïf, modalidade de que é o maior impulsionador a nível nacional. A Galeria que dirige é a segunda mais antiga do País, proporcionando aos artistas excelentes condições expositivas.

Gabinete de Imprensa

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



Os nossos amigos

Já só faltam dois meses para o final de 2016. Lembramos aos nossos assinantes que ainda não pagaram a assinatura deste ano para o fazerem quanto antes. Mais lembramos aos que estão em atraso com outros anos a fineza de porem tudo em dia. Precisamos da ajuda de todos.

No último mês, além de vários pagamentos efectuados, queríamos destacar a generosidade dos que acrescentaram mais uns euros para ajuda das despesas do jornal. Foram eles: Dr. Manuel Lopes Afonso, de Moledo; Américo Soares, de Guimarães e padre Manuel António Fernandes Moreira, que já saldaram como amigos a assinatura de 2018. Parabéns.

Um agradecimento especial à família Doutey, com casa em Paderne e a residir habitualmente em França, que pagou 2017 como benfeitora.

Uma boa prenda de Natal é ter a assinatura em dia.

Obrigado a todos, especialmente aos que realmente se esmeram em ter a assinatura em dia e até de anos posteriores.

A excelência do turismo de natureza em quatro dias de **Pegada Zero**

Durante quatro dias, Melgaço apresentou as suas potencialidades turísticas do rio à montanha. De 20 a 23 de Outubro, o programa do evento 'Pegada Zero – I Jornadas de Turismo de Natureza – PNPG – Melgaço 2016' contou com a participação conjunta e activa das empresas de animação turística, restauração, hotelaria e comunidade local na construção de uma imagem colectiva de diversidade e bem receber.

Com dois dias dedicados aos profissionais do sector e à comunicação social de todo o país, convidados a participar num programa que incluiu actividades de cada uma das empresas de animação parceiras desta primeira edição, o evento pretendeu levar mais longe as potencialidades do território e do concelho de Melgaço em particular, para o turismo de natureza.

"Muitas vezes temos o falso pressuposto de que toda a gente nos conhece, e não é verdade. Embora já sejamos uma marca muito conhecida, é sempre necessário reforçar a comunicação, chegar mais longe", considerou o presidente da Câmara de Melgaço, Manoel Batista.

Jornalistas de meios de comunicação de referência nacional e bloggers partilharam destes dias em Melgaço e a experiência, admite o autarca, é para repetir já no próximo ano. "A iniciativa surtiu imenso efeito e tudo leva a crer que façamos a segunda e outras mais edições. O turismo e o desporto de natureza tem em Melgaço muitas condições, pela paisagem e condições criadas pelo Centro de Estágios, portanto fazer esta actividade juntando os actores locais com a autarquia e trazendo gente experiente para dar aqui alguma formação e dicas de trabalho é importante para todos", referiu.

No momento em que o turismo em Portugal regista um aumento considerável, Manoel Batista dá nota de que também Melgaço acompanha a tendência nacional. "Gente que trabalha nesta área do Parque Nacional tem tido um crescimento do seu negócio. Julgo que este crescimento do turismo

português poderá trazer ainda mais rendimento à nossa economia e ao nosso território".

Do programa constaram várias actividades e acções, tais como rafting, canyoning, percursos pedestres, provas de alvarinho, Tour à Serra da Peneda, percursos de BTT, batismo hípico, primitive race, arborismo, slide, rappel, escalada e para os mais curiosos a possibilidade de observarem as Cabras Montês, uma espécie rara em Portugal, existindo apenas na Serra do Gerês e na Serra Amarela.

O evento ofereceu ainda a possibilidade de se participar em workshops: 'Plantas e sabores' (uso de plantas aromáticas/medicinais da região), 'Fotografia de Natureza' e 'Workshop de Pão Castrejo'. Os mais novos (a partir dos seis anos) também foram contemplados, com diversas actividades educativas que decorrerem durante as oficinas temáticas.

Colóquio "Rios e Montanha, Aventura e Segurança" apresentou projectos e soluções seguras

No dia 22 de Outubro, o colóquio "Rios e Montanha, Aventura e Segurança", realizado no auditório da Porta de Lamas de Mouro, reuniu especialistas de renome que apresentaram projectos, estratégias e soluções para que o turismo de natureza seja seguro.

Do painel de oradores constou um leque de representantes de entidades chave para o desenvolvimento e melhor conhecimento do sector do turismo, nomeadamente, Carla Rodrigues, Técnica Superior da ADERE Peneda-Gerês; António Marques Vidal, Presidente da Direção da Associação Portuguesa das Empresas de Congressos, Animação Turística e Eventos (APE-CATE); Pedro de Faria Pacheco, formador de Turismo Aventura e Trabalhos em Altura/Director técnico da Trilho; Carlos Fernandes, Comandante do Grupo Intervenção Protecção e Socorro (GIPS), Sub-agrupamento de Montanha da GN-

R-UI-GIPS na Serra da Estrela; e Maria do Céu Osório, Técnica Superior do PNPG/ICNF.

Desta partilha de experiências e novos projectos para a região, o edil melgacense diz que o momento é de concretizações para o território protegido do Parque Nacional Peneda-Gerês (PNPG), tendo inclusive sido vencidas algumas das dificuldades de "diálogo" com a gestão desta área protegida.

"O ICNF [Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas] tem procurado ter uma atitude muito menos radical do que tinha a anterior gestão. Neste momento está mais aberto, mais dialogante, pronto a encontrar soluções com as autarquias e empresas. Entendo que procura colocar-se mais do lado da solução do que do lado do problema", observou.

Grande Rota criará um corredor verde de 150 quilómetros entre Melgaço e Montalegre

A ADERE-Peneda Gerês, entidade que tem como plano de trabalho a área dos cinco concelhos abrangidos pelo PNPG, apresentou no colóquio "Rios e Montanha, Aventura e Segurança" o projecto da Grande Rota que ligará Melgaço a Montalegre, com candidatura já efectuada a fundos europeus destinados ao Património Natural no âmbito da sustentabilidade e eficiência no uso de recursos.

Com uma extensão de cerca de 150 quilómetros, com um trajecto desde S. Gregório (Cristóval) até à vila do distrito de Vila Real, o projecto complementa assim alguns dos investimentos que a autarquia melgacense tem previstos para candidatura no plano de desenvolvimento local no que respeita à promoção do turismo de natureza.

"Parece-me ser uma excelente iniciativa, a criação desta grande rota que poderá ser mais um grande polo de atracção de público por fazer toda esta circulação no Parque Nacional", ressaltou o autarca.



Empresas de animação turística fazem balanço positivo e afirmam iniciativas próprias

A Melsport - Melgaço, Desporto e Lazer, E.M. com várias iniciativas desportivas lançadas nos últimos anos, desde o Trail às provas de BTT, apresentou-se nesta acção de promoção turística como empresa dinamizadora de provas desportivas que integram os campeonatos nacionais das diversas modalidades.

Em vias de integrar uma prova de BTT à lista de provas realizadas em Melgaço, carecendo à altura desta iniciativa promotora de confirmação – "esperamos chegar a bom porto com a Associação de Ciclismo do Minho", indicava Igor Moreira – a Melsport tem vindo a afirmar a marca Melgaço Alvarinho Trail, que em 2016 contou com cerca de 280 participantes.

Em 2017, esta prova, a realizar a 21 de Maio, integrará o campeonato Ultra Trail da Associação de Trail Running de Portugal, com 45 quilómetros de trilha. Para o representante da Melsport, é "um aumento qualitativo considerável", pelo garante de qualidade que esta chancela poderá aportar ao evento desportivo que conta com dois anos de existência. "Temos condições de excelência para este tipo de práticas em Melgaço. Temos uma série de opções que nos permitem,

a cada ano, trocar totalmente o caminho e fazer uma prova diferente, com exigência diferente", realça

Sobre a iniciativa Pegada Zero, a dar o seu primeiro passo, Igor Moreira refere que "a união faz a força e nós temos de estar entrosados para vender a marca Melgaço, porque é bom para todos. Foi um passo extremamente importante e tem condições para crescer muito mais. Temos de provocar o interesse por esta marca".

A Melgaço Whitewater, de Paulo Faria, tem nas águas dos rios Minho e Laboreiro e ribeira da Varziela as potencialidades da sua oferta. A empresa começou a laborar em Abril de 2016, mas já faz um balanço positivo dos primeiros meses de trabalho.

"Foram bem melhores do que esperava. Acabamos por não conseguir desenvolver tudo o que pretendíamos na primeira época alta, porque não tivemos tempo", notava com satisfação o responsável.

Sobre a apresentação à comunicação e profissionais do sector no contexto do Pegada Zero, Paulo Faria considerou ter sido "muito produtivo, lidar com outras empresas e a comunicação social".

"Quase conseguimos juntar-nos todos [os operadores do sector da animação turística de Melgaço] e o tempo vai ensinar-nos que só juntos conseguiremos fazer alguma coisa".

Continua na pág. seguinte



Histórias que o Angelino me contou

O AGOSTINHO | CAPÍTULO II

No curso de acordeão do Alberto Camilo, o Agostinho também caíra no gosto da Rosa. Um namoro arrebatado foi o resultado dos olhares concupiscentes e troca de gracejos. O Sr. Jacinto que gostava de acordeão deu força ao filho. Aquele namoro Rosa e Agostinho tornou-se explosivo e resolveram casar. As famílias não concordaram de pronto, pois achavam que eram muito novos, ele com 21 anos e ela com apenas 16 anos, mas não teve jeito! Em 1965 a família da Rosa foi a Portugal e o Agostinho foi atrás. Casaram na freguesia de Pedrado. No regresso ao Brasil o casal foi morar na casa dos pais da noiva, José Maria Rodrigues e Florentina. A Casa do Minho passou a ser a segunda casa de ambos. Ele ensaiador e diretor do Rancho Folclórico e ela bailadeira e cantadeira, ao mesmo tempo os dois ajudavam em tudo o que a casa precisasse especialmente na organização das festas. A vida profissional do Agostinho progredia. Em 1980 terrível golpe atingiu o Agostinho e toda a família. O seu pai, Sr. Jacinto, de algum tempo não andava bem de saúde e repentinamente faleceu. O choque foi grande com a perda do amigo e mestre que tanto admirava. A dona Adélia mais do

que todos, sentiu a falta mas não esmoreceu, tornou-se a matriarca da família cuidando da vida dos filhos que embora adultos e autossuficientes ainda precisavam de ajuda.

O primeiro sucesso do Agostinho entre os colegas do Rancho Folclórico foi a compra que ele fez do carro do presidente da Casa do Minho Sr. Miranda e Mattos. A vida associativa de Agostinho e Rosa ganhou fama pelas realizações, agora ele como vice-presidente da diretoria. Demonstrando um dinamismo incrível em realizações organizou o primeiro festival internacional de folclore. Além de vice-presidente acumulava o cargo de ensaiador, componente do conjunto musical com o seu acordeão, e a Rosa, seu braço direito na organização dos eventos, cantadeira e bailadeira do Rancho. Não interrompendo a vida no clube tiveram a Fátima, graciosa e espevitada menina que logo que começou a andar também deu os primeiros saltinhos do vira tornando-se a mascote do Rancho Folclórico, cargo que deixou quando o irmãozinho que veio em seguida, o Gilberto que se tornou o mascote do Rancho. E era ver e aplaudir aquela família feliz exibindo-se nas apresen-

tações folclóricas. Os aplausos nunca lhe foram negados. Devido ao seu dinamismo e capacidade realizadora o Agostinho foi lançado candidato à presidência da Casa do Minho, porém, pequeno grupo de associados seus colegas opuseram-se alegando ele não ser natural do Minho, mas na verdade eles tinham ciúme da sua ascensão social e arranjaram outro candidato, indivíduo que ganhou o título de sócio por ter oferecido algumas madeiras de construção mas nunca tinha frequentado a Casa.

O Agostinho foi eleito e aí começou uma carreira de sucessos e aborrecimentos. Não se abateu enfrentando os problemas com denodo e sagacidade. Por demais absorvido com a Casa do Minho e com sua firma Empreiteira Viana do Castelo, não tinha tempo para a família. A Rosa, sua esposa, já se tinha esgotado de trabalhar no clube e almejava uma vida calma usufruindo a propriedade campestre que haviam adquirido em Itaipava. Tal situação gerou mal estar entre eles provocando um desentendimento. Passaram a ter vida separada sem contudo se separarem.

CONTINUA

Manuel Félix Igrejas

Continuação da pág. anterior

"O facto de fazermos actividades iguais não significa que haja uma concorrência directa. Eu trabalho com várias empresas de Espanha que fazem o mesmo que eu faço, mas trabalho com eles. Acho que é mais uma questão de bom senso e de ver além do nosso umbigo. Um amigo é um apoio, e se eu trabalho com empresas de Espanha, dando-lhes apoio em algumas situações, porque é que não o posso fazer com os de cá?", observou Paulo Faria.

A empresa Montes de Laboreiro, há vários anos a trabalhar a animação turística em Melgaço, tem como principais actividades as caminhadas na serra (algumas em contexto de actividades ligadas às tradições e à vida rural), o canyoning e os passeios de BTT.

Safira Matos, que apresentou a empresa sediada em Castro Laboreiro, realçou o espírito de partilha entre os agentes locais. "É um bom sinal que as empresas trabalhem em conjunto, sejam parceiras".

Com uma afluência de turistas na ordem dos 1700 clientes por

ano, essencialmente portugueses provenientes de localidades como Braga, Porto ou Lisboa, mas já com uma procura em crescendo por turistas espanhóis, franceses e holandeses, a empresa firmou a sua posição com a criação de pacotes que englobam actividade e alojamento que resultam mais atractivos para o turista e aumentam o período de permanência do visitante na região. O regime de duas ou mais noites representa grande parte das reservas que a Montes de Laboreiro garante nos espaços hoteleiros que gere ou explora, nos diversos conceitos de que dispõe.

A empresa colaborou com a actividade desportiva Primitive Race, um conceito de prova de corrida na natureza que a Montes de Laboreiro realizou em Melgaço pela primeira vez em 2013, em que são criados obstáculos e dificuldades de vários níveis ao longo do percurso para que a relação do participante com os elementos seja mais intensa. No contexto deste programa temático, a prova contou com mais de quarenta participantes.

Sylvie Amorim, da Vertigem Trilhos, empresa de animação turística essencialmente vocacionada para o turismo estrangeiro, realiza caminhadas e trekking nas serras da Peneda e circundantes. Com um mercado turístico que procura visitar o país por períodos mais longos, a gerente da Vertigem organiza programas para períodos de quinze dias, em parceria com agências de viagens ou outros agentes do sector.

"Esta iniciativa pode ser uma boa rampa de lançamento se for bem aproveitada. Cada um trouxe um pouco do seu saber e entre todos tornaram a oferta mais completa e foi bom mostrarem-se, mas não sei se trabalharão em conjunto. Nem sempre é fácil, porque cada um tem a sua maneira de trabalhar e o perfil de cliente é diferente".

Defendendo a "multi-actividade, para atrair o mercado mais jovem", Sylvie Amorim sugere que o turismo temático na natureza, como o geocaching, poderão ser oportunidades para um turismo por períodos mais alargados.

João Martinho

PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1. Fruto silvestre, adicionar; 2. Raça, compartimento; 3. Fileira, bile, tempero; 4. Batráquio, Narrar, símbolo químico rádio; 5. Imensidão, preposição; 6. Martelo de pau, gostar; 7. Instrumento cortante, cingir; 8. Buraco, senhor; 9. Aqui, fechar, Antes de Cristo; 10. Acontecer, desejo; 11. Oportunidade, substância gordurosa.

Verticais: 1. Mentira, pessoa avarenta; 2. Bolsa, ambulância; 3. Interjeição, clava, isolado; 4. Nota musical, instrumento cortante, possuir; 5. Cidade portuguesa, rosto; 6. Doçura; 7. Charão, aliança; 8. Artigo, Cidade eterna, lista; 9. Certamente, Arvoredo, nota musical; 10. Voar, ramada; 11. Preocupar, brinquedo criança.

SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras encontra em todas as direções a expressão: "Há mais felicidade em dar do que em receber"

A	C	H	S	E	R	E	C	E	M
S	M	A	I	S	R	D	A	S	D
D	Q	D	G	H	J	A	Z	X	C
D	O	C	R	K	L	D	A	R	Q
G	Z	V	E	Z	X	I	B	N	V
H	B	M	C	Z	A	C	A	S	X
J	Z	S	E	E	R	I	Q	U	E
M	E	Y	B	X	Y	L	Z	X	C
Z	X	C	E	U	J	E	S	D	F
F	G	H	R	X	V	F	Q	W	E

PROBLEMA

No tracejado indicar nomes de Frutos

---	N	---
---	O	---
---	S	---
---	S	---
---	A	---
---	S	---
---	E	---
---	N	---
---	H	---
---	O	---
---	R	---
---	A	---
---	D	---
---	A	---
---	P	---
---	E	---
---	N	---
---	E	---
---	D	---
---	A	---

CHARADAS

Combinadas

— + LA = Deus
Maometano
--- + LA = Projétil
--- + LA = Silêncio
--- + LA = Pintura, quadro

Conceito: Nome de Fruta

Saltitantes

- 12345 = Cidade Portuguesa
- 32514 = Defunta
- 15432 = Doença
- 34512 = Nome próprio

Quadrado

= Maça rosto
= Fruto silvestre
= Sítio
= Mentira
= Preocupar

= Segregar seiva
= Tumefacção da pele
= Transmitir
= Nome próprio
= Pouco vulgares

Colaboração: Alcídio da Silva Figueiredo

PROBLEMA Limão - Pessego - Manga - Marmelo - Amêijoada - Azeitona - Dióspiro - Mamão
Tangerina - Ananás - Groselha - Goiaba - Tâmara - Abacate - Damasco

CHARADAS Combinadas: A + BA + CA + TE = ABACATE

Quadrado: Mela - Edema - Legar - Amaro - Raros
Mela - Edema - Legar - Amaro - Raros

Saltitantes: Tomar - Marto - Tramo
Tomar - Marto - Tramo

PROBLEMA Toranja - Coco - Nêspera - Madressilva - Sabugo - Castanha

A	C	H	S	E	R	E	C	E	M
S	M	A	I	S	R	D	A	S	D
D	Q	D	G	H	J	A	Z	X	C
D	O	C	R	K	L	D	A	R	Q
G	Z	V	E	Z	X	I	B	N	V
H	B	M	C	Z	A	C	A	S	X
J	Z	S	E	E	R	I	Q	U	E
M	E	Y	B	X	Y	L	Z	X	C
Z	X	C	E	U	J	E	S	D	F
F	G	H	R	X	V	F	Q	W	E

Seminário de Nossa Senhora da Conceição – 90 Anos

O Seminário de Nossa Senhora da Conceição de Braga, também conhecido como Seminário Menor ou da Tamanca, celebrou os seus 90 Anos de vida e alguém a ele se referiu como sendo uma «grande escola da igreja».

A efeméride – que não poderá ser indiferente a umas centenas de antigos alunos melgacenses que frequentaram este Seminário, bem como a suas famílias – foi assinalada ao longo do ano de 2015, com vários momentos celebrativos, culminando com a publicação de uma obra que reúne quatro dezenas de testemunhos de antigos alunos.

Convidado a coordenar essa obra, tentei que as memórias e vivências daqueles que foi possível contactar, e que aceitaram o convite, nos dessem uma visão abrangente dos tempos que por lá passaram e trouxessem para a ribalta a maior diversidade possível de olhares, em total liberdade e sem qualquer tipo de restrições. Através deste «modo muito original de celebrar esta efeméride» resultou uma narrativa condensada em *“Pluralidade de Olhares”* que «permite descortinar algumas coordenadas que identificam a alma desta instituição», ao longo dos 90 anos de existência.

As Terras de Melgaço também estiveram bem representadas nestas comemorações. Por ali passaram vários antigos alunos com os quais tive a felicidade de me cruzar e matar saudades. E a obra contou com a colaboração de eloquentes testemunhos como os do Dr. José Rodrigues Lima (que em Melgaço viveu alguns anos e que muito se tem dedicado ao estudo e divulgação da sua cultura) e do Doutor Carlos Vaz, ilustre diretor deste jornal e atual presidente da *Associação dos Antigos Alunos dos Seminários de Braga* (ASSASB), grande impulsionador destas celebrações. A

obra foi apresentada ao público no dia 6 de dezembro de 2015, no lotado *Auditório Vita*, integrado no complexo das instalações do Seminário Menor. O encerramento do ano jubilar, já noite dentro, ocorreu na transformada capela do Seminário com uma inolvidável audição da *Cantata a Maria* pela voz de Teresa Salgueiro.

Nunca será despropositado falar do papel dos seminários, no contexto do ensino, num tempo em que o Estado pouco valorizou esta área. De facto, até à *Reforma de Veiga Simão*, já nos finais dos anos sessenta do séc. XX, foram os seminários diocesanos e religiosos que acolheram, sobretudo, os rapazes dos meios rurais rasgando-lhes horizontes e incutindo-lhes valores e princípios. O Seminário Menor recebia, anualmente, 120 a 130 alunos e a diocese sabia que dali não sairia mais que uma vintena de padres. Apesar de tudo não deixou, ao longo de décadas, de investir no ensino e formação, apostando sempre, é verdade, num clima de grande exigência. A par da formação, o ensino, embora sem reconhecimento oficial por parte do Estado, era bastante eficaz e o aproveitamento escolar era uma das condições exigidas para o normal prosseguimento de estudos. Aluno com duas reprovações, no mesmo ano, era rejeitado. Eram, sobretudo, os jovens dos meios rurais que mais acediam aos seminários porque os poucos liceus e colégios existentes não estavam ao alcance da grande maioria das possibilidades financeiras dos agregados familiares. As mensalidades dos seminários diocesanos eram mais acessíveis porque calculadas em função dos rendimentos e os seminários contavam com o suporte financeiro das receitas da diocese e dos peditórios anuais realizados

em todas as paróquias da arquidiocese. Por sua vez, penso que os seminários das Congregações Religiosas, na maioria dos casos, nem sequer exigiam o contributo financeiro das famílias dos alunos. E foi com essas armas e bagagens que muitos rapazes que por lá passaram singraram na vida.

Até aos anos setenta, o ensino não foi, declaradamente, uma aposta do Estado. Todavia, sem nada investir beneficiou dele porque mais de 80% dos alunos que frequentaram os seminários engrasaram as fileiras do funcionalismo público e aplicaram o seu saber ao serviço de muitas outras vias profissionais. Para a grande maioria desses jovens o seminário foi a única oportunidade de estudar e «não fora a Igreja com os seus colégios e seminários, e muitos destes valores se perderiam por essas aldeias, naqueles tempos carenciadas das necessidades mais básicas: estradas, eletricidade, água, saneamento e escolas secundárias ou superiores por perto», como escreveu Albérico Fernandes, um antigo aluno de Monção. E sem qualquer tipo de hesitação afirma que o seminário foi uma escola única porque a mais completa na formação e no ensino; única porque deu à sociedade civil e à Igreja homens de valor acrescentado em relação à generalidade, sem qualquer encargo para o orçamento do Estado.

A celebração dos 90 anos foi o ensejo para muitos manifestarem a sua gratidão à instituição que os lançou para a vida. É esse, aliás, o sentimento que perpassa por todos os textos compaginados nesta memória. Isso não impede que alguns guardem mágoas dos atropelos pedagógicos de educadores imprevistos que teimavam em reproduzir um modelo pedagógico um pouco indi-

ferente ao evoluir dos tempos. Na verdade, o modelo dos anos vinte perdurou, quase intocável, até ao final da década de sessenta, como de resto aconteceu também, em boa parte, com o modelo da escola pública. Porém, os ventos de mudança, em boa parte produzidos pelo Vaticano II e pela evolução natural da sociedade, acabaram por se introduzir no Seminário Menor, muito antes do *aggiornamento* introduzido no Seminário de Teologia. Essa mudança está, aliás, bem patente num desses textos na transição da década de sessenta.

Cabe aqui lembrar o papel do Padre Júlio Vaz que, durante 27 anos, foi professor no Seminário Menor. Conhecedor das novas correntes pedagógicas e das orientações do Vaticano II sobre a formação nos Seminários, em 1965 deu à estampa a obra *“Atualização”* onde expõe uma série de reflexões (e recomendações) sobre a formação nos Seminários que, no mínimo deveria ser *uma pedrada no charco*. Além de felicitado por muitos membros da hierarquia eclesiástica, e de muitas outras individualidades da sociedade civil, ele foi, ainda, merecedor de uma Bênção Papal. Apesar de todo esse reconhecimento, a obra não foi a tal esperada *pedrada no charco* nos Seminários de Braga porque, pura e simplesmente, não circulou e foi até ostensivamente ignorada pelos responsáveis, embora tenha sido lida e “devorada” por alguns alunos desse tempo que a adquiriram e a leram quase às escondidas.

Depois de 27 anos de funções docentes, o Padre Júlio Vaz, reconhecido como grande professor de Português ao longo de várias gerações, é dispensado da lecionação no Seminário Menor. Publica, então, a *“Última Lição”*, em 1969, onde, a partir

da sua vasta experiência e apoiado em grandes Homens da Igreja da época, faz profundas reflexões sobre a “educação e ensino nos Seminários Menores”.

Por este seminário passaram, nestes 90 anos, à volta de 8.500 alunos, devolvendo à sociedade cerca de 1.500 sacerdotes e destes saíram para o serviço da Igreja em Portugal, nas diferentes dioceses, onze bispos e dois cardeais. Os outros 7.000 seguiram rumos diferentes nas mais diversas áreas de intervenção pública ou privada.

Lançando um olhar sobre os dados disponíveis do Seminário de Nossa Senhora da Conceição referentes aos alunos do concelho de Melgaço, valerá a pena fazer algumas leituras e tirar algumas conclusões, relativamente à sua proveniência e ao rumo que seguiram.

Os alunos do concelho de Melgaço

A elaboração da tese de mestrado (*Seminário de N.ª S.ª da Conceição – Aspectos histórico-pedagógicos*, 1998) levou-me, obrigatoriamente, à consulta exaustiva das fontes existentes na Secretaria do Seminário. A partir dessa pesquisa, o secretário de então (o Padre António Gomes Ferreira, que muitos ainda recordarão) decidiu organizar uma base de dados dos alunos que frequentaram o referido Seminário, de 1924 a 1998, referenciando o concelho e freguesia de nascimento (e não residência), data da primeira matrícula e de ordenação sacerdotal (se for esse o caso). Depois procedeu a três séries de ordenação: ordem cronológica de entrada, ordem alfabética dos alunos e ordem alfabética por concelho. A essa informação juntou, ainda, uma listagem, por ordem cronológica,

Continua na pág. seguinte

VENDE-SE

Apartamento T4, com quintal, em Viana do Castelo, zona da Senhora da Agonia. Bom investimento para alugar a estudantes, com ou sem mobília.

89.500 euros

Tlm 939 449 182

SERRALHARIA MANUEL RODRIGUES



TODO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO | Telef. 251 403 562

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO

TELEM. 969 065 676

Continuação da pág. anterior

dos alunos que de 1900 a 1924 frequentaram o Seminário de Santo António e S. Luís Gonzaga e se ordenaram, com indicação da freguesia e concelho de origem, e data de ordenação sacerdotal. A este conjunto, fácil de consultar, deu o título de *Informações do Arquivo da Secretaria do Seminário de Nossa Senhora da Conceição de Braga*. Foi um trabalho árduo e moroso mas louvável, o desse professor de Matemática e secretário, que os investigadores e interessados muito agradecem.

É a partir desta fonte secundária que os dados em análise foram trabalhados. Entretanto, foram detetadas algumas falhas que, apesar de tudo, não são muito significativas em termos globais. Assim, constatou-se (Quadro 1) que foram 166 os alunos de Melgaço que, a partir de 1924, frequentaram o Seminário Menor e das 18 paróquias, só duas – Couso e Penso – não tiveram alunos neste seminário. De notar que o aluno José Cândido Marques, de S. Paio, consta da listagem de Melgaço (Vila) e o Manuel António Martins Alves na de Paderne. Ora, se aos 166 juntarmos os alunos que de 1900 a 1924 frequentaram o seminário que o precedeu – o Seminário de Santo António e S. Luís Gonzaga –, então esse total sobe para os 185 alunos, contabilizando somente aqueles que, neste período, se ordenaram porque é esse apenas o registo existente.

Diga-se que o Seminário de Santo António e S. Luís Gonzaga – destinado aos Estudos de Preparatórios – nasceu a partir de uma pequena casa de acolhimento para jovens aspirantes à vida eclesiástica que Mons. Fernandes Lopes fundou, em 1884, e que em poucos anos tomou grandes proporções. O seminário que antes existia destinava-se apenas ao internato dos alunos que frequentavam as aulas de Teologia. A obra, entretanto, foi crescendo e em 1891 o pequeno seminário, já institucionalizado, estava instalado numa quinta, junto de Guadalupe, ao cimo da atual Rua Camões, onde agora está instalada a Escola de Ciências Sociais da Universidade Católica. Em 1910, as instalações foram tomadas pela República, que as transformou em Hospital Militar, mas a instituição perdurou, em situação precária, é certo, até à restauração da diocese, pelo arcebispo D. Manuel Vieira de Matos que em 1923 adquiriu, em hasta pública, os edifícios dos extintos Recolhimento de S. Domingos da Tamanca (daí ainda hoje ser conhecido como *Seminário da Tamanca*) e do Conservatório das Órfãs do Menino Deus, à Rua de S. Domingos, onde mandou construir o Seminário de Nossa

Senhora da Conceição, inaugurado em 14 de novembro de 1924.

O Quadro 1 mostra-nos o número de alunos que, entre 1924 e 1992, se matricularam e frequentaram este Seminário.

Há quatro paróquias que mais se destacam pela quantidade de alunos: Castro Laboreiro, Fiães, Melgaço (Vila) e Rouças. Serão várias as razões que levaram tantos jovens ao seminário. Ação dos párocos? Paróquias mais populosas? Territórios geograficamente de maior interioridade?

A verdade é que para muitos destes jovens, senão para a maior parte, esta foi a única possibilidade de estudar. E quanto maior a interioridade mais difícil seria, certamente, o acesso ao ensino. É verdade que o número total de alunos de Melgaço, distribuídos por setenta anos, poderá não parecer muito significativo, em termos absolutos, mas se o compararmos com o número de jovens de cada uma dessas freguesias que prosseguiram estudos no fim da escola primária, então a comparação ganhará proporções inquestionáveis. E mesmo se comparado com o número de jovens que seguiram estudos em colégios e liceus, até à *Reforma de Veiga Simão*, em 1967, continua ser bem expressivo esse número. Os seminários diocesanos e dos religiosos foram as grandes escolas dos jovens saídos essencialmente dos meios rurais, como já foi acentuado.

O Quadro 2 apresenta o nome daqueles que, entre 1900 e 1983, tendo frequentado os Seminários de Santo António e S. Luís Gonzaga (1900-1924) e o Seminário de Nossa Senhora da Conceição (a partir de 1924) se ordenaram de presbítero e serviram a igreja e as comunidades paroquiais nos mais diversos cantos da arquidiocese de Braga.

QUADRO 1

Freguesias	N.º de alunos
Alvaredo	5
Castro Laboreiro	20
Chaviães	11
Cristóval	7
Cubalhão	1
Fiães	19
Gave	15
Lamas de Mouro	1
Melgaço	25
Paços	8
Paderne	14
Parada do Monte	10
Prado	3
Remoães	2
Rouças	24
S. Paio	1
	166

QUADRO 2

Freguesias	N.º de ordenações dos que iniciaram estudos antes de 1924	N.º de ordenações dos que iniciaram estudos depois de 1924
Alvaredo	Claudino Joaquim Rodrigues – 1900	António Domingues – 1957
Fiães	Matias Vaz – 1901 João Nepomuceno Vaz – 1901 António Domingues – 1906 Manuel José Rodrigues – 1908 Carlos António Vaz – 1932 Constantino Ant.º Fernandes – 1932 António Luís Vaz – 1932	António de Jesus Rodrigues – 1936 Júlio Nepomuceno Vaz – 1939 Orlando Fernandes Baptista – 1962
Melgaço	Raimundo Prieto – 1901 Manuel José Pereira – 1911	Hermenegildo Araújo Esteves – 1934
Castro Laboreiro	Manuel António Esteves – 1902 José António Alves – 1906 Francisco Fernandes – 1908	Manuel António Bernardo – 1934 Aníbal Rodrigues – 1945 Albertino Pereira – 1950 Aladino Rodrigues – 1969
Paderne	Armando Tito Domingues – 1906	António Fernandes – 1959
Chaviães	Abílio Augusto Magalhães – 1909	
Cubalhão	José Custódio Domingues – 1911	
Rouças	Firmino Augusto Gonçalves – 1911 José Marques – 1934	Manuel Lourenço – 1945 António Esteves – 1956 José Alberto Sousa – 1958 José Marques – 1961 António Joaquim Esteves – 1965 Carlos Nuno Salgado Vaz – 1965 Júlio Nepomuceno Vaz – 1969 Manuel Rui Castro Alves – 1969 Manuel Augusto Alves – 1973
Gave	José Augusto Alves – 1934	António Domingues – 1957
Parada do Monte		Justino Domingues – 1936 António Domingues – 1937 Manuel Vieites de Carvalho – 1937 Justino Afonso – 1961 Manuel Domingues – 1962 José Zeferino Esteves – 1978 António Luís Esteves – 1981
S. Paio		José Cândido Marques – 1961
Paços		Manuel Joaquim Sousa Lobato – 1969

A leitura deste quadro fornece alguns dados curiosos. Na coluna dos que iniciaram estudos antes de 1924 encontramos quatro alunos que, posteriormente, frequentaram o Seminário Menor e se ordenaram nos anos 30 – Carlos António Vaz, Constantino Fernandes, António Luís Vaz e José Alves. Ainda, todos eles se matricularam pela primeira vez no Seminário de S.to António e S. Luís Gonzaga. Então é curioso verificar que há duas freguesias – Chaviães e Cubalhão – que apenas tiveram ordenações no primeiro período. Em contrapartida, há três – Parada do Monte, S. Paio e Paços – que só têm ordenações a partir de 1924. Todavia, de sete freguesias do concelho saíram padres neste longo período de cerca 90 anos, como é o caso de Alvaredo, Fiães, Melgaço (Vila), Castro Laboreiro, Paderne, Rouças e Gave. O crescimento mais acentuado verifica-se nas freguesias de Rouças e Parada do Monte.

Do grupo dos que passaram pelo Seminário de Santo António e S. Luís Gonzaga, para um pe-

ríodo de mais ou menos 23 anos, temos 19 sacerdotes, enquanto para o período de 57 anos, daqueles que iniciaram no Seminário de N.ª S.ª da Conceição, contamos 29. Todavia, em termos proporcionais, o primeiro período é mais produtivo, em ordenações, do que o segundo.

Alguns padres da *velha guarda* deixaram rasto a nível eclesial, social e político. Lembrarei, daquilo que conheço, o Padre Carlos António Vaz que foi professor do Seminário e em Rouças deixou, para a época, uma obra social assinalável, em Santa Rita; o Cónego António Luís Vaz, também professor do Seminário, foi jornalista, diretor do *Diário do Minho* e publicou uma dezena de obras de índole histórico-literária; e o Comendador Padre José Alves que em Estorãos, Ponte de Lima, foi o dinamizador do emparcelamento rural que em finais dos anos 60 visitei, tendo-o por guia.

Do segundo grupo, já mais da contemporaneidade, há também valores que se destacam em vários níveis – o Padre Manuel

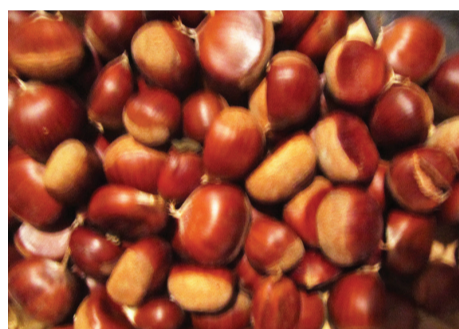
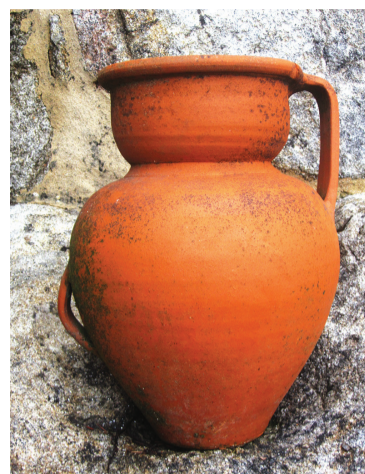
António Bernardo, na área da História, com obra publicada e o Padre Júlio Vaz, professor do Seminário, chefe de redação do *Diário do Minho*, diretor de *A Voz de Melgaço* e com apreciável obra literária e pedagógica também publicada. Para além do mérito de cada um daqueles que ainda ativamente trabalham nos mais diversos setores, e sem querer discriminar ninguém, lembraria três personalidades com obra publicada: o Cónego Doutor José Marques, Prof. catedrático aposentado, medievalista de renome a nível nacional e europeu com uma imensa obra publicada; o Doutor António Joaquim Esteves, professor universitário com obra publicada na área da Sociologia; e o Doutor Padre Carlos Nuno Vaz, diretor deste jornal, que foi professor universitário, e também com obra publicada.

Muitas outras curiosidades poderiam ser para aqui trazidas, além de algumas outras conclusões, mas este não será, certamente, o tipo de publicação mais adequado para o fazer.

Ernesto Português

Pelo São Martinho

Castanhas e Vinho – Mata o teu Porquinho



As folhas tocadas pelo vento vão caindo neste tempo outonal.

A natureza saúda-nos com a paisagem onde os tons suaves nos levam, por vezes, à contemplação do território das zonas ribeirinhas ou da montanha.

Estendemos os olhares para perto e ao largo, localizando manchas arbóreas, autênticos sotos de carvalhos e castanheiros.

Estamos no período do ano para recolher as amêndoas, as nozes saborosas e as castanhas para os magustos celebrados com vinho novo ou água pé, em convívio familiar ou de boas amizades.

“Pelo São Martinho vai a adega e prova o vinho, e abatoca o teu pipinho”.

E os rituais comprem-se como se fosse a primeira vez.

Os castanheiros oferecem-nos os ouriços arreganhados, e as castanhas vão caindo uma a uma.

A garotada vai apanhando os frutos dos castanheiros, aquelas castanhas que caem à beira dos caminhos, nos campos ou nos sotos, onde canta a passarada ao romper da manhã “despertadora”, ou pelo fim da tarde “recolhedora”.

QUENTES E BOAS

Mas se no ambiente da ruralidade há paisagem sonora e outonal, no meio urbano há vozes anunciadoras:

“Olha a boa castanha... Quentes e boas.

Ah menina, eh menino... leve umas castaninhas...

Prove...

São de Trás-os-Montes...

O preço é do ano passado... Ganhamos pouquinho...

São muito gostosas...”

A fumaça dos assadores estendesse pela avenida, pelo largo e entra mesmo pela esquina da rua estreita.

Assim se vão saboreando as boas castanhas embrulhadas em papel de jornal com notícias passadas, ou pelas folhas da lista telefónica já ultrapassada.

Os vendedores de castanhas aí estão com a sua tipicidade e animando a vida da gente apressada...

E ouvimos: “Mãe, apetece-me umas castanhas quentinhas.”

E faz-se o regalo: “São muito boas.”

Os adultos também apreciam as castanhas pelo São Martinho acompanhadas com o vinho da colheita do ano ou a celebrizada “água-pé”, ou a geropiga feita segundo a tradição, do tempo dos avós que eram mestres na elaboração, lá em casa.

VINHO QUE BASTE

Aqui pelo Minho, e noutras zonas vinhateira do país podemos ouvir, traduzindo à sua maneira o gosto profundo ao vinho: “Não quero ricos cavalos, / nem palácios reais; / só q’ ria ter uma adega / com vinte pipas ou mais”.

“O vinho alegra o coração do homem e às mulheres não desagra-

da, e não faz mal nenhum”, assim se cantava cantochão.

É de citar a comunicação apresentada ao “Congresso Internacional de Etnografia”, realizado em 1963, fruto da investigação de Fernando Castro Pires de Lima, intitulada “O Vinho Verde na Etnografia”.

Desejando inserir-nos na importância do vinho na economia e nas relações internacionais, merece destaque o artigo “Itinerário do primeiro vinho exportador de Portugal para a Grã-Bretanha”, narrativa do Conde d’Aurora, publicada na separata das Jornadas Vinícolas, em 1962.

Escreve o citado autor: “O curioso livro seiscentista 1613, “The book of carning and serving and all the feastes of the year for the servisse of a Prince or other estate” – fala-nos, entre outros, dos vinhos servidos na Grã-Bretanha, do célebre “Orey”, nome que davam os britânicos ao vinho verde”.

OS CINCO SSSSS

Consta no “Regimen Sanitatis Salernitanum”, dos séculos XI – XIII, que o vinho deve ser forte formoso fragrante fresco e frutado.

Mas se os habitantes de Salerno apreciavam o vinho saudável, em Monção e Melgaço temos o “alvarinho”, que é fruto do território onde “o solo, o sol a sabedoria, o sofrimento e o sossego,” produz

o precioso néctar que “torna o mundo lindo e inspira o artista”.

É sempre de lembrar António Correia de Oliveira, o nosso poeta de Belinho, Esposende.

Assim, louva o vinho “Loiro fio de azeite a urgir-lhe o caldo; / Tragos os de vinho a batizar-lhe o pão”.

O VINHO NA BIBLIA

O vinho é tratado na Bíblia tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento: “No livro de Ben Sira podemos ler: “O vinho é como a vida para os homens, se o beberes moderadamente. Que vida é a do homem a quem falta o vinho? Ele foi criado para a alegria dos homens. Alegria do coração e júbilo da alma é o vinho, bebida a seu tempo e moderadamente”.

Na Primeira Carta a Timóteo é lembrado ao discípulo de Paulo que beba vinho: “Doravante não bebas só água, mas toma um pouco de vinho”.

É de sublinhar a importância do vinho nas bodas de Caná e na “Ultima Ceia”: “Jesus tomou o cálice com vinho e disse: “Este é o sangue da Nova Aliança”.

O Pe. António Vieira no Sermão da Segunda Dominga da Quaresma diz que: “O vinho é aquele cordial simples, medicado pela natureza para alegrar o coração do homem”.

O nosso povo diz que “com pão e vinho se anda a caminho”; “pão pela cor e vinho pelo sabor”

PRATICAS CEREMONIAIS

Nas festividades cíclicas, agrárias e sociais, o vinho é por excelência o elemento sublimador da comensalidade, o poderoso referente da coesão social, assim escreve Benjamim Pereira.

Em certas povoações, o namoro das raparigas só era permissível a forasteiros, após o pagamento de determinada rodada de vinho aos presentes na taberna da aldeia, sendo lhes passados, após o ritual, um género de passaportes assinados pelos beneficiados e carimbados com o precioso liquido do fundo das malgas.

A caneca e a malga permanecem sempre prontas na adega para serem utilizadas, e alimentarem comentários da boa vizinhança, por vezes “juízos sobre acontecimento das comunidades rurais” ou dos “falatórios”.

O Prior António Quesado, que for Pároco em Vila Franca, Viana do Castelo, apreciado cultivador da amizade e da comensalidade dizia: “vinho bom, com peso e medida, alegra a gente, faz bom ventre e limpa o dente”.

E dando largas ao seu perfil de bom conselheiro escreveu: “Quem ou copo souber pedir conselhos, / nem tristezas nem maleitas o consomem; / porque o vinho, lá diz o evangelho / só da alegria e saúde ao homem”.

Continua na pág. seguinte

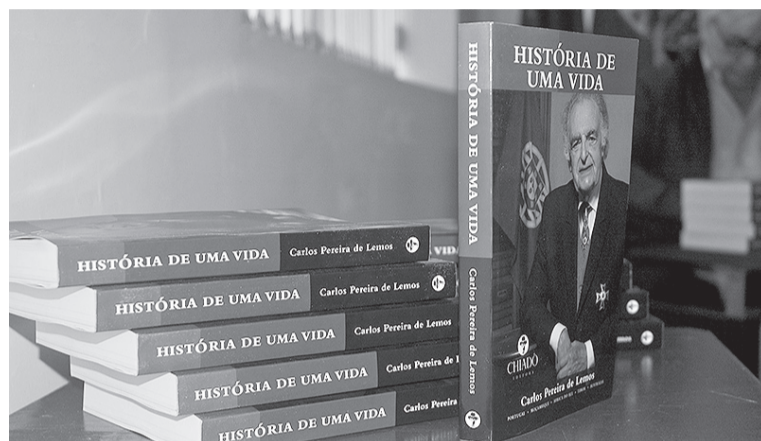
Carlos Pereira de Lemos apresentou a "História de Uma Vida" em Melgaço

Uma história através de continentes e do século XX de Melgaço à Austrália

Carlos Pereira de Lemos, Cónsul Honorário de Portugal em Melbourne, trouxe até Melgaço, sua terra natal, a "História de Uma Vida", contada em livro. A história da própria vida, pouco comum, conta-se através de momentos de Melgaço à Austrália, passando por Monção, Lisboa, Moçambique e Timor. As memórias vertidas em livro, mais que um roteiro através de nações, são atentos e detalhados recortes de momentos da vida social e política de outras paragens.

Na sessão de apresentação, que decorreu a 14 de outubro no Salão Nobre da Câmara Municipal de Melgaço, o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, enalteceu a coragem do "melgacense que não teve medo de rasgar horizontes" e incentivou a que os filhos da terra que vencem na missão de fazer e deixar obra em qualquer das paragens do mundo "devem regressar à sua terra para dar testemunho" do seu sucesso.

O padre Carlos Vaz, director d'"A Voz de Melgaço", apresentou o autor através de algumas das passagens do livro e no contexto social e temporal dos momentos recordados. São por isso de análise atenta as origens humildes de Carlos Pereira de Lemos, das relações entre a vida na montanha e os lobos, que chegaram a cercar a barraca onde Carlos Lemos, ainda adolescente, pernitoou. Esta memória, contada no livro e sublinhada pelo padre Carlos Vaz na sessão, emoldura-se no contexto de um concelho onde



a rede viária para as freguesias era quase inexistente.

Por pouco mais de 12 centavos, Carlos Pereira de Lemos comprou roupa para começar a trabalhar numa loja em Melgaço. Anos depois, em Monção, trabalhava no Café Mané, aprendeu a andar de bicicleta e a olhar para a linha do comboio com a curiosidade de saber como seria o mundo se se deixasse levar pelo gigante de ferro para lá das montanhas. Um dia ganhou coragem, meteu-se mesmo no comboio e foi conhecer o mundo que ambicionava.

O desfilir de memória leva o leitor a Lisboa, a um encontro com Samora Machel, já em Moçambique, à Afria do Sul e à vida de um topógrafo e de uma analista (Molly, esposa de Carlos Pereira de Lemos) que tinha como objecto de estudo os aborígenes, na Austrália.

Aos 90 anos, cerca de três anos depois de se sentar para escrever as memórias da sua história de vida,

Carlos Pereira de Lemos – Cónsul Honorário de Melbourne, na Austrália, desde 1985 – expõe ao mundo o mundo que viu e se foi transformando ao longo das quase nove décadas daquele que foi o século da evolução tecnológica, mas também o século sangrento, o século vinte.

Recorde-se que 'História de Uma Vida' foi publicado em Junho deste ano pela Chiado Editora e foi lançado no dia 23 de Setembro, na Fundação Pro Dignitate, em Lisboa, pelo Embaixador Rui Quartin Santos, ex-Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Embaixador na Austrália, e por Manuela Aguiar, ex-Secretária de Estado da Emigração e responsável do prefácio do livro. O prefácio contém ainda mensagens de José Ramos-Horta, do Embaixador Rui Quartin Santos, e de Sir James Gobbo, ex-Governador do Estado de Victoria e Juiz do Supremo Tribunal.

João Martinho

Continuação da pág. anterior

MATA O TEU PORQUINHO

Na economia doméstica da ruralidade a criação do porquinho ocupa um lugar especial.

Faz parte da paisagem minhota o denominado "cortinho do porco".

Comprado a tempo nas feiras é alimentado com hortaliça, bolota, farinha milha e lavadura.

Engordado o porquinho para o São Martinho, concretiza-se a matança festiva e em dia assinalável.

O matador, homem experiente nestas andanças, chega cedo, e depois de "matar o bicho" vai-se ao trabalho: "sacrificar o animal".

E segue-se todo o ritual trabalhoso e demorado.

Vem o "desmanchar"...

Saboreia-se o sarrabulho, os rojões, não faltando os pelouros, tudo cozinhado por quem sabe da tradição e do bom gosto.

Faz-se o fumeiro com as apetitosas chouriças, chouriços e preparam-se as carnes para as salga-deiras.

Os bons presuntos merecem uma atenção especial, e serão curados com boa lenha e o frio.

O povo ainda dizia: "criar e matar o porquinho é ter o talho em casa".

Sabemos que existe uma dança social nos rituais apontados.

Pois que haja alegria que baste

com castanhas, vinho e porquinho.

"Ande o sol por onde andar, o verão de São Martinho há-de chegar".

É sempre uma satisfação recordar a lenda de "São Martinho, a capa e o pobre".

"No dia de São Martinho mata o teu porquinho, chega-te ao lume, assa as castanhas e bebe o teu vinho".

"Quatro castanhas assadas, / quatro pingas de aguardente, / quatro beijos de uma moça, / fazem um homem contente."

Assim regista Gabriel Gonçalves no "Cancioneiro Temático da Ribeira Lima".

José Rodrigues Lima

VIAGENS NESTA NOSSA TERRA O Concurso Tradicional do Cão de Castro Laboreiro de 1969

(PARTE 1)

A publicação "O Mundo Canino", numa edição de 1969, conta-nos numa reportagem, como foi o Concurso Tradicional do Cão de Castro Laboreiro desse ano, realizado nesta localidade. Na dita peça jornalística,



podemos ler que "Aquele ia ser um dia diferente, mesmo dentro da concepção do que deve ser o quotidiano de um jornalista: observação, retenção, descrição - e, eventualmente, crítica - de acontecimentos vários, originais, inesperados. E ia ser diferente porque não é vulgar, no contexto multimodo da profissão, um jornalista ocupar toda a sua jornada de trabalho com uma reportagem em que o cão é o assunto. Mais do que o cão, um cão. E por causa de um cão específico me levantei mais cedo e jordaneei, pela fresca, Portugal acima, rolando com o mar à esquerda, até chegar ao ponto onde um rio é fronteira e, depois, acompanhando o rio no sentido leste, rumar à vila de Melgaço, onde começaria a trepar para a povoação de Castro Laboreiro. Era aí que me esperava o meu cão.

A viagem, com muitos atractivos paisagísticos e a breve paragem para o almoço, num afamado restaurante de Monção, foram pormenores acessórios da empresa; o objectivo era Castro Laboreiro e a anunciada cerimónia em que os cães que da terra tiveram o nome iriam ser vedetas.

Por isso, e contra o que seria normal, não demos ouvidos à voz do mar, ignorámos as sugestões da folhagem cor-de-fogo e dos povos de casas baixas, antigas e sólidas, atentámos no nevoeiro apenas porque a sua presença em farrapos húmidos nos permitia, unicamente, visões parceladas do caminho e, quando o destino estava próximo, um contacto mais íntimo com as fugidias pessoas e coisas que já sabíamos fazerem parte do «habitat» do nosso «herói» da jornada, o Cão de Castro Laboreiro.

Mas que ia passar-se, afinal, em Castro Laboreiro? Para quê toda esta história de viagem com fim determinado, na senda de um cão?

Tudo principiara com uma conversa, uma alusão, um convite. Em Castro Laboreiro, lá para a serra, ia reallzar-se um concurso anual de cães. Não um desses certames muito reclamados e muito elegantes onde o desfile das damas e donzelas pretende rivalizar, em porte, elegância, distinção e raça, com o próprio desfile dos galgos, dos «caniches», dos «podengos», dos «danois» e dos «foxes». Este era um concurso especial, tão puro como a serra, tão inocente como as pessoas, que com os cães, iriam desfilir. Tal promessa me houvera sido feita, na véspera deste dia diferente em que subi aos píncaros de Castro Laboreiro, acima do nevoeiro e para lá - ou antes - da civilização e dos seus complicados rituais.

E pronto, eis-nos chegados ao fim da estrada, ao cume da terra, à povoação pendurada chamada Castro Laboreiro, que é onde um certo cão «tem o seu solar» e «donde tirou o nome».

O padre Aníbal, abrindo um sorriso com tantos dentes como há nos sorrisos de Fernandel, dirigia a festa. Após as apresentações, ficou-se a saber que o padre Aníbal era um apaixonado pela Natureza, um devoto de Santo Huberto «Dou os meus tirinhos, gosto de os dar - aos pássaros, não às pessoas, evidentemente!», dizia o padre, num grande sorriso) e um dos responsáveis pelo brilho já tradicional daquele concurso quase ignorado.

(CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO)

Extraído de: O Mundo Canino (1969)

Valter Alves

(Blogue "Melgaço, entre o Minho e a Serra")

Viagem à Noruega [Oslo, Myrdal e Flam] 2

29 de Junho a 05 de Julho



A passagem por Oslo foi muito rápida. Uma tarde e uma noite, o suficiente para notar o apreço que os Noruegueses têm pela natureza, espelhada sobretudo na abundância dos seus parques. A origem do nome Oslo sugere precisamente o lugar idílico dos deuses. Na sua matriz há duas palavras arcaicas: Ás a significar deus e lo a significar pasto, ou seja, "campo dos deuses".

Amantes da natureza, muito mais do que do bulício das grandes cidades, privilegiam-na fraternalmente, não depreciando, porém, as construções modernas, já do século XXI, vanguardistas, que ali convivem com outras realizações urbanísticas mais pesadas do século passado, na capital relativamente pequena - 640 000 habitantes.

Convém referir que o Prémio Nobel da Paz é também atribuído anualmente em Oslo (os restantes são em Estocolmo, na Suécia). Certamente todos recordámos que este ano coube a Juan Manuel Santos, Presidente da Colômbia, por conseguir dialogar com o grupo de guerrilha marxista - Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). O Sueco Alfredo Nobel, em 1895, por testamento, legou a sua fortuna para que, com ela, criassem o Nobel, contemplando cinco prémios.

O da paz, porém, tem lugar em Oslo por razões históricas. É que, nessa altura, a Noruega estava ligada à Suécia, e o seu fundador, em homenagem à sua segunda pátria, assim determinou. Depois da independência, em 1905, não havia motivo para a Suécia o reivindicar, não fosse ele chamado Prémio Nobel da Paz!

É interessante lembrar ainda aspectos da história da Noruega, uns mais longínquos, outros mais recentes. A presença humana nesta região remonta a períodos ancestrais. Durante os séculos VIII e IX são os Vikings e os Normandos, estes, até ao século XI, os futuros Noruegueses, pessoas ligadas ao mar e à actividade agrária, somente. Para sobreviver procuraram melhorar as condições económicas, cruzando mares, e atingindo terras muito distantes, inclusive a Península Ibérica. Durante o século VIII, ei-los a formarem comunidades de guerreiros, donde emergiram reinos, cujos chefes se guerreavam entre si. Surge Haroldo I, o «da famosa cabeleira» (séc. XI), que vencendo os rivais, uniu os reinos, e fundou Oslo. Após a sua morte, gerou-se a desunião, restabelecida depois por Santo Olavo, o qual levantou a catedral com o respectivo "bispado".

Haakon V, nos fins do século XIII, deu à Cidade grande

impulso económico, protegeu-a militarmente, muralhando-a, a fim de evitar o perigo de Este, da vizinha Suécia. Entretanto a Liga Hanseática traçou-lhe o declínio comercial ao privilegiar os portos de Estocolmo e de Copenhaga. Para maior infortúnio, a peste bubónica, em meados do século XIV, dizimou cerca de metade da população.

Nesta altura a Noruega uniu-se à Dinamarca (1397 a 1624), ficando política e defensivamente sob o seu domínio. Oslo entrou na obscuridade, e, em 1624, sofreu um enorme incêndio. O rei Cristiano IV decidiu tirá-la das cinzas, reconstruiu-a, chamando-lhe Cristiana, a lembrar-lhe a submissão à coroa dinamarquesa.

Em 1814, com a invasão napoleónica sofreu novo revés, foi anexada à Suécia por se ter aliado à Inglaterra e à Rússia. Operou-se, em 1905, por um plebiscito, a independência, apoiado numa sociedade cansada, durante séculos, de subjugação, no nacionalismo sustentado nos valores da sua literatura e na prosperidade económica, proveniente da exploração do petróleo no Mar do Norte. A capital voltou a chamar-se Oslo em 1925.

Depois deste percurso histórico, a Noruega conquistou-nos, sentimo-la mais quente. Geograficamente distante, lá na Península

la Escandinávia, com uma linha de costa extremamente recortada, a atingir 24000 km que a torna única no mundo, consegue evidenciar singular beleza em múltiplos cenários: sol da meia-noite, chuva ou neve espessa, aurora boreal... Vem-lhe do Norte, do Oceano Glacial Ártico, o gelo; do Oeste, dos mares do Norte e da Noruega, as praias geladas dos inúmeros fiordes; e do Sul, a elegância do estreito de Skagerrak.

São 2615 km de comprimento os limites terrestres, dos quais 1600 km são com a Suécia, a Este; a Rússia e Finlândia, a Nordeste.

Preparados para o frio, e para apreciarmos parte desses cenários, saímos do hotel a pé, cerca de quinze minutos, até à estação de caminho-de-ferro, junção de Oslo com Bergen ou Este-Oeste. O comboio partiu às 08.00 h, e a nossa viagem estendeu-se até Myrdal, situada acima do nível do mar 864m.

Desta estação sai uma das mais famosas linhas férreas do mundo, a Flamsbana. Extraordinariamente íngreme, 20 km a serpentear por entre montanhas, brincando ao esconde-esconde através de os seus 20 túneis, desnuda a floresta selvagem, flores agrestes, uma ou outra casa inimaginavelmente isolada, que-

das de água, muitas. Na maior, a água borrifava tudo ao redor, e o comboio parou! Saímos. Sobre a plataforma de um enorme penhasco, Kjosfossen, uma rapariga dançava ao som da música, envolvida nas nuvens formadas pela água gelada da catarata. Segundo a tradição, atraídos pela sua beleza, os homens precipitavam-se no abismo! Depois de inúmeras fotografias ao panorama inesperado, partimos até Flam, noutra comboio, ao encontro do Fiorde dos Sonhos.

Já em Flam, o espanto para mim foi talvez o maior devido ao contraste existente nesta pequena aldeia. Os olhos habituados a paisagens intocáveis, agrestes, entre montanhas, espantavam-se agora com um enorme navio a flutuar no Fiorde dos Sonhos! Percebi então a ilusão óptica, vi tudo à dimensão daquele recanto do céu... Mas afinal tratava-se de um braço de mar que pode receber até o «Queen Elisabeth»!

Chegámos pelas 14.00 horas. Almoçámos. E numas horas de fuga, a memória guardou, como um tesouro, aquela aldeia, quase secreta, embora aberta aos turistas (mais de 500000 por ano) e praticantes de desporto.

*Texto: M. Nadalete da Costa Lopes
Fotografias: Eduarda Braga*